

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



***Nós, a gente* e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural**

Maíra Vasconcellos de Paiva Sória

Dissertação

Mestrado em Linguística

2013

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



***Nós, a gente* e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural**

Maíra Vasconcellos de Paiva Sória

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Maria Martins

Mestrado em Linguística

2013

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer a todos os que me apoiaram ao longo de todos os meses dedicados a este trabalho.

Aos meus pais, Márcia Vasconcellos de Paiva Oliveira e Mario de Oliveira Filho (em memória), que sempre me incentivaram aos estudos e me asseguraram tudo aquilo de que precisei para atingir os meus objetivos.

Aos meus irmãos, Bárbara Vasconcellos Blanch e Vinícius Vasconcellos de Paiva Oliveira, pelo apoio e companheirismo de sempre.

Ao meu marido, Thiago Melosi Sória, sem quem eu jamais teria conseguido, pelo incentivo, suporte, amor e pelas críticas na hora certa.

À Professora Doutora Ana Maria Martins, pela total disponibilidade, generosidade e pelas diversas sugestões construtivas que tanto me orientaram neste estudo.

À minha amiga e colega de Faculdade, Núria Borba Silva, pela ajuda constante, pelas conversas e pelas risadas.

Aos Professores do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com quem tive o prazer de ter aula, por tudo o que pacientemente me ensinaram, especialmente o gosto pela Linguística.

Às minhas colegas de curso, com quem dividi tantas dúvidas, angústias e informações.

A todos os meus parentes e amigos que torceram pelo meu sucesso.

Muito obrigada!

Esclarecimento

Gostaria de esclarecer que, como brasileira que sou, escrevi esta dissertação no português brasileiro, muito embora o fato de eu ter residido em Lisboa durante um período possa ter deixado alguns vestígios do português europeu na minha gramática interna.

RESUMO

Estudam-se, neste trabalho, as ocorrências da nova forma pronominal *a gente*, do tradicional pronome de 1ª pessoa do plural *nós* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos de Portugal continental (representados no *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*, CORDIAL-SIN) e numa amostra dialetal do português do Brasil (*Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*, ALFSB), com os objetivos de: identificar semelhanças e contrastes entre os dialetos e, em particular, entre as variedades europeia e brasileira do português; e testar a hipótese de que a entrada de *a gente* no quadro pronominal do português do Brasil estará relacionada com a simplificação da pauta de pronomes, com o enfraquecimento do paradigma de flexão verbal e com a perda das propriedades de língua de sujeito nulo (Duarte, 1993, 1995, 2003). A partir do levantamento das ocorrências de *nós*, *a gente* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, desenha-se um panorama geral da presença de cada um desses elementos no território português, bem como da frequência de *a gente* relativamente à de *nós* e à do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos portugueses e brasileiros. Uma vez que existe na literatura a hipótese de correlação diacrônica entre a inserção de novos pronomes no sistema pronominal (nomeadamente, *a gente* e *você(s)*), a simplificação desse sistema, o enfraquecimento do paradigma de flexão verbal e a perda/redução das propriedades do sujeito nulo no português do Brasil, esta investigação concentra-se também na análise dos padrões de concordância verbal desencadeados por *nós* e *a gente* nas duas variedades do português. A partir dessa análise, concluímos, resumidamente, que: a entrada de *a gente* não resulta necessariamente na eliminação/marginalidade de *nós* e, portanto, não está na base da reação em cadeia que culminou no desaparecimento/marginalidade do sujeito nulo na variedade brasileira. O enfraquecimento do paradigma verbal, por outro lado, parece resultar na redução/marginalidade das ocorrências de sujeito nulo.

Palavras-chave: *Nós*. *A gente*. Sujeito nulo. Concordância verbal. Variação dialetal.

ABSTRACT

This work studies the use of the new pronominal form “*a gente*” (1st person plural pronoun), the traditional 1st person plural pronoun “*nós*” (*we*) and the 1st person plural null subject in the dialects of mainland Portugal (represented in *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*, CORDIAL-SIN) and in a dialectal sample of Brazilian Portuguese (*Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*, ALFSB), with the following objectives: to identify similarities and differences between the dialects and, in particular, between the European and Brazilian varieties of Portuguese; and test the hypothesis that the inclusion of “*a gente*” in the Brazilian Portuguese pronominal system will be related to the simplification of the pronominal paradigm, to the weakening of the paradigm of verbal inflection and to the loss of the null subject languages properties (Duarte 1993, 1995, 2003). A survey of the uses of “*nós*”, “*a gente*” and the 1st person plural null subject in the Portuguese territory is conducted, which allows to establish the geographic distribution of each one of these elements in the Portuguese territory, as well as the frequency of “*a gente*” relative to “*nós*” and to the 1st person plural null subject in Portuguese and Brazilian dialects. Because it is hypothesized in the literature that there would be a diachronic correlation between the insertion of new pronouns in the pronominal system (namely, “*a gente*” and “*você(s)*” – 2nd person singular and plural pronouns), the simplification of this system, the weakening of the verbal inflection paradigm and the loss/reduction of the null subject properties in Brazilian Portuguese, this research also focuses on the analysis of the verbal agreement patterns triggered by “*nós*” and “*a gente*” in the two varieties of Portuguese. This inquiry leads us to the conclusion that, overall: the inclusion of “*a gente*” in the pronominal system does not necessarily imply the elimination/marginalization of “*nós*” and therefore it is not the root cause of the sequence of changes that have culminated in the disappearance/marginalization of null subjects in the Brazilian variety. On the other hand, the weakening of the verbal paradigm appears to imply, in fact, the reduction/marginalization of the uses of null subjects.

Keywords: *Nós* (1st person plural pronoun). *A gente* (1st person plural pronoun). Null subject. Verbal agreement. Dialectal variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização geográfica das localidades da ALFSB (PB)	19
Figura 2 - Localização geográfica das localidades do CORDIAL-SIN (PE).....	22
Figura 3 - O uso de <i>a gente</i> em estudo diacrônico com falantes cultos e não-cultos	38
Figura 4 – O uso de <i>a gente</i> por faixa etária entre falantes cultos.....	39
Figura 5 – O uso de <i>a gente</i> por faixa etária entre falantes não-cultos.....	39
Figura 6 – Percentagem de sujeitos nulos no PB	60
Figura 7 – A presença de <i>a gente</i> no território português continental (de acordo com os dados do corpus CORDIAL-SIN)	66
Figura 8 – A presença de <i>nós</i> no território português continental (de acordo com os dados do corpus CORDIAL-SIN)	68
Figura 9 – A presença de <i>a gente</i> + P4.....	85
Figura 10 – A presença de <i>a gente</i> + P6.....	87
Figura 11 – Localidades analisadas no PB dialetal (da coleção <i>Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano</i>).....	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Contagem total das ocorrências em Anselino da Fonseca, Piemonte da Diamantina (PB).....	23
Tabela 2 - Contagem total das ocorrências em Porto de Vacas, Coimbra (PE)	23
Tabela 3 - Pronomes pessoais (formas fortes).....	30
Tabela 4 - Quadro pronominal do PB contemporâneo	31
Tabela 5 - <i>Nós</i> e <i>a gente</i> : concordância de gênero e número	44
Tabela 6 - Controle do referente vs. estratégias de concordância	44
Tabela 7 - Estratégias de concordância verbal com <i>nós</i> e <i>a gente</i> entre falantes não-cultos ...	48
Tabela 8 - Gênero e número de <i>a gente</i> em questionário sobre as preferências de concordâncias em estruturas predicativas.....	52
Tabela 9 - Padrões de concordância de <i>a gente</i> em contextos predicativos no português dialetal	53
Tabela 10 - Situação anterior: seis padrões de flexão verbal	58
Tabela 11 - Situação atual: três padrões de flexão verbal	59
Tabela 12 - Situação atual no imperfeito do indicativo: dois padrões de flexão verbal	59
Tabela 13 - O sujeito pronominal nulo segundo a desinência verbal no português afro-brasileiro	62
Tabela 14 - Cruzamento da pessoa do discurso com a desinência verbal	63
Tabela 15 - A produtividade do pronome <i>a gente</i> na subamostra do século XX.....	64
Tabela 16 - A frequência de sujeitos realizados com <i>nós</i> vs. <i>a gente</i> nos dialetos do PE continental	74
Tabela 17 - A frequência de sujeitos realizados com <i>nós</i> vs. <i>a gente</i> + verbo flexionado nos dialetos do PE continental	75
Tabela 18 - A frequência do sujeito pronominal <i>nós overt</i> e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental	77
Tabela 19 - A produtividade de <i>a gente overt</i> vs. elipse de <i>a gente</i> nos dialetos do PE continental	82
Tabela 20 - Os três padrões de flexão verbal desencadeados por <i>a gente</i> nos dialetos do PE continental	88
Tabela 21 - Os padrões de flexão verbal desencadeados por <i>nós</i> nos dialetos do PE continental	90

Tabela 22 - <i>Nós, a gente</i> e o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental	92
Tabela 23 - A frequência de 1ª pessoa do plural associada aos sujeitos pronominais <i>nós</i> e <i>a gente</i> e a um sujeito nulo nos dialetos do PE continental.....	94
Tabela 24 - <i>Nós, a gente</i> e o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental	97
Tabela 25 - A frequência total de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> na amostra dialetal do PB do semiárido baiano	104
Tabela 26 - A frequência de sujeitos realizados com <i>nós</i> vs. <i>a gente</i> na amostra dialetal do PB do semiárido baiano.....	104
Tabela 27 - A frequência do sujeito pronominal <i>nós overt</i> e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural na amostra dialetal do PB do semiárido baiano	105
Tabela 28 - A produtividade de <i>a gente overt</i> vs. elipse de <i>a gente</i> na amostra dialetal do PB do semiárido baiano.....	106
Tabela 29 - Os padrões de flexão verbal desencadeados por <i>a gente</i> na amostra dialetal do PB do semiárido baiano.....	108
Tabela 30 - Os padrões de flexão verbal desencadeados por <i>nós</i> na amostra dialetal do PB do semiárido baiano.....	113
Tabela 31 - A produtividade de <i>nós</i> + 1PL, de <i>nós</i> + 3SG e do sujeito nulo de 1PPL na amostra dialetal do PB do semiárido baiano	115
Tabela 32 - <i>Nós, a gente</i> e o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural na amostra dialetal do PB do semiárido baiano.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

ALFSB	<i>Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano</i>
CORDIAL-SIN	<i>Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe</i>
DOC	documentador (nos exemplos do PB)
INF	informante (nos exemplos do PE e do PB)
INQ	inquiridor (nos exemplos do PE)
P1	1ª pessoa do singular
P2	2ª pessoa do singular
P3	3ª pessoa do singular
P4	1ª pessoa do plural
P6	3ª pessoa do plural
PB	português do Brasil
PE	português europeu
PM	português de Moçambique
PPL	pessoa do plural
PSG	pessoa do singular
PSN	Parâmetro do Sujeito Nulo
SN	Sintagma Nominal

LISTA DE ABREVIATURAS DAS LOCALIDADES

Corpus do PE:

1. **VPA** Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo.)
2. **CTL** Castro Laboreiro (Viana do Castelo)
3. **PFT** Perafita (Vila Real)
4. **AAL** Cast.Vide, Porto da Esp., S. Salv. Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre)
5. **PAL** Porches, Alte (Faro)
6. **CLC** Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)
7. **PST** Camacha, Tanque (Funchal)
8. **MST** Monsanto (Castelo Branco)
9. **FLF** Fajãzinha (Horta)
10. **MIG** Ponta Garça (Ponta Delgada)
11. **OUT** Outeiro (Bragança)
12. **CBV** Cabeço de Vide (Portalegre)
13. **MIN** Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo)
14. **FIG** Figueiró da Serra (Guarda)
15. **ALV** Alvor (Faro)
16. **SRP** Serpa (Beja)
17. **LVR** Lavre (Évora)
18. **ALC** Alcochete (Setúbal)
19. **COV** Covo (Aveiro)
20. **PIC** Bandeiras, Cais do Pico (Horta)
21. **PVC** Porto de Vacas (Coimbra)
22. **EXB** Enxara do Bispo (Lisboa)
23. **TRC** Fontinhas (Angra-do-Heroísmo)
24. **MTM** Moita do Martinho (Leiria)
25. **LAR** Larinho (Bragança)
26. **LUZ** Luzianes (Beja)
27. **FIS** Fiscal (Braga)
28. **GIA** Gião (Porto)
29. **STJ** Santa Justa (Santarém)
30. **UNS** Unhais da Serra (Castelo Branco)
31. **VPC** Vila Pouca do Campo (Coimbra)
32. **GRJ** Granjal (Viseu)
33. **CRV** Corvo (Horta)
34. **GRC** Graciosa (Angra do Heroísmo)
35. **MLD** Melides (Setúbal)
36. **STA** Santo André (Vila Real)
37. **MTV** Montalvo (Santarém)
38. **CLH** Calheta (Angra do Heroísmo)
39. **CPT** Carrapatelo (Évora)
40. **AJT** Aljustrel (Beja)
41. **STE** Santo Espírito (Ponta Delgada)
42. **CDR** Cedros (Horta)

Corpus do PB:

1. **AF** Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina)
2. **RC** Rio de Contas (Chapada Diamantina)

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Apresentação.....	14
1.2 A estrutura do trabalho	15
1.3 Descrição dos <i>corpora</i> (PE e PB)	18
1.3.1 O <i>corpus</i> do PB	18
1.3.2 O <i>corpus</i> do PE	20
1.4 A seleção e os critérios de classificação dos <i>corpora</i>	22
1.4.1 O levantamento dos dados	22
1.4.2 Tipo de transcrição	24
1.4.3 Sequências imperceptíveis ou abandonadas: (...).....	24
1.4.4 Formas e sequências repetidas: (...) ou (RP).....	25
1.4.5 Divergências de audição: (xxx) /yyy\	26
1.4.6 Alternância de sujeitos	26
1.4.7 Padrões de concordância verbal	27
1.5 Síntese dos resultados	28
2 NÓS E A GENTE NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO DE ACORDO COM OS TRABALHOS DE COSTA, DUARTE, LOPES, MENUZZI, PEREIRA E VIANNA, ENTRE OUTROS	30
2.1 Pronomes pessoais sujeito	30
2.2 Breve percurso histórico de <i>a gente</i> : de nome a pronome	33
2.3 Argumentos a favor da classificação de <i>a gente</i> como um pronome pessoal.....	34
2.4 Hipóteses acerca de <i>a gente</i> : a mistura de características.....	34
2.5 As correferências de <i>a gente</i>	35
2.6 A <i>gente</i> no português do Brasil	36
2.6.1 A frequência <i>nós</i> vs. <i>a gente</i>	37
2.6.2 Fatores favorecedores de <i>nós</i> e de <i>a gente</i>	40
2.6.3 Gênero e número	41
2.6.4 Flexão verbal	46
2.7 A <i>gente</i> no português europeu	49
2.7.1 Flexão verbal	49
2.7.2 Gênero e número	51
2.7.3 Duplo sujeito	53
3 A HIPÓTESE DE CORRELAÇÃO DIACRÔNICA ENTRE MUDANÇA DO SISTEMA PRONOMINAL, ENFRAQUECIMENTO DA FLEXÃO VERBAL E ALTERAÇÃO DAS PROPRIEDADES DE SUJEITO NULO NO PB	55
3.1 O Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN).....	55
3.2 A redução do sistema de flexão verbal e das propriedades do sujeito nulo no PB.....	57
4 NÓS, A GENTE E O SUJEITO NULO DE 1ª PESSOA DO PLURAL NOS DIALETOS DO PE	64
4.1 A distribuição geográfica de <i>nós</i> e <i>a gente</i> no território português	64
4.1.1 A distribuição geográfica de <i>a gente</i> no PE	65
4.1.2 A distribuição geográfica de <i>nós</i> no PE	67
4.2 Argumentos a favor da classificação de <i>a gente</i> como um pronome pessoal.....	69
4.3 A frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> no território português	74
4.4 A frequência do sujeito pronominal <i>nós</i> realizado e do SUJEITO NULO de 1ª pessoa do plural	77

4.4.1 A elipse de <i>a gente</i>	79
4.4.2 A frequência da elipse de <i>a gente</i>	82
4.5 Os padrões de concordância verbal desencadeados por <i>a gente</i>	83
4.6 Os padrões de concordância verbal desencadeados por <i>nós</i>	89
4.7 A hipótese de correlação diacrônica entre mudança do sistema pronominal, enfraquecimento da flexão verbal e alteração das propriedades de sujeito nulo	91
4.7.1 A entrada de <i>a gente</i> no quadro pronominal e as formas verbais de 1ª pessoa do plural	93
4.8 Síntese dos resultados	95
5 <i>NÓS, A GENTE E O SUJEITO NULO DE 1ª PESSOA DO PLURAL EM UMA AMOSTRA DIALETAL DO PB</i>	102
5.1 Identificação da área geográfica	102
5.2 A frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas duas localidades do PB	103
5.3 A frequência do sujeito pronominal <i>nós</i> realizado e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural	105
5.3.1 A elipse de <i>a gente</i>	105
5.4 Os padrões de concordância desencadeados por <i>a gente</i>	107
5.4.1 Flexão verbal	107
5.4.2 Flexão de gênero e número	109
5.5 Os padrões de concordância verbal desencadeados por <i>nós</i>	111
5.6 A hipótese de correlação diacrônica entre mudança do sistema pronominal, enfraquecimento da flexão verbal e alteração das propriedades de sujeito nulo no PB	114
5.7 Síntese dos resultados	116
6 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	124

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Qualquer falante nativo do português europeu (doravante, PE) ou do português brasileiro (PB) está familiarizado com a forma *a gente*, seja como utilizador, seja como ouvinte. Apesar disso, a inserção dessa expressão no quadro pronominal das gramáticas tradicionais, bem como o seu ensino nas escolas primárias, ainda é bastante restrita e controversa. Há, no entanto, diversos trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Trata-se de estudos que investigam desde a concorrência que essa nova forma pronominal estabeleceu com o pronome tradicional de 1ª pessoa do plural *nós* (Lopes, 1993, 2003, 2004, 2007; Menuzzi, 1999, 2000; entre outros) até as consequências do aumento da sua produtividade no processo de redução dos sujeitos nulos no PB (Duarte, 1993, 1995, 2003; entre outros), entre outros.

Nesta investigação, o nosso objetivo é comparar os resultados apresentados em alguns desses estudos às ocorrências que levantamos de *nós*, de *a gente* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental (*Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*, CORDIAL-SIN) e numa amostra dialetal do PB (coleção *Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*, ALFSB).

Conforme adiantamos, diversos trabalhos (Barbosa, Duarte & Kato, 1993; Cyrino, Duarte & Kato, 2000; Duarte, 1993, 1995, 2003, entre outros) demonstram que o PB está reduzindo a ocorrência de sujeitos nulos referenciais, preferindo a forma plena nos contextos em que o PE e outras línguas de sujeito nulo optam pela forma nula. Uma das explicações para tal fenômeno se deve ao “empobrecimento” do sistema flexional do PB, que, ao substituir os pronomes de 2ª pessoa do singular e do plural *tu/vós* pelos pronomes de tratamento *você/vocês* e o pronome de 1ª pessoa do plural *nós* pelo *a gente*, simplificou o seu quadro pronominal e sofreu uma redução no paradigma de flexões verbais, passando de seis concordâncias (*eu estudo, tu estudas, ele estuda, nós estudamos, vós estudais, eles estudam*) para apenas três (*eu estudo, você/ele/a gente estuda, vocês/eles estudam*).

Paralelamente à diminuição do número de sujeitos nulos, outros estudos (Lopes, 1993, 2003, 2004, 2007) demonstram que o PB vem aumentando a produtividade de *a gente* relativamente à de *nós*. Segundo esses trabalhos, o PB estaria passando por um processo de substituição de *nós* por *a gente*, reservando o pronome tradicional para os contextos mais

formais, escritos, ou para a gramática de pessoas com mais idade.

Relativamente ao PE, por outro lado, há estudos que mostram que a inserção de *a gente* no sistema pronominal se deu de maneira menos incisiva. Com base em textos do século XX, Lopes (2003) verificou que a nova expressão pronominal se estabeleceu muito mais rapidamente no PB e na variedade moçambicana do português do que no PE. Segundo os dados levantados pela autora, a produtividade de *a gente* é muito mais expressiva no PB, seguida de perto do português de Moçambique (PM). Os índices de produtividade do PE, no entanto, são distantes dos das demais variedades do português.

A partir dessas informações, interessou-nos analisar as seguintes questões nos dados recolhidos para esta investigação:

- i) Qual é a extensão da presença de *a gente*, de *nós* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural no território continental português (CORDIAL-SIN);
- ii) Qual é a frequência de *a gente* (relativamente à de *nós* e à do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural) nos dialetos do PE (CORDIAL-SIN);
- iii) Qual é a frequência de *a gente* (relativamente à de *nós* e à do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural) na amostra dialetal do PB (ALFSB);
- iv) Qual é exatamente a natureza das diferenças do uso de *a gente* (relativamente ao de *nós* e ao do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural) que se observam entre PB e PE e entre variedades dialetais do PE;
- v) Em que medida pode ser mantida a hipótese de que a entrada de *a gente* no sistema pronominal contribuiu para o “empobrecimento” do sistema de flexão verbal e para a perda do sujeito nulo no PB, tendo em conta que tal não aconteceu no PE.

1.2 A estrutura do trabalho

Neste primeiro capítulo, iremos apresentar, além do tema e dos objetivos desta investigação, quais são as fontes dos dados analisados (*corpus* do PE e do PB), os critérios adotados na classificação desses dados e uma síntese dos resultados obtidos.

No segundo capítulo, apresentaremos uma breve revisão da literatura no que diz respeito às produções dos pronomes *nós* e *a gente* no português contemporâneo. Começaremos por descrever o quadro pronominal mais frequentemente encontrado nas gramáticas tradicionais, bem como a revisão deste quadro proposta por Lopes (1993), com a

inserção de *você(s)* e *a gente*. Iremos, então, rever o que algumas gramáticas tradicionais e outras obras aproximáveis das gramáticas dizem acerca de *a gente* e como esse pronome já foi classificado em algumas delas: pronome de tratamento, pronome indefinido, nome, etc. Faremos, ainda, um resumo sobre o percurso histórico do nome *gente* até a sua estabilização como o pronome *a gente* (Lopes, 1993, 2003) e apresentaremos os argumentos clássicos a favor da sua classificação como um pronome pessoal (Menuzzi, 2000; Nascimento, 1989). Abordaremos, também, as hipóteses levantadas por Vianna e Lopes (2003) e Menuzzi (1999, 2000) sobre a mistura de características a que a forma *a gente* está submetida. Descreveremos, em seguida, as diversas correferências a que pode ser ligada (Nascimento, 1989). Apresentaremos, então, alguns dos estudos de Lopes (1993, 2003, 2004) que mostram o quão rápido foi o crescimento do uso de *a gente* no PB, bem como os possíveis fatores favorecedores dessa utilização. Ainda relativamente ao PB, iremos mostrar os resultados de alguns estudos realizados com informantes cultos (Lopes, 2004) e não-cultos (Vianna, 2003) acerca das concordâncias desencadeadas por *a gente*: concordância verbal e concordância de gênero e número em estruturas predicativas (Lopes, 1993, 2004; Vianna, 2003; Lopes & Vianna, 2003; Menuzzi, 2000; etc.). Descreveremos, da mesma forma, alguns estudos equivalentes desenvolvidos no PE, relativamente à flexão verbal e à concordância de gênero e número em estruturas predicativas (Costa & Pereira, 2005, 2013; Costa, Moura, Pereira & Araújo, 2001; Pereira, 2003). Apresentaremos, por fim, a análise de Martins (2009) sobre o duplo preenchimento da posição do sujeito com o pronome *a gente* somado ao clítico *se*.

O terceiro capítulo também será dedicado à revisão bibliográfica. Nele, concentrar-nos-emos nos estudos realizados acerca do sujeito nulo. Começaremos por descrever a evolução do Parâmetro do Sujeito Nulo, proposto por Chomsky em 1981 e revisitado por diversos autores ao longo dos anos subsequentes (Jaeggli & Safir, 1989; Kato, 2002, entre outros). Explicaremos, em seguida, a hipótese de correlação diacrônica entre a mudança do sistema pronominal (com a entrada dos novos pronomes *você(s)* e *a gente*), o enfraquecimento da morfologia verbal e a alteração das propriedades do sujeito nulo no PB (Duarte, 1993, 1995, 2003). Apresentaremos, na sequência, os estudos de Duarte (1993) e Lucchesi (2009a) que mostram o processo de redução da frequência do sujeito nulo no PB.

O quarto capítulo será dedicado à descrição e à análise dos dados levantados no PE dialetal (*Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*, CORDIAL-SIN). Começaremos por apresentar a distribuição geográfica de *a gente* no território português, a fim de mostrar a magnitude da sua produção. Compararemos, então, a presença de *a gente* relativamente à de

nós em todo o território continental, mostrando que o novo pronome é produtivo até nos locais em que o pronome tradicional não foi atestado. Na sequência, testaremos as produções de *a gente* em cada um dos argumentos clássicos apresentados no 2º capítulo a favor da sua classificação como um pronome pessoal (Menuzzi, 2000; Nascimento, 1989). Passaremos, então, para a contagem total das ocorrências de *nós* e de *a gente* através dos dialetos, mostrando que, além de presente em mais localidades, o pronome *a gente* também é mais produtivo na maioria delas. Em seguida, compararemos a frequência de *nós* à de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, a fim de checar se a elevada produtividade de *a gente* resultou, ou não, na redução do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, especialmente naqueles locais em que o pronome *nós* não foi atestado. Passaremos, logo depois, à análise das elipses de *a gente* encontradas por todo o *corpus* do PE, verificando que, diferentemente dos sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural, as elipses de *a gente* estão sempre restritas a contextos sintáticos bastante específicos. Mostraremos, na sequência, os padrões de concordância verbal desencadeados por *nós* e por *a gente* nos dialetos do PE: começaremos por apresentar as concordâncias verbais encontradas com *a gente* (na 3ª pessoa do singular, na 1ª do plural e, mais raramente, na 3ª do plural) e passaremos para as flexões encontradas com *nós* (majoritariamente na 1ª pessoa do plural).

Testaremos, em seguida, a hipótese de correlação diacrônica entre a alteração do sistema pronominal (com a inclusão de *a gente* e de *você(s)*), o enfraquecimento da flexão verbal e a alteração das propriedades de sujeito nulo que é descrita para o PB, nos dados do PE, mostrando que altos índices de ocorrência de *a gente* não estão atrelados a baixos índices de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural. Mostraremos, então, que a entrada de *a gente* no quadro pronominal do PE não resultou na redução do sistema de flexão verbal, uma vez que as formas verbais de 1ª pessoa do plural são extremamente produtivas, ligadas aos pronomes *nós* e *a gente overt* ou a uma categoria *pro* vazia. Apresentaremos, por fim, uma síntese dos resultados obtidos a partir dos dados do PE.

No quinto capítulo, faremos a apresentação e a análise dos dados levantados na amostra dialetal do PB (coleção *Amstras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*, ALFSB). Começaremos por identificar a localização geográfica de onde provêm os nossos dados. Em seguida, apresentaremos as frequências de *nós* e de *a gente*, mostrando que a utilização de *nós*, apesar de inferior à de *a gente*, se mantém preservada com altos índices de produtividade (da mesma forma que na maioria das localidades do PE). Na sequência, compararemos os números de sujeitos realizados com o pronome *nós* aos de sujeitos nulos de 1ª pessoa do

plural, a fim de checar se a frequência de sujeitos plenos de 1ª pessoa do plural é superior ou inferior à do seu correspondente sujeito nulo. Mostraremos, então, a semelhança no comportamento das elipses de *a gente* encontradas no PE às identificadas no PB, demonstrando por que essas formas não devem ser confundidas com os verdadeiros sujeitos nulos. Passaremos, então, às concordâncias desencadeadas pela forma *a gente* na amostra dialetal do PB: primeiramente, expondo as concordâncias verbais e, em seguida, as de gênero e número, sempre as comparando às produções encontradas nos dialetos do PE. Trataremos, então, do ponto de maior distanciamento entre os dados do PB e do PE, a concordância verbal desencadeada pelo pronome *nós*, mostrando, logo após, quais as possíveis consequências do novo padrão de flexão verbal desencadeado por esse pronome nas propriedades do sujeito nulo do PB (hipótese de correlação diacrônica entre enfraquecimento da flexão verbal e redução das propriedades do sujeito nulo no PB). Por fim, apresentaremos uma síntese dos resultados obtidos a partir da amostra dialetal do PB, comparando-os, sempre que possível, aos dados levantados no PE.

No sexto capítulo e último capítulo, apresentaremos uma síntese dos resultados alcançados, mostrando as principais semelhanças e diferenças encontradas entre os dialetos do PE continental e os da amostra-selecionada para o PB.

1.3 Descrição dos *corpora* (PE e PB)

Os *corpora* utilizados nesta investigação provêm de duas fontes: um *corpus* para o PE e um para o PB. O *corpus* do PE abrange todo o território continental. O do PB está concentrado em duas localidades rurais do nordeste brasileiro. A diferença na abrangência dos dois *corpora* é justificada pelo objetivo do trabalho: identificar e analisar de modo exaustivo as produções de *nós*, de *a gente* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural em todo o território português continental e compará-las, numa análise qualitativa, aos dados levantados em uma amostra do PB e ao que está descrito na literatura sobre o assunto (capítulos 2 e 3).

1.3.1 O *corpus* do PB

O *corpus* do PB utilizado nesta investigação provém da coleção *Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano* (ALFSB), organizada pelas Professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de

Feira de Santana, Bahia, para o projeto *A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano*.

A coleção é composta por cerca de 70 entrevistas levantadas entre os anos de 1994 e 2002, em diversas microrregiões econômicas de zonas rurais do estado da Bahia.

Os entrevistados são, na maior parte, analfabetos. Alguns, no entanto, chegaram a cursar os primeiros anos do Ensino Fundamental (etapa de educação básica no Brasil que tem duração de 9 anos).

Há igual número de homens e de mulheres e as idades são bastante variadas: há informantes adolescentes, adultos e idosos.

Ao todo, a coleção é composta por quatro volumes, quais sejam: volume 1, Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina); volume 2, Rio de Contas (Chapada Diamantina); volume 3, Feira de Santana (Paraguaçu); e volume 4, Jeremoabo (Nordeste).

Para este trabalho, no entanto, concentramo-nos nos dois primeiros volumes, referentes a Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina) e Rio de Contas (Chapada Diamantina). Esses dois volumes perfazem um total de 36 entrevistas, sendo metade de informantes do sexo masculino e metade do feminino (18 homens e 18 mulheres), de idades variadas.

Figura 1 - Localização geográfica das localidades da ALFSB (PB)



Identificação das localidades: 1. AF (Anselino da Fonseca, Piemonte da Diamantina), 2. RC (Rio de Contas, Chapada Diamantina).

1.3.2 O *corpus* do PE

O *corpus* do PE utilizado neste estudo provém do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN), um projeto do Grupo de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) com a coordenação da Professora Doutora Ana Maria Martins¹.

Com o objetivo de representar a variação sintática dialetal do PE, sob a perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros, esse *corpus* reúne a transcrição de mais de 600 mil palavras levantadas em 42 localidades de Portugal. Trata-se de entrevistas realizadas em zonas rurais, a partir dos anos 1970, com excertos de conversa livre e semidirigida.

Da mesma forma que o *corpus* do PB, o CORDIAL-SIN também é composto por amostras de fala popular, de indivíduos com baixa ou nenhuma escolaridade. Possui, ainda, entrevistas com pessoas de sexo e idades variados.

O material sonoro do *corpus* foi transcrito em quatro versões: uma conservadora, uma normalizada (obtida a partir da primeira, sem contemplar pausas, abandonos, repetições, variantes fonéticas ou morfofonológicas e outros fatores típicos da produção oral), uma com anotação por palavra (morfofossintática) e uma com anotação por frase (sintática), as duas últimas obtidas a partir da versão normalizada.

Ao todo, o CORDIAL-SIN abrange, como dissemos, 42 localidades de Portugal, distribuídas entre continente e ilhas². Para este estudo, no entanto, concentramo-nos nas entrevistas realizadas no continente, o que perfaz um total de 31 localidades que representam todo o território continental.

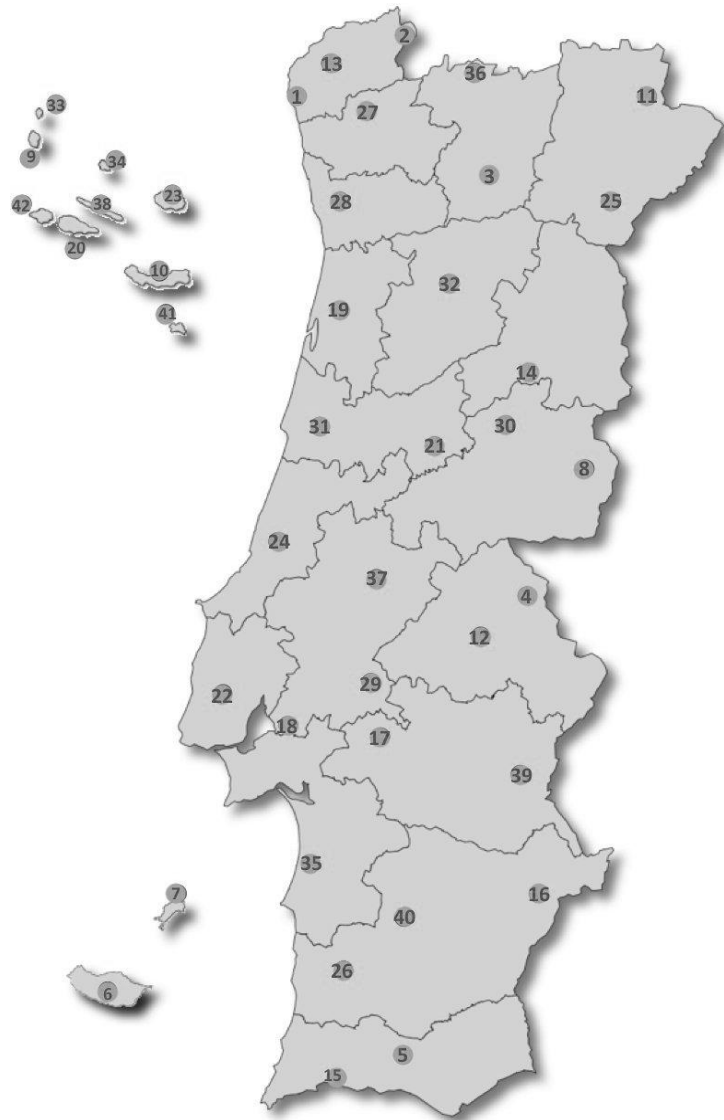
Os dados pertencentes a este *corpus* estão devidamente identificados com um ou dois algarismos seguidos de uma sigla de três letras. As letras referem-se à localidade de onde provêm os dados e, o(s) algarismo(s), à sua localização geográfica no mapa: 1. VPA Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo.), 2. CTL Castro Laboreiro (Viana do Castelo), 3. PFT Perafita (Vila Real), 4. AAL Cast.Vide, Porto da Esp., S. Salv. Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre), 5. PAL Porches, Alte (Faro), 6. CLC Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal), 7. PST Camacha, Tanque (Funchal), 8. MST Monsanto (Castelo Branco), 9. FLF Fajãzinha (Horta), 10. MIG Ponta Garça (Ponta Delgada), 11. OUT Outeiro (Bragança), 12. CBV Cabeço de Vide (Portalegre), 13. MIN Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria

¹ Para informações mais detalhadas sobre a autoria do *corpus*, consulte: <http://www.clul.ul.pt>

² O CORDIAL-SIN e mais informações relativas a ele estão disponíveis no endereço: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/226-corpus-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects-cordial-sin>.

(Viana do Castelo), 14. FIG Figueiró da Serra (Guarda), 15. ALV Alvor (Faro), 16. SRP Serpa (Beja), 17. LVR Lavre (Évora), 18. ALC Alcochete (Setúbal), 19. COV Covo (Aveiro), 20. PIC Bandeiras, Cais do Pico (Horta), 21. PVC Porto de Vacas (Coimbra), 22. EXB Enxara do Bispo (Lisboa), 23. TRC Fontinhas (Angra-do-Heroísmo), 24. MTM Moita do Martinho (Leiria), 25. LAR Larinho (Bragança), 26. LUZ Luzianes (Beja), 27. FIS Fiscal (Braga), 28. GIA Gião (Porto), 29. STJ Santa Justa (Santarém), 30. UNS Unhais da Serra (Castelo Branco), 31. VPC Vila Pouca do Campo (Coimbra), 32. GRJ Granjal (Viseu), 33. CRV Corvo (Horta), 34. GRC Graciosa (Angra do Heroísmo), 35. MLD Melides (Setúbal), 36. STA Santo André (Vila Real), 37. MTV Montalvo (Santarém), 38. CLH Calheta (Angra do Heroísmo), 39. CPT Carrapatelo (Évora), 40. AJT Aljustrel (Beja), 41. STE Santo Espírito (Ponta Delgada), 42. CDR Cedros (Horta).

Figura 2 - Localização geográfica das localidades do CORDIAL-SIN³ (PE)



1.4 A seleção e os critérios de classificação dos *corpora*

1.4.1 O levantamento dos dados

Os critérios para a seleção e a classificação dos dados do PE (CORDIAL-SIN) e do PB (ALFSB) foram os mesmos. Para ambas as variedades do português, começamos por contabilizar o total de produções com os pronomes *nós* e *a gente*. Separamos, então, os casos em que esses pronomes desempenham a função de sujeito daqueles em que exercem outras

³ As regiões 6, 7, 9, 10, 20, 23, 33, 34, 38, 41 e 42, referentes às ilhas portuguesas, não foram analisadas neste estudo.

funções sintáticas (como complemento direto, indireto, oblíquo, etc.) Dentre os com função de sujeito, separamos os que desencadeiam concordância verbal na 3ª pessoa do singular dos que apresentam flexão na 1ª pessoa do plural ou 3ª do plural (Exemplos: *a gente* + verbo na 3ª pessoa do singular, *a gente* + verbo na 1ª pessoa do plural ou *a gente* + verbo na 3ª pessoa do plural). Selecionamos, na sequência, as produções de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, separando-as em dois grupos: as que possuem um antecedente acessível (isto é, um pronome *nós* realizado na mesma frase, tratando-se de estruturas coordenadas, ou num contexto próximo) das que não o possuem. Realizamos, por fim, a mesma separação com as elipses do pronome *a gente* identificadas nos dialetos⁴ do PB e do PE.

Dessa forma, chegamos a um quadro geral para cada uma das localidades do PB e do PE. A seguir, exemplos do quadro geral de uma localidade do PB e de uma do PE:

Tabela 1 - Contagem total das ocorrências em Anselino da Fonseca, Piemonte da Diamantina (PB)

	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
Sujeito realizado	198 (185 com verbo na 3SG, 6 na 1PL e 7 não computados*)	103 (62 com verbo na 3SG e 38 na 1PL e 3 não computados*)
Sujeito nulo ou elipse legitimada por antecedente próximo	43 (todos com antecedente acessível)	54 (10 com antecedente acessível; 44, não)
Com outras funções sintáticas	31	11

Tabela 2 - Contagem total das ocorrências em Porto de Vacas, Coimbra (PE)

	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
Sujeito realizado	108 (98 com verbo na 3SG, 3 na 1PL e 7 não computados*)	32 (29 com verbo na 3SG e 2 não computados*)
Sujeito nulo ou elipse legitimada por antecedente próximo	35 (todos com antecedente acessível)	89 (2 com antecedente acessível; 87, não)
Com outras funções sintáticas	3	00

Nas tabelas acima, vemos que há dados que não foram computados na contagem geral

⁴ O conceito de dialeto adotado neste estudo é o que se encontra na *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*, de Cintra (1971) para o PE.

(assinalados com asterisco “*”). Esclareceremos, então, a partir do subcapítulo 1.4.3, quais são esses casos e quais os critérios de classificação que utilizamos no tratamento dos dados.

1.4.2 Tipo de transcrição

Vimos, no subcapítulo 1.3.2 sobre a descrição dos *corpora*, que o *corpus* do PE está disponibilizado em quatro versões de transcrição⁵. Para a seleção dos dados desta investigação, utilizamos, na maior parte das vezes, a transcrição normalizada. Esta versão, em formato PDF, possibilita a utilização da ferramenta de busca “localizar”, que identifica as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* ao longo do texto.

A busca pelos sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural se deu, por sua vez, a partir da versão com anotação morfossintática, na qual a localização das formas verbais de 1ª pessoa do plural é facilitada devido à sua identificação assinalada com o código 1P (isto é, 1ª pessoa do plural).

Para localizar as elipses de *a gente*, no entanto, tivemos de analisar, mecanicamente, os arredores das sequências que continham o pronome *a gente* realizado. Utilizamos, para esta busca, a transcrição normalizada.

Além dessas duas versões de transcrição (normalizada e anotada com etiquetas morfossintáticas), consultamos, ainda, sempre que necessário, a versão conservadora, na qual estão identificadas as sequências abandonadas (código AB), as formas repetidas (código RP), as pausas preenchidas com material sonoro (código {fp}) e as pausas sem material sonoro (código {pp}), entre outros.

1.4.3 Sequências imperceptíveis ou abandonadas: (...)

Na versão conservadora, os segmentos imperceptíveis ou inacabados são assinalados ortograficamente por reticências entre parênteses curvos (...). Na versão normalizada, as sequências abandonadas (AB) também são assinaladas com o mesmo sinal: (...).

Recorremos, então, às duas versões sempre que o código (...) aparecia entre o sujeito e

⁵ Há apenas uma transcrição para o *corpus* do PB. Trata-se de uma versão que não é nem totalmente ortográfica, nem fonética, em que as palavras são transcritas ortograficamente do modo que foram produzidas. Exemplos:

1) De premeiro, fazia prazer a hente ir numa festa, a hente ia [inint]. (1.AF)

2) Nós num tamu quereno essa água pro ano dois mil. (1.AF)

3) Óh se nós que ir! pra que vida mió do que nós tá aqui debaixo desse cafezeiro, dando risada (2.RC)

4) Sim, noh tamó no vamo mah num vamo, não. (1.AF)

o verbo, a fim de verificar se as reticências estavam representando uma sequência imperceptível, abandonada, etc. Exemplos do CORDIAL-SIN:

5) E depois deram falta do barco. *Nós*, ali à beirinha, [AB|**não**] não **pensá**mos nada. E depois lá foi o barco que eu andava, lá foi (...), também foi lá (...). Foi procurar. (1.VPA) [Classificação: *Nós* + P4]

6) *A gente* [AB|**nem**] **nem** **conhece** as pernas da melga. Só se conhece é ela a avoar. (15.ALC) [Classificação: *A gente* + P3]

7) Depois *a gente* [AB|**plan-**] **distribuía**mos o arroz. E então cada qual agarrava a sua coisa e era... E quando era de empreitada aquilo era medonho! Era medonho andar a espalhar o arroz atrás delas, das mulheres. (31.VPC) [Classificação: *A gente* + P4]

8) Ou peixe branco. *Nós* temos [AB|**essa**] essa pronúncia. Aqui é, essa pronúncia é: “Um cardume de peixe branco”. Assim como *nós* (...) **dizemos** também: “Ai que monte de sardinha”! Um monte de sardinha é a que vai toda junta. (1.VPA) [Classificação: Sujeito nulo de 1ª pessoa do plural]

No exemplo 8, o símbolo (...) significa uma sequência imperceptível (versão conservadora). Por isso, não o classificamos como [*Nós* + P4]. Já nos exemplos anteriores (5, 6 e 7), as reticências significavam uma sequência abandonada. Por isso, as suas classificações foram [sujeito + verbo flexionado].

1.4.4 Formas e sequências repetidas: (...) ou (RP)

Na versão conservadora, as repetições consecutivas da mesma forma ou sequência são transcritas ortograficamente entre parênteses retos e identificadas com o código (RP). Na versão normalizada, as repetições são marcadas com o sinal (...).

Recorremos, então, da mesma forma que no item anterior, às duas transcrições em todas as aparições do código (...).

Nos casos de repetição, consideramos apenas a primeira produção. Exemplos do CORDIAL-SIN:

9) INF1 E depois [AB|**elas**] com aqueles ‘xais’, **fazía**mos ali [RP|**fazía**mos ali] a cama. (13.MIN) [Classificação: uma produção de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural]

10) INF1 **A nós, a nós** (tocavam) /tocava\ para aí uns quinhentos mil réis (...) ou isso. (1.VPA) [**Classificação:** uma produção do pronome *nós* exercendo a função sintática de complemento indireto]

11) INF1 (...) *Nós* temos leite de vaca – até que é muito bom, o leite de cá –, mas, quer dizer, temos vendido. **Vendemos. Vendemos** assim o leite. (8.MST) [**Classificação:** uma produção de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural]

1.4.5 Divergências de audição: (xxx) /yyy\

Nas versões normalizada e conservadora, as audições divergentes ou alternativas são transcritas sequencialmente, sendo a primeira alternativa (aquela que se considera mais provável) entre parênteses curvos “()” e a(s) seguinte(s) entre barras oblíquas “/ \”.

Nos casos de audição divergente ou alternativa, consideramos apenas as transcrições entre parêntesis curvos, uma vez que são as audições mais prováveis. Exemplos do CORDIAL-SIN:

12) O milho miudinho, que é o milho de sequeiro. (*Chamam*-lhe) /Chama-lhe\ **a gente** o milho de sequeiro. (16. SRP) [**Classificação:** *a gente* + P6]

13) E há outro milho grado, que (*chamam*-lhe) /chama-lhe\ **a gente** o milho de regadio. (16. SRP) [**Classificação:** *a gente* + P6]

14) Eu não (o) encontro, tenho que eu (...) aguentar. Pois (se) eu (...) não acho pessoal. INQ Pois, pois. INF Tenho que eu aguentar a coisa. INQ Claro. INF (**A gente**) /Ele\ **está** assim desta maneira. (Depois) /Pois\ no campo, ninguém quer saber do campo. A vida agrícola, ninguém quer saber dela. (8.MST) [**Classificação:** *a gente* + P3]

1.4.6 Alternância de sujeitos

Há casos em que o informante inicia a frase com um pronome e finaliza com outro. Nessas ocorrências, computamos a realização dos pronomes, mas desconsideramos a flexão verbal, uma vez que não se pode saber ao certo se a concordância está estabelecida com o primeiro ou com o segundo pronome. Exemplos do CORDIAL-SIN:

15) Ele o linho era muito bonito. Quando me eu cá andava no campo, nas fazenda, era muito

bonito ver mesmo o linho. Bem, *a gente ele usava* era o linho. (21.PVC) [Classificação: *a gente* sem verbo flexionado]

16) INF1 (Está-lhe a parecer mal). Não é. “(...) *A gente ninguém é* bom agricultor”. (...) Diz ele para mim: “Ó senhor Guilherme, não me diga uma coisa dessas, porque eu tenho tirado boas provas, tenho feito bom serviço, e tudo, e tenho ficado sempre bem, e o senhor agora está dizendo (...) não há (nenhum) agricultor”?! “Tenha paciência”! (37.MTV) [Classificação: *a gente* sem verbo flexionado]

17) Mas aquilo pode estar, eu sei lá! É sempre maciinho e molezinho, que aquilo é mais mole que o trigo. INQ2 Rhum-rhum. INQ1 Pois, pois. INQ1 Pois, pois. INF É. *A gente cá, nós é* assim. INQ1 Pois, pois. (19.COV) [Classificação: uma produção de *a gente* e uma de *nós*, ambas sem verbo flexionado]

1.4.7 Padrões de concordância verbal

Também não computamos na contagem de padrão de concordância verbal os casos em que o verbo encontra-se no gerúndio, no infinitivo não flexionado, nas ocorrências de elipse de VP ou nas construções com tópico. Exemplos do CORDIAL-SIN:

(i) Gerúndio:

18) INF Pois eram. Uns machadões grandes! Um machado de meia (tora) eram machadões assim, que aquilo, meu belo amigo, ali *a gente dando* ali quatro ou cinco ripadas numa sobreira por baixo, ou mais – mais, eram mais –, mas aquilo (...) era menos de nada que uma árvore caía. (26.LUZ)

19) *A gente* em bem **apanhando** um sapato, enfiávamos lá os pés dentro. (29.STJ)

20) Punham o altifalante a ouvir, (...) em *a gente começando*, cá o Granjal, começavam: “Olha o Granjal! É o Granjal! É o Granjal”! Punha-se tudo a ouvir o Granjal cantar. Tudo! (...) Não era lá por ser a nossa terra nem sermos *nós*! (32.GRJ)

(ii) Infinitivo não flexionado:

21) São umas empolas grandes, umas empolas rijas. E *a gente a coçar*, a coçar, a coçar. É a brotoeja. (32.GRJ)

22) Para verem os lobos. São muito finas. E lá chegaram a casa era de manhã. E *nós a cuidar* que as cabrinhas estavam todas comidas dos lobos. Está a ver? A tirarmos dum lado íamos

perdendo do outro? (32.GRJ)

23) INF1 E eles não ferravam e **a gente a tirar** água, e **a gente a tirar** água, e a cansar e eles sem estarem ferrados, e eles sem estarem ferrados!... (31.VPC)

(iii) **Construções com tópico:**

24) INF Há quem diga que é a Senhora da Cabeça, outros dizem que é a Senhora do Socorro. INQ1 Pois. INF **A gente** aqui é a Senhora do Socorro, a Senhora do Socorro. (22.EXB)

25) INF1 **Nós** aqui dizem que é o ‘escanço’. Não sei agora o nome... (27.FIS)

26) Uns é com um maçarico... INQ1 E, e quando não havia maçarico? INF **A gente** cá é... Eu (...) ainda nunca fiz com maçarico. **A gente** cá é com carqueja. INQ1 Ah, pronto. Isso é que **nós**... **Nós** queremos sempre o mais antigo! INQ2 As coisas antigas! INF Pois. (...) **A gente** cá é com carqueja. Musgamos o porco com a carqueja, abre-se o porco... (29.STJ)

(iv) **Elipse de VP:**

27) Um vivo toma conta como **a gente**, é só (lhe) falarem. Mas há vivos... Olhe, este cão meu, este cãozinho meu. A senhora pode aqui pôr, nesta cadeira, carne – ou seja lá o que for, tudo quanto é bom – e pôr aqui... (32.GRJ)

28) Não diferenço. Não diferenço. Aqui só se diferença mais, por exemplo, alemães, que não falam como **a gente**, não é? Mas aqui nem vêm os alemães. (32.GRJ)

29) O que é crianças (...) que estão lá habituadas na França e assim, já lá vêm para aqui, já falam às vezes diferente. Já não é como **nós** aqui. O mais, Mosteiro e por aqui estas terrinhas por aqui, é tudo na mesma. (32.GRJ)

1.5 Síntese dos resultados

Mostraremos, ao longo deste trabalho, diversos pontos de aproximação e de distanciamento no comportamento dos dados do PE e do PB no que se refere às produções de **nós**, de **a gente** e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural.

Entre os pontos de semelhança, veremos que o uso de **a gente** com valor pronominal está presente nas duas variedades do português, apresentando altos índices de produtividade. Na maioria das localidades analisadas, aliás, a frequência de **a gente** é superior à do pronome de 1ª pessoa do plural **nós**.

Veremos, ainda, que, apesar da inserção da forma inovadora **a gente** no quadro

pronominal do PB e do PE, a produtividade da forma tradicional *nós* se mantém produtiva e relevante em praticamente todas as localidades de ambas as variedades, à exceção de poucas localidades portuguesas.

Entre os pontos de distinção no comportamento do PE e do PB, veremos que as localidades do PB estudadas sofreram uma expressiva redução no seu sistema de flexão verbal. Em vez de combinarem o pronome *nós* às formas verbais de 1ª pessoa do plural, essas localidades preferem a flexão na 3ª pessoa do singular.

Com isso, veremos que as propriedades do sujeito nulo na amostra dialetal do PB são as que estão descritas na literatura e não as do PE (padrão ou dialetal). Ou seja, enquanto o PE apresenta elevados índices de produtividade do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural (relativamente aos índices de produtividade do sujeito *nós overt*), o PB dialetal apresenta maior frequência do pronome *nós* pleno do que do seu respectivo sujeito nulo.

Mostraremos, por fim, que a hipótese de correlação entre o enfraquecimento do sistema de flexão verbal e a redução nas propriedades de sujeito nulo faz sentido perante os dados levantados no PB dialetal (esta variedade sofreu uma redução no paradigma de flexão verbal e na frequência do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural), mas veremos, por outro lado, que a inserção de *a gente* no quadro de pronomes pessoais não resulta, necessariamente, na redução nem do quadro pronominal nem do sistema de flexão verbal.

2 NÓS E A GENTE NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO DE ACORDO COM OS TRABALHOS DE COSTA, DUARTE, LOPES, MENUZZI, PEREIRA E VIANNA, ENTRE OUTROS

2.1 Pronomes pessoais sujeito

A maioria das gramáticas classifica os pronomes pessoais como indicadores universais das três pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala e de quem se fala, com formas no singular e correspondentes no plural. Dessa forma, costumam apresentar o seguinte quadro pronominal para o português:

Tabela 3 - Pronomes pessoais (formas fortes)

	Singular	Plural
1ª pessoa (a que fala)	<i>Eu</i>	<i>Nós</i>
2ª pessoa (com quem se fala)	<i>Tu</i>	<i>Vós</i>
3ª pessoa (a pessoa ou coisa de que se fala)	<i>Ele/ela</i>	<i>Eles/elas</i>

Cegalla (2010), adaptado

Qualquer falante nativo do PB e do PE sabe, no entanto, que esse quadro não corresponde à realidade, uma vez que as formas amplamente utilizadas *você(s)* e *a gente* não estão incluídas.

Assim, em 1993, na sua dissertação de mestrado, Lopes apresentou um outro quadro pronominal para o PB, no qual não há divisão entre singular e plural e estão incluídas as formas *você(s)* e *a gente*:

Tabela 4 - Quadro pronominal do PB contemporâneo

<i>Eu</i>
<i>Você</i>
<i>Ele/Ela</i>
<i>A gente</i> ⁶
<i>Vocês</i>
<i>Eles/Elas</i>

Lopes (1993), adaptado⁷

Apesar de Lopes e de outros autores incluírem os novos pronomes no quadro pronominal, as suas classificações nas gramáticas normativas tradicionais do PB e do PE ainda não se dão de maneira única e coerente. A classificação da expressão pronominal *a gente* – que particularmente nos interessa neste estudo – é, na maioria das vezes, controvertida. Já foi considerada pronome pessoal, forma de tratamento, pronome indefinido, ou simplesmente ignorada. A seguir, listamos algumas das classificações em que já foi inserida:

- i) **Substituto de *nós*:** Cunha e Cintra (1985) incluem *a gente* sob o título de “fórmulas de representação da 1ª pessoa” que podem substituir *nós* e *eu*. Dias (1970⁸, citado por Pereira, 2003) observa o uso dessa expressão pelo povo com o valor de *nós* e com o predicado na 1ª pessoa do plural.
- ii) **Pronome de tratamento:** Almeida (1985) e Bechara (1967) estão entre os autores que qualificam *a gente* como um pronome de tratamento.
- iii) **Nome:** Nunes (1919⁹, citado por Pereira, 2003), por sua vez, inclui *a gente* na categoria dos substantivos, apesar de já o aproximar de um pronome ao afirmar que pode ser usado “com valor indefinido”.

⁶ Diversos autores, como Lemos Monteiro (1991), incluem o pronome *nós* na posição de 1ª pessoa do plural. Outros, como Duarte (1993), apontam para a coexistência entre *a gente* e o pronome de 1ª pessoa do plural *nós*.

⁷ Em Lopes (2007), encontramos *tu* coexistindo com *você* e *nós* com *a gente* (apesar de, no mesmo estudo, a autora demonstrar o acelerado processo de substituição de *nós* por *a gente*). Segundo a autora, o pronome de 2ª pessoa do plural *vós* foi totalmente substituído por *vocês*.

⁸ Dias, A. E. S. (1970). *Sintaxe Histórica Portuguesa*. (5a ed.). Lisboa: Livraria Clássica. (Trabalho original publicado em 1917).

⁹ Nunes, J. J. (1919). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: Fonética e Morfologia* (8ª ed.). Lisboa: Livraria Clássica Editora.

- iv) **Pronome indefinido:** Chaves de Melo (1980) e Said Ali (1964¹⁰, citado por Lopes, 1993) registram *a gente* com valor de pronome indefinido, usado para se referir a grupos de pessoas indeterminadas.
- v) **Sujeito impessoal:** na gramática de Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (1971¹¹, citado por Pereira, 2003), a forma *a gente* está classificada com estatuto de “sujeito impessoal, vago e indeterminado”. As autoras também referem o emprego de *a gente* em substituição à 1ª pessoa do plural.
- vi) **Pronome pessoal:** para Menuzzi (1999, 2000) e Lopes (1993, 2003, 2004, 2007), entre outros, *a gente* é um pronome pessoal completo que pode ser usado tanto em substituição de *nós* como com interpretação arbitrária.

No português do Brasil (PB) é possível usar a expressão *a gente* para se referir à primeira pessoa do plural (1ppl), em vez das formas do paradigma pronominal de 1ppl (na verdade esse uso de *a gente* está disponível no português coloquial em geral, mas eu considerarei as suas propriedades apenas no PB). A mesma expressão também pode ter uma interpretação arbitrária análoga ao uso genérico do pronome *one* do inglês.¹² (Menuzzi, 2000, p. 203)

Segundo o autor, as interpretações de *a gente* como 1ª pessoa do plural ou arbitrária podem ser distintas porque esta requer um contexto genérico, como no exemplo (30), enquanto que as sequências com referência a eventos específicos licenciam apenas a interpretação de 1ª pessoa do plural (31). Exemplos de Menuzzi (2000):

30) *A gente* sempre vê fantasmas atrás *da gente*.

31) *A gente* viu uma cobra atrás *da gente*.

Assim como Menuzzi (2000), Lopes (1993, 2003, 2004, 2007) também considera *a gente* um pronome gramaticalizado e destaca o seu caráter arbitrário. Segundo a autora, a impessoalidade da 3ª pessoa pode ter influenciado as demais (tanto a 2ª do singular como a 1ª do plural), atualmente representadas por *você* e *a gente*:

¹⁰ Said Ali, M. (1964). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. (5a ed.). São Paulo: Melhoramentos.

¹¹ Vázquez Cuesta, P. & Luz, M. A. M. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa* (A. M. Brito, G. Matos, trad.). Lisboa: Edições 70.

¹² Tradução livre de “In Brazilian Portuguese (BP) it is possible to use the expression *a gente* (literally, the people) to refer to first person plural (1ppl), instead of the forms of 1ppl pronominal paradigm (actually this use of *a gente* is available in colloquial Portuguese in general, but I will be considering its properties only in BP). The same expression may also have an arbitrary interpretation analogous to the generic use of the English pronoun *one*.”

Tais formas assumem, cada vez mais, uma acepção indeterminadora da “não-pessoa”. Com o pronome *a gente* o falante pode incluir, além dele mesmo, o ouvinte e a “não-pessoa”. É o que Benveniste (1988) convencionou chamar do “eu-ampliado”. No caso de *você* existe a possibilidade de se englobarem o receptor e as outras pessoas. (Lopes, 1993, p. 19)

Em Brito, Duarte e Matos (2003b), podemos encontrar as formas *você* e *vocês* em conjunto com *tu* e *vós*, respectivamente, no quadro pronominal, mas não encontramos menção à forma *a gente*.

Já em outras gramáticas, como a de Cegalla (2010), não estão incluídas nem a expressão pronominal *a gente* nem *você(s)* no quadro de pronomes.

Apesar de toda essa variedade de classificações, a maioria dos linguistas destaca o fato de a expressão *a gente* ser mais usada na linguagem falada e em ambientes familiares.

2.2 Breve percurso histórico de *a gente*: de nome a pronome

Lopes (1993) traçou o percurso histórico percorrido por *a gente* até a sua gramaticalização como um pronome.

Em textos do século XIII, a autora encontrou diversas vezes o nome *gente* tanto no singular como no plural. Três séculos depois, no entanto, a forma no singular passou a ser muito mais frequente que a no plural. Até que, na atualidade, não encontramos mais a palavra *gente* no plural. Dessa forma, Lopes concluiu que *gente*, como nome, não está mais acessível, prova disso está exatamente na impossibilidade de se contar esse substantivo. Exemplos de Lopes (1993):

32) Três pessoas.

33) *Três gentes.

Com base nesses dados, Lopes propôs o seguinte percurso histórico para a forma *gente*:

→ De substantivo genérico (*gente*) → a pronome indefinido (*a gente*, como uma unidade gramaticalizada) → para, finalmente, pronome pessoal (*a gente*)

2.3 Argumentos a favor da classificação de *a gente* como um pronome pessoal

Além de Lopes (1993, 2003, 2004, 2007) e Menuzzi (1999, 2000), diversos outros autores (Nascimento, 1989; Pereira, 2003; etc.) consideram *a gente* como um pronome pessoal já gramaticalizado. Entre os argumentos a favor dessa classificação encontramos:

- i) Possibilidade de *a gente* ocupar diferentes posições na frase, ou seja, ser sujeito, complemento direto, complemento indireto ou complemento preposicionado;
- ii) Possibilidade de *a gente* concordar com verbo na 3ª pessoa do singular ou na 1ª do plural¹³, fato que pode ser interpretado como um processo de gramaticalização inclinado a fixar *a gente* como 4ª pessoa, coexistente com *nós*;
- iii) Possibilidade de *a gente* ocorrer em construções em que é o antecedente do pronome reflexivo *se*;
- iv) Possibilidade de *a gente* exercer vários valores, isto é, de designar uma “pluralidade mais ou menos definida”, arbitrária, a 1ª pessoa do singular *eu* e a 1ª pessoa do plural *nós*;
- v) Possibilidade de *a gente* ter o gênero definido de acordo com a interpretação.

No subcapítulo 4.2, testaremos cada um desses argumentos nos dados levantados no *corpus* CORDIAL-SIN (para o PE dialetal).

2.4 Hipóteses acerca de *a gente*: a mistura de características

Como vimos no subcapítulo anterior, diversos autores concordam com a categorização de *a gente* como um pronome gramaticalizado. O que o torna especial em relação aos demais pronomes é a sua mistura de características. Segundo Vianna e Lopes (2003), no seu processo de mudança categorial de nome *gente* para pronome *a gente* nem todas as propriedades formais da categoria primitiva foram perdidas e nem todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais foram assumidas. Com isso, *a gente* acumula, por um lado, traços da 1ª pessoa do plural (assim como *nós*); por outro, peculiaridades da 3ª pessoa do singular (assim como o nome *gente*).

Segundo Menuzzi (1999, 2000), tanto as características de 1ª pessoa do plural como as

¹³ Conforme veremos mais adiante, o pronome *a gente* também pode, mais raramente, desencadear concordância verbal na 3ª pessoa do plural.

de 3ª do singular estão presentes e ativas e podem ser observadas em diferentes contextos. Para esse autor, o pronome *a gente* possui traços gramaticais diferentes dos semântico-discursivos. Assim, gramaticalmente, *a gente* está especificada como 3ª pessoa do singular, mas semanticamente funciona como 1ª pessoa do plural. O autor demonstra que os dois traços estão ativos ao mostrar a seleção de formas pronominais ligadas por *a gente*: quando *a gente* liga uma forma pronominal localmente, a forma selecionada é uma anáfora de 3ª pessoa do singular. Quando a relação não é local, a forma selecionada concorda com os traços semântico-discursivos, ou seja, com a 1ª pessoa do plural. Em outras palavras, quando *a gente* é antecedente local para uma expressão anafórica, prevalecem os traços de 3ª pessoa do singular (exemplo 34), enquanto que a 1ª pessoa do plural deve ser selecionada em contextos não locais (35). Exemplos de Menuzzi (1999):

34) a. *A gente_i* viu-*se_i* no espelho.

b. **A gente_i* viu-*nos_i* no espelho.

35) a. *A gente_i* disse que o Pedro *nos_i* viu

b. * *A gente_i* disse que o Pedro {*se_i/a_i*} viu.

Tal mistura de características se estende, ainda, aos padrões de concordância desencadeados por *a gente* com os verbos, adjetivos e participípios, conforme veremos mais detalhadamente nos subcapítulos 2.6 (para o PB) e 2.7 (para o PE).

2.5 As correferências de *a gente*

Além de poder substituir a 1ª pessoa do plural e de indeterminar o sujeito, *a gente* também pode ser usada para indicar outras pessoas do discurso. Nascimento (1989) descreve diversas possibilidades de correferência: com os pronomes *eu*, *nós* (duas pessoas), *nós* (mais de duas pessoas), *nos* (anáfora ou catáfora) e *nosso(s)* / *nossa(s)*. Exemplos de Nascimento (1989):

i) *A gente* / *eu*

36) **gosto** muito mais da serra, claro, *a gente* acaba o meu serviço, **tomo** um banhinho, **vou** passear...

ii) *A gente / nós (dois)*

37) fizeram um círculo, rodearam-nos e *a gente os dois* no meio...

iii) *A gente / nós (mais de duas pessoas)*

38) quando *a gente* faz qualquer coisa de bom aos outros, no fundo procura a satisfação de *nós próprios*.

iv) *A gente / nos (anafórico ou catafórico)*

39) *a gente*, se *nos* viam fardados na rua, assobiavam-*nos*.

v) *A gente / nosso(s) e nossa(s)*

40) *A gente*, a *nossa* empresa é, era coveiro.

Pereira (2003) demonstra, ainda, que o pronome *a gente* aceita redobro com a 1ª pessoa do plural. Exemplo de Pereira (2003):

41) mas *a gente, nós* os irmão, estamos todos a contribuir para a alimentação da minha mãe.

2.6 *A gente* no português do Brasil

Segundo Lopes (2004), a inserção de *a gente* e de *você(s)* no quadro pronominal do português impulsionou uma série de alterações gramaticais, especialmente no PB. A inclusão de *você*, por exemplo, provocou um rearranjo no sistema pronominal que culminou na fusão da 2ª com a 3ª pessoa do singular e na eliminação do paradigma de 2ª pessoa do plural (*vós*). Assim, novas combinações passaram a ser possíveis no PB, tais como: *você* com *te, lhe, o(a), teu/tua, seu/sua*, etc., e de *vocês* com *lhes, vocês, os/as, seus/suas, teus/tuas, de vocês*, etc., o que significa uma mudança nas subcategorias pronominais (possessivos, oblíquos átonos e tônicos).

42) *Você* foi aonde eu *te/lhe* falei?

43) *Você* pode me emprestar a *tua/sua* caneta?

Essa mistura de tratamentos, embora condenada pela gramática normativa, atingiu, ainda, a forma imperativa, sendo amplamente divulgada em comerciais publicitários de um grande banco brasileiro, com o seguinte *slogan*:

44) “**Vem** pra Caixa **você** também”¹⁴.

Da mesma forma, ou até de forma mais incisiva, a introdução de *a gente* no quadro pronominal também desencadeou uma série de alterações: no subsistema de possessivos, nos pronomes que desempenham a função sintática de complemento direto, de complemento indireto, de complemento oblíquo e assim por diante.

Lopes (2004) demonstra, por exemplo, que o uso de *a gente* avançou em diversos contextos, especialmente nos com “preposição + *a gente*” (= com *a gente*) no lugar de *conosco* – uma produção que, segundo Omena (2003¹⁵, citado por Lopes 2004), se tornou quase categórica entre as crianças brasileiras. Além disso, *a gente* também passou a ser amplamente utilizada nas funções sintáticas de sujeito e de complementos, apresentando índices diferentes entre crianças e adultos. Já na variação entre *da gente*, como adjunto adnominal, e o possessivo *nosso(a)(s)* ainda há predomínio da forma conservadora *nosso* e suas variantes.

Nas próximas páginas, veremos, com mais detalhes, outras alterações desencadeadas pela inserção do novo pronome no sistema pronominal, tais como os padrões de concordância que desencadeia com o verbo, adjetivos e participios e a possível alteração nas propriedades que licenciam os sujeitos nulos.

2.6.1 A frequência *nós* vs. *a gente*

Diversos estudos foram dedicados à análise da implantação da forma inovadora *a gente* sobre a conservadora *nós*. Conforme vimos no quadro de pronomes pessoais sujeito do subcapítulo 2.1, as duas possibilidades ainda convivem no PB. Alguns autores mostram, no entanto, que a forma inovadora *a gente* vem conquistando cada vez mais espaço.

Para desenhar um panorama geral dessa situação, Lopes (2004) analisou amostras de

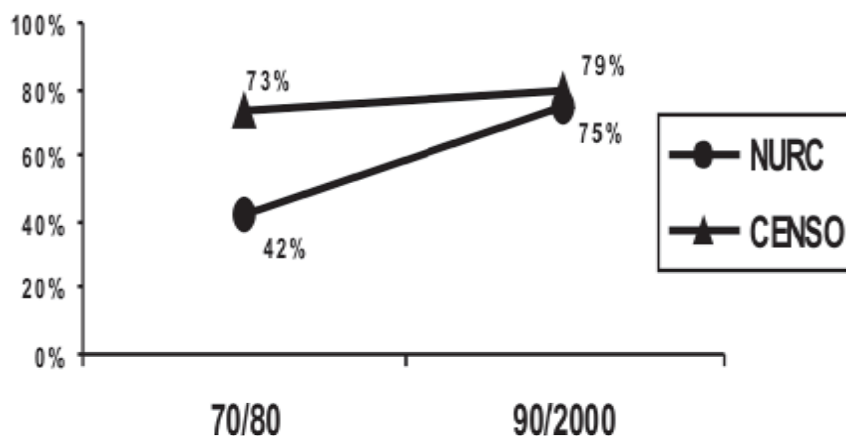
¹⁴ Combinação do imperativo de *tu* com o pronome *você*.

¹⁵ Omena, N. P. (2003). A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In M. C. Paiva & M. E. L. Duarte (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ.

informantes cariocas de nível superior (Projeto NURC¹⁶) e de nível médio (Projeto PEUL-Censo¹⁷), confrontando duas décadas de cada um dos projetos: anos 1970 e 1990 e anos 1980 e 2000, respectivamente. A conclusão a que a autora chegou foi que a substituição de *nós* por *a gente* está se efetivando, de fato, tanto entre os falantes cultos como nos não-cultos.

Na amostra de falantes cultos dos anos 1970, o uso de *nós* superava o de *a gente*. Já na amostra dos anos 1990, no entanto, *a gente* já apresentava maior frequência do que *nós*. Os resultados das décadas de 1980 e 2000, por sua vez, mantiveram-se praticamente os mesmos. Entre os falantes não-cultos, a autora verificou um comportamento de crescimento estável de uma década para outra (figura 3).

Figura 3 - O uso de *a gente* em estudo diacrônico com falantes cultos e não-cultos



(Lopes, 2004)

Na figura acima, vemos que o comportamento dos falantes não-cultos parece antecipar o que se observaria mais tarde entre os falantes cultos, uma vez que nos anos 1990/2000 os índices de ambas as comunidades se tornaram praticamente os mesmos (79% e 75%). A autora conclui, então, que a implantação de *a gente* aconteceu “das camadas mais baixas para as mais altas”, fenômeno já antevisto pela própria autora no seu estudo de 1993.

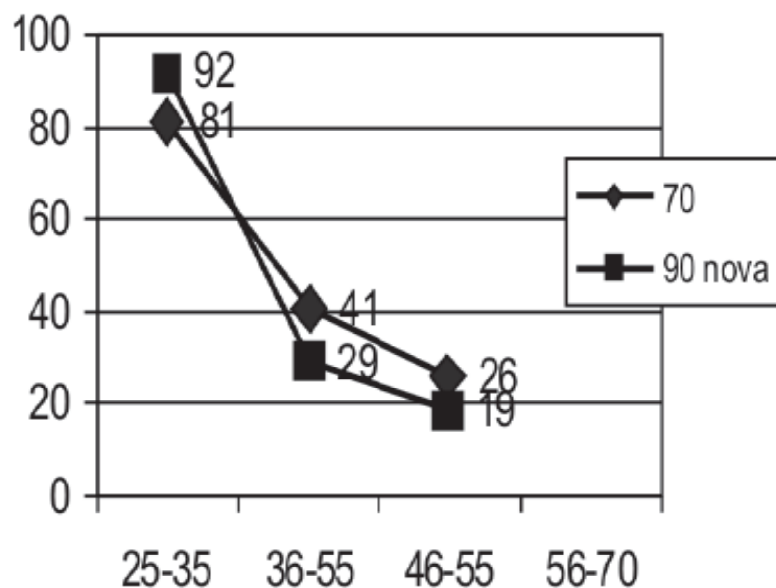
Ao centralizar a análise no comportamento por faixa etária, Lopes (2004) encontrou altos índices de produção de *a gente* entre os mais jovens (até 35 anos) de ambas as comunidades, o que também sugere uma mudança em progresso. Só localizou retração nas faixas etárias mais elevadas dos falantes cultos (figura 4). Entre os não-cultos os valores

¹⁶ Projeto Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ).

¹⁷ Projeto Censo de Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro e Programa de Estudos do Uso da Língua (Censo/PEUL-RJ).

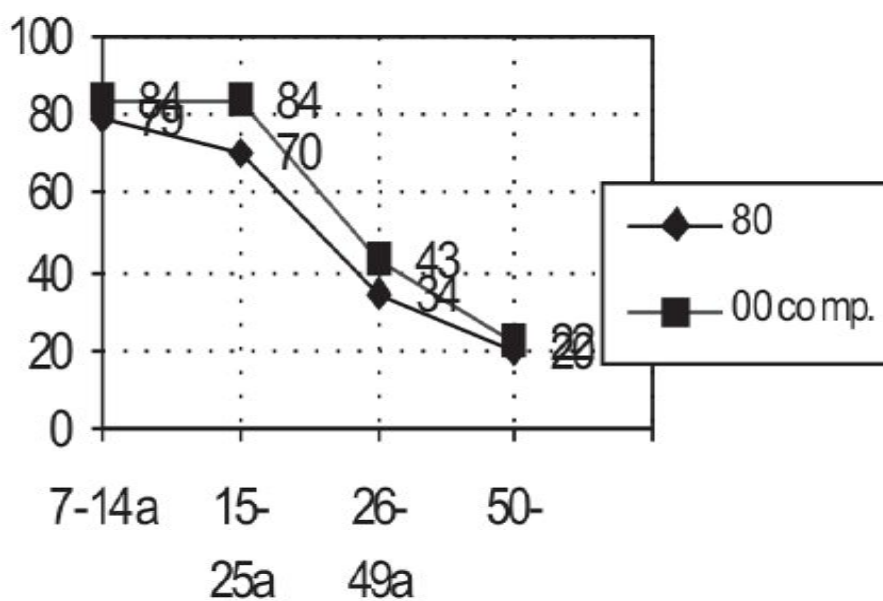
foram altos em quase todas as idades (figura 5).

Figura 4 – O uso de *a gente* por faixa etária entre falantes cultos



Lopes (2004)

Figura 5 – O uso de *a gente* por faixa etária entre falantes não-cultos



Lopes (2004)

Ao comparar os dois gráficos, nota-se que as duas primeiras faixas etárias da amostra Censo apresentam o mesmo comportamento da primeira faixa etária da amostra NURC, ou seja, a produtividade de *a gente* é superior à de *nós* nas duas comunidades entre os mais jovens. Já nas amostras de adultos (faixa 2 do NURC e 3 do Censo), a frequência de *nós* ainda supera a de *a gente*.

2.6.2 Fatores favorecedores de *nós* e de *a gente*

Visto que a forma *a gente* está cada vez mais enraizada no PB, resta saber o que pode estar exercendo influência na escolha dos falantes por *nós* ou por *a gente*. Lopes (1993) averiguou quais são esses fatores, os quais resumimos, então, na sequência:

i) **Paralelismo discursivo:** numa sequência discursiva, a forma *nós* tende a se repetir quando é precedida de outro pronome *nós* ou de verbo na 1ª pessoa do plural sem sujeito explícito. O mesmo ocorre com a forma *a gente*.

ii) **Grau de referencialidade:** a autora observou diferenças no uso de *nós* e de *a gente* em relação ao grau de referencialidade da entidade a que o pronome se refere:

o falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-*eu*), ou a não-pessoa: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*. (Lopes, 1993, p. 129-130)

iii) **Tempo verbal:** quanto menor a saliência fônica [– saliente], maior o uso de *a gente*, o que ocorre com os tempos verbais não marcados, como o presente, o infinitivo e o gerúndio. Já as formas [+ salientes] do futuro, pretérito perfeito e os tempos do subjuntivo favorecem a presença de *nós*.

iv) **Idade:** os jovens empregaram mais a forma *a gente* e, os idosos, *nós*. Já os adultos com formação universitária utilizaram as duas formas.

v) **Gênero:** as mulheres apresentaram maior tendência a usar *a gente* do que os homens.

vi) **Localização geográfica:** dentre as três cidades analisadas por Lopes, o Rio de Janeiro foi a que apresentou maior uso de *a gente*. Porto Alegre e Salvador, no entanto, ainda apresentavam maior emprego da forma *nós*.

Em síntese, Lopes (1993) conclui que diversos fatores, linguísticos e sociais, podem influenciar na escolha do falante por *nós* ou por *a gente*. Entre os fatores linguísticos favorecedores de *a gente*, destacam-se: tempos verbais (presente, infinitivo, gerúndio) característicos das enumerações de atos habituais ou atemporais, associados a discursos descritivos, argumentativos ou expositivos; e a presença de referência discursiva vaga, indefinida, como a grupo grande de pessoas, indeterminado ou difuso: “Com a forma *a gente* o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares” (Lopes, 1993, p. 131).

Já a forma *nós* é preferida quando o falante se compromete com aquilo que narra, referindo-se a um fato vivido por ele mesmo, com caráter mais específico e determinado. Daí a sua presença estar associada a contextos linguísticos em que o referente é conhecido ou identificável (grupos pequenos e intermediários de pessoas) e ao tempo verbal pretérito (típico de narrações de fatos reais).

Com relação aos fatores sociais, a localização geográfica, a idade e o gênero dos falantes também se mostraram relevantes. O Rio de Janeiro é a cidade menos conservadora ao usar mais *a gente*, assim como os falantes mais jovens e as mulheres, as quais, segundo a autora, “conduzem os membros da sociedade aos primeiros contatos com a linguagem, iniciando o processo de mudança lingüística” (Lopes, 1993).

2.6.3 Gênero e número

No subcapítulo 2.4, vimos que a gramaticalização de *a gente* como pronome pessoal resultou em perdas e ganhos em termos de propriedades formais e semântico-discursivas em relação à sua categoria original de nome *gente*. Com essa mudança categorial, *a gente* não herdou todas as propriedades do nome *gente* nem incorporou todas as dos pronomes pessoais.

Segundo Vianna e Lopes (2003), ao passar para a categoria de pronome, *a gente* teria perdido, entre outros traços, a sua especificação positiva original de gênero formal [+feminino]. Para Lopes (1993), existem dois tipos de gênero e dois tipos de número: o formal e o semântico. Dessa forma, a autora descreve que no nome *gente* o traço formal de gênero é

feminino e o traço semântico não está especificado, uma vez que recebe o traço do seu referente. Já o pronome *a gente* (assim como *eu*, *tu*, *nós*, *vós*) recebe o traço formal do referente e do traço semântico¹⁸, uma vez que é este que define o valor negativo ou positivo para o traço feminino, por meio da sua combinação com adjetivos no masculino ou no feminino. Os demais pronomes (*ele/ela*, *eles/elas*) possuem traços formais e semânticos femininos, com um valor negativo ou positivo, dependendo do caso.

Com a entrada no sistema pronominal da forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo teria se perdido, tornando-se [Ø fem]. Entretanto, no que diz respeito à interpretação semântica, a forma *a gente* pronominalizada passaria a ser semanticamente subespecificada [α fem] tendo uma certa relação com o traço formal presente em predicativos. (Vianna & Lopes, 2003, p. 1)

Com relação ao número, o nome *gente* é classificado formalmente como singular, mas indica uma pluralidade. Assim, possui traço formal diferente do semântico. Os pronomes pessoais *eu* e *tu* têm traços singulares e *nós* e *vós* têm traços plurais, ou seja, os seus valores são definidos formal e semanticamente de maneira sempre igual. Já os pronomes *ele/ela* e *você* são diferentes, uma vez que o valor para plural pode receber o valor negativo ou positivo. Já *a gente* é formalmente singular, mas semanticamente assume o valor do seu referente.

Para Vianna e Lopes (2003), o fato de o pronome *a gente* poder designar uma pluralidade (o que chamaram de “o falante + alguém”) é responsável por permitir várias possibilidades no estabelecimento da concordância com participios e adjetivos em estruturas predicativas.

Pereira (2003) estudou exaustivamente os padrões de concordância desencadeados por *a gente* em estruturas predicativas com adjetivos e participios e verificou que há quatro possibilidades disponíveis no PE. Exemplos de Pereira (2003):

47) *A gente* está **cansado**. [masculino-singular]

48) *A gente* está **cansada**. [feminino-singular]

49) *A gente* está **cansados**. [masculino-plural]

¹⁸ Menuzzi (2000) afirma que o gênero da expressão pronominal *a gente* é determinado conforme a sua interpretação, ou seja, se o antecedente for masculino, a flexão é no masculino. Se o antecedente for feminino, a concordância é no feminino, conforme:

45) *A gente* ficou **surpreso** com o beijo (João falando de si e da Maria).

46) *A gente* ficou **surpresa** com o beijo (Ana falando de si e da Maria).

50) *A gente* está **cansadas**. [feminino-plural]

Ao analisar as mesmas estruturas no PB, Lopes (2004) não encontrou, no entanto, tanta variedade. Baseada num *corpus* de falantes cultos (Projeto NURC), a autora encontrou apenas duas concordâncias: no masculino-singular e no feminino-singular. No primeiro caso, o referente de *a gente* era masculino, misto (de ambos os sexos) e/ou genérico. No segundo, era exclusivamente feminino. Exemplos de Lopes (2004):

51) “nesse ponto lá em casa *a gente* é muito **cuidadoso**” [referente misto]

52) “na época *a gente* era...era...**novo**” [referente masculino exclusivo]

53) “na hora *a gente* fica **revoltada**” [referente feminino exclusivo]

Já ao analisar amostras de fala popular (Projeto Censo), Vianna (2003) encontrou quatro possibilidades de concordância, ou seja, no masculino-singular, no masculino-plural, no feminino-singular e no feminino-plural, apesar de a flexão no masculino-singular ter sido, de longe, a forma mais produtiva (74%). Exemplos de Vianna e Lopes (2003):

54) “que *a gente* não sabe... fica atordoada sem saber o que fazer.” [feminino-singular]

55) “*a gente*... entrava **as três** juntos.” [feminino-plural]

56) “*A gente* fica irritado.” [masculino-singular]

57) “se *a gente* é, vivê a vida, né? Seguir **juntos**, né?” [masculino-plural]

Vianna (2003) encontrou as mesmas quatro estratégias associadas ao pronome *nós*, pleno ou nulo, sendo o masculino-plural a forma mais produtiva:

58) *Nós* estamos **cansado**. [masculino-singular]

59) *Nós* estamos **cansados**. [masculino-plural]

60) *Nós* estamos **cansada**. [feminino-singular]

61) *Nós* estamos **cansadas**. [feminino-plural]

Na tabela a seguir, adaptada de Vianna (2003), encontram-se reunidas todas as porcentagens das estratégias de concordância de gênero e número obtidas no *corpus* com falantes de baixa escolaridade:

Tabela 5 - *Nós* e *a gente*: concordância de gênero e número

Pronomes	Masculino-singular	Masculino-plural	Feminino-singular	Feminino-plural
<i>Nós</i>	34%	55%	2%	9%
<i>A gente</i>	74%	3%	22%	1%
Total	52%	32%	11%	5%

Vianna (2003), adaptado

Como vemos na tabela acima, a concordância de *a gente* com o masculino-singular é a mais produtiva (74%). Já com o pronome *nós*, há predomínio do masculino-plural (55%). Segundo Vianna o fato é justificado devido ao caráter “mais genérico” do primeiro pronome e ao “mais específico” do segundo.

Além do grau de referencialidade, outros fatores se mostraram determinantes na escolha da flexão de gênero e número. Na tabela abaixo, retirada de Vianna (2003), encontram-se reunidas todas as possibilidades de flexão de acordo com o gênero do referente:

Tabela 6 - Controle do referente vs. estratégias de concordância

	Feminino-singular		Feminino-plural		Masculino-singular		Masculino-plural	
Referência	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
Só homens	-	-	-	-	100%	55%	-	45%
Só mulheres	79%	8%	7%	92%	7%	-	7%	-
Misto	14%	1%	-	-	83%	33%	3%	66%
Genérico	19%	-	-	-	77%	36%	3%	64%

Vianna (2003)

Vemos, no quadro acima, que, quando o referente é exclusivamente masculino, a flexão é categórica no masculino, podendo variar entre o singular e o plural quando se usa o pronome *nós* e sendo 100% no singular quando se utiliza *a gente*.

Já com o referente exclusivamente feminino, vemos uma pequena variação. Com o pronome *nós*, prevalece o feminino-plural (92%); com *a gente*, há predomínio do feminino-

singular (79%)¹⁹.

Com o referente misto (ambos os sexos) ou genérico (grupo indeterminado), houve maior incidência de estruturas predicativas no masculino. Com *a gente*, se sobressai a concordância no masculino-singular e, com *nós*, no masculino-plural.

Um ponto de destaque na amostra popular é que, diferentemente do encontrado por Lopes (2004) entre os falantes cultos, houve uso significativo do masculino-singular combinado com *nós* (34%). Assim, o masculino-singular aparece tanto nas combinações com *nós* como nas com *a gente* de ambos os sexos – fato interpretado pela autora como indício de que o masculino (forma neutra e não marcada no português) está se generalizando:

A maior diferença de comportamento identificada nesse estudo refere-se, contudo, ao uso do masculino-singular que se generaliza combinando-se tanto com *nós* como com *a gente* em ambos os sexos. Tal comportamento pode sugerir que o masculino, por ser a forma neutra e não-marcada, tem se generalizado como *default*, principalmente quando a referência é inespecífica: referente [misto] ou [genérico]. (Lopes, 2004, p. 59)

Essa mesma tendência foi observada por Vianna (2003). A autora comparou dados dos anos 1980 com dados do fim da década de 1990 e notou uma mudança no comportamento das mulheres: com referente exclusivamente feminino, houve um grande crescimento na concordância de *a gente* com o masculino-singular (de 44% nos anos 1980 para 63% nos anos 2000). A flexão no feminino-singular, por sua vez, recuou significativamente (de 56% para 38% após duas décadas).

Com o pronome *nós*, no entanto, não houve instabilidade. Comparando as duas décadas, novamente com referente exclusivamente feminino, a autora verificou uma queda no uso do masculino-plural e um leve aumento no uso do masculino-singular, embora o uso do masculino-plural tenha permanecido mais frequente (masculino-plural: de 55 para 44% e masculino-singular: de 25 para 31%, respectivamente). O uso do feminino-plural foi levemente aumentado (15 para 19%) e o feminino-singular permaneceu estável (de 5 para 6% dos casos). Para Vianna, o fato de a combinação mais frequente de *nós* ser com o masculino-plural é consequência do caráter [+definido] desse pronome, que, por significar necessariamente “*eu + alguém*”, leva o predicativo para o plural.

Resumidamente, vimos que: com amostras populares, Vianna (2003) localizou quatro estratégias de concordância com *a gente* em estruturas predicativas: masculino-singular,

¹⁹ As autoras localizaram apenas uma ocorrência de *a gente* com o masculino-singular e uma com o masculino-plural, ambas em estruturas predicativas não-canônicas.

masculino-plural, feminino-singular e feminino-plural. Embora o singular não tenha sido categórico, como foi observado por Lopes (2004) entre os falantes cultos, os exemplos no plural são raros e não seriam considerados estruturas predicativas na sua forma canônica. A maior diferença entre os dois estudos está, portanto, no uso do masculino-singular, que parece estar se generalizando ao ser combinado tanto com *nós* como com *a gente*, com referentes de ambos os sexos e especialmente mistos ou genéricos.

2.6.4 Flexão verbal

Ao analisar amostras de falantes cultos (Projeto NURC), Lopes (1993) verificou que a flexão verbal de *a gente* se dá sempre na 3ª pessoa do singular²⁰, ou seja: “*a gente vai*”. A autora não encontrou ocorrências de *a gente* com o verbo na 1ª pessoa do plural: “**a gente vamos*”, nem na 3ª do plural: “**a gente vão*”.

Com o pronome *nós*, na mesma amostra, a concordância também foi categórica, sempre com verbo na 1ª pessoa do plural, ou seja: “*nós vamos*”.

Apesar de as flexões verbais terem seguido a norma culta à risca, isso não ocorreu em outras combinações com *a gente*. Segundo a autora, quando a interpretação significa a inclusão do falante na situação, *a gente* pode se combinar a elementos de 1ª pessoa do plural. Exemplo de Lopes (1993):

62) “E sai no **nosso** diploma que *a gente* tem condições de assinar uma planta” (Projeto NURC) [1ª pessoa do plural no pronome possessivo]

Alguns anos depois, Lopes (2003, 2004) voltou a analisar o assunto, comparando amostras de informantes cultos em duas décadas distintas, a de 1970 e a de 1990, e constatou uma nova mudança de comportamento. Embora esses falantes tenham continuado a concordar *a gente* com verbo na 3ª pessoa do singular, a presença da 1ª pessoa do plural em estruturas com *a gente* aumentou consideravelmente (de 7% em 1970 para 37% em 1990).

mesmo não apresentando concordância verbal com P4, entre os falantes cultos a forma *a gente* ocorre em paralelismo com marcas formais de P4, evidenciando que a sua estrutura conceptual pressupõe a inclusão do falante, ou o traço semântico [+Eu]. (Lopes, 2003, p. 136)

²⁰ Nos dados testados por Menuzzi (2000) com falantes do Rio Grande do Sul, *a gente* também sempre desencadeia concordância verbal com a 3ª pessoa do singular.

O fenômeno foi constatado principalmente em estruturas paralelas, ou seja, quando se inicia o enunciado com *a gente* e se incluem estruturas em 1ª pessoa do plural no verbo ou em formas pronominais correlatas. Veja alguns exemplos extraídos de jornais brasileiros por Lopes (2004):

63) O objetivo era preparar tudo para a chegada da Regina. **A gente** trabalhou à beça e **pesquisamos** um monte de coisa. (Jornal do Brasil, 19/08/1997).

64) **A gente** não se sente seguro nas ruas. Mesmo sabendo que refrescaria um pouco, **torcemos** para não chover, porque **temos** medo que as águas inundem a cidade. Resultado: **morremos** de calor... (Revista de Domingo do Jornal do Brasil, 08/02/1998)

65) “por isso, **vamos** conversar. Entre em contato com **a gente**, para **nos** contar o que aconteceu. **Queremos** saber os motivos que levaram a essa decisão.” (Trecho de carta comercial da diretoria da Editora Globo, maio/1998)

Já com as amostras de fala popular (Projeto Censo), Vianna e Lopes (2003) verificaram outras possibilidades de flexão verbal. As autoras constataram que, apesar de a maior parte das concordâncias de *a gente* ser com verbo na 3ª pessoa do singular, há, nesse público, casos de flexão verbal na 1ª pessoa do plural (10%) e até na 3ª pessoa do plural (3%).

Nesse mesmo estudo, as autoras ainda identificaram combinações de *nós* com verbo na 3ª pessoa do singular (– de 6%), embora a grande maioria estivesse concordando com a 1ª pessoa do plural (94%). Exemplos de Vianna e Lopes (2003):

66) **A gente + P3:**

...**a gente** é obrigada a fazer recuperação.

67) **A gente + P4:**

A gente nunca **fomos** assaltada, não.

68) **A gente + P6:**

...**a gente** **tão** se sentindo sufocados, né?

69) *Nós* + P3:

... *nós* dois **deve** tá enganado.

70) *Nós* + P4:

... *nós* **somos** brasileiros.

Tabela 7 - Estratégias de concordância verbal com *nós* e *a gente* entre falantes não-cultos

Concordância verbal vs. Pronome	3ª pessoa singular	1ª pessoa do plural	3ª pessoa do plural
<i>Nós</i>	6/109 6%	103/109 94%	---
<i>A gente</i>	81/93 87%	9/93 10%	3/93 3%

Vianna & Lopes (2003)

Como vemos na tabela acima, não houve diferenças estatísticas muito relevantes que afastem tanto o comportamento dos falantes cultos dos não-cultos no que diz respeito ao padrão de flexão verbal. Mesmo que na amostra dos não escolarizados tenham sido encontradas várias concordâncias verbais no que se refere ao traço de pessoa, as combinações de *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do singular (87% dos casos) e de *nós* com o verbo na 1ª pessoa do plural (94%) foram, de longe, as mais produtivas.

Segundo as autoras, a concordância de *a gente* com verbo na 1ª pessoa do plural deve-se ao fato de que nessa forma está inserida a ideia do “falante + alguém” ou o traço semântico [+EU]. Exemplos de Vianna e Lopes (2003):

71) ...*a gente* **tamos** acostumado.

72) ... *a gente* não **somos** aluno dela...

Já a concordância de *nós* com verbo na 3ª pessoa do singular pode ter sido motivada pelos tipos de construções escolhidas pelos falantes: são casos com posposição de sujeito (exemplo 73), pausa entre o pronome sujeito e o verbo (74) ou presença de quantificadores universais (75), respectivamente. Exemplos de Vianna e Lopes (2003):

73) ... **ia nós** dois, mas agora a grana nem dá.

74) ... (**nós**) não pudemos saltar porque... que **era** obrigado a tomar injeção para poder saltar.

75) Porque **nós é tudo** vizinho.

Outra justificativa apontada pelas autoras para a combinação de *nós* com verbo na 3ª pessoa do singular está na “intercambialidade existente entre as formas *nós* e *a gente*”, ou seja, a equivalência de significado que ambas as formas desempenham no português contemporâneo. Exemplos de Vianna e Lopes (2003):

76) ... **nós** dois **deve** tá enganado.

77) Então todos **nós** lá **trabalhava**...

Já o padrão de concordância de *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do plural é “aparentemente motivada pela pluralidade semântica inerente a tal forma pronominal”. Exemplos de Vianna e Lopes (2003):

78) ...**a gente** **tão** se sentindo sufocados, né?

79) ...fala que **a gente** (“**são**”) metida, **são** orgulhosa...

2.7 A gente no português europeu

Costa e Pereira (2005, 2013), Costa, Moura, Pereira e Araújo (2001) e Pereira (2003) estudaram exaustivamente os padrões de concordâncias desencadeados pelo pronome *a gente* no PE²¹. Nas suas análises, os autores verificaram que a mistura de características de *a gente* desencadeia, da mesma forma que no PB, concordâncias variadas, seja no que se refere à flexão verbal, seja no predicado de construções predicativas.

2.7.1 Flexão verbal

Relativamente à concordância verbal, os autores verificaram três combinações possíveis com a forma *a gente*: na 3ª pessoa do singular, conforme recomenda o uso

²¹ Nossa meta neste subcapítulo é apresentar apenas uma breve revisão bibliográfica sobre os padrões de concordância desencadeados por *a gente* no PE, uma vez que é objetivo deste trabalho descrever e analisar tais comportamentos nos dialetos do PE continental de forma mais detalhada.

normativo (exemplo 80); na 1ª pessoa do plural, concordando com os traços semântico-discursivos (81); e na 3ª pessoa do plural, este restrito a determinados dialetos (82).

80) *A gente vai*.

81) *A gente vamos*.

82) *A gente vão*.

Segundo Nascimento (1989, p. 485-486), “o uso normativo recomenda a concordância de *a gente* com a 3ª pessoa verbal, sendo a sua concordância com a 4ª pessoa considerada como própria da chamada ‘linguagem popular’”.

Ao analisarem amostras de falantes de baixa escolaridade²², Costa e Pereira (2005, 2013) concluíram que a variação no padrão de concordância de *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do singular ou na 1ª pessoa do plural é puramente opcional e não está associada a nenhum dialeto específico. Os autores chegaram a essa conclusão após observarem que as duas formas são realizadas dentro de um mesmo dialeto. Exemplos de Costa e Pereira (2013):

Dialeto de Coimbra:

83) Então **comprava** *a gente* muitas coisas lá...

84) *A gente dizíamos*:

Dialeto de Faro:

85) *A gente sabe* bem disso.

86) *A gente estamos* em Portugal.

Dialeto de Horta:

87) Olhe, *a gente* não **pode** dizer...

88) O meu pai morreu – Deus o tenha no céu – *a gente éramos* pequeninos.

A concordância de *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do plural, por sua vez, é bastante restrita e só foi encontrada pelos autores no dialeto de São Miguel, nos Açores.

²² O *corpus* utilizado na análise de Costa e Pereira foi o mesmo utilizado neste estudo, ou seja, o *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN).

2.7.2 Gênero e número

Com relação às concordâncias que *a gente* desencadeia com adjetivos e participípios em contextos predicativos, Costa e Pereira (2005, 2013) atestaram quatro possibilidades: com masculino-singular, feminino-singular, masculino-plural e feminino-plural, conforme:

89) *A gente* anda **nervoso**.

90) *A gente* anda **nervosa**.

91) *A gente* anda **nervosos**.

92) *A gente* anda **nervosas**.

“Paralelamente às várias formas de concordância com o verbo, *a gente* também não concorda de uma forma sistemática com adjetivos e participípios” (Pereira, 2003, p. 29). Na sua dissertação de mestrado, Pereira (2003) verificou, no entanto, que os quatro padrões de concordância são disponibilizados somente quando o verbo é flexionado na 3ª pessoa do singular²³. Quando está na 1ª pessoa do plural, a flexão dos adjetivos e participípios é mais restrita e as formas no singular passam a ser agramaticais, conforme:

93) a. **A gente* estamos **cansado**.

b. **A gente* estamos **cansada**.

c. *A gente* estamos **cansados**.

d. *A gente* estamos **cansadas**.

Pereira (2003) também verificou que os padrões de concordância podem variar de acordo com a amostra analisada. Nas amostras de fala oral²⁴, a autora encontrou o masculino-singular (“*a gente* está cansado”) como a forma mais utilizada, enquanto que a menos frequente foi o feminino-plural. Já nas fontes de registro escrito²⁵, o feminino-singular (“*a gente* está cansada”) foi o padrão mais produtivo, provavelmente por ser a forma favorecida pela norma culta.

²³ Um comportamento parecido foi observado pela autora com relação aos infinitivos: com infinitivos flexionados, a tendência é que haja flexão de número também no predicado.

²⁴ CORDIAL-SIN (*Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*) e CRPC (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo*).

²⁵ Além do CRPC, a autora também consultou textos literários e paraliterários (isto é, poemas musicados e letras de músicas).

Além das amostras orais e escritas, a autora também desenvolveu uma série de testes para descobrir a gramática interna dos falantes do PE. O teste continha frases predicativas com *a gente* e consistia em perguntar a informantes escolhidos aleatoriamente qual a forma adjetival/participial que julgavam ser a mais adequada (feminino-singular, feminino-plural, masculino-singular ou masculino-plural). Segundo esses testes, o padrão mais produtivo no PE foi o masculino-plural.

Tabela 8 - Gênero e número de *a gente* em questionário sobre as preferências de concordâncias em estruturas predicativas

	Informantes homens	Informantes mulheres
Masculino-singular	5%	4,5%
Feminino-singular	16%	14%
Masculino-plural	77%	54%
Feminino-plural	0,5%	17%
Não respondeu	2%	10,5%

Pereira (2003), adaptado

Como vemos na tabela acima, o masculino-plural é, de longe, a forma mais utilizada no português padrão, independentemente do sexo do informante. Ou seja, mesmos as informantes do sexo feminino optaram por concordar *a gente* com uma forma no masculino-plural.

Costa e Pereira (2013) quiseram, então, verificar se esse comportamento também se repetia no português dialetal e descobriram resultados parcialmente parecidos.

Na tabela a seguir, encontram-se reunidas todas as possibilidades encontradas pelos autores, com o verbo no singular e no plural e com informantes homens e mulheres.

Tabela 9 - Padrões de concordância de *a gente* em contextos predicativos no português dialetal

Padrão	Número de ocorrências	Gênero		Concordância verbal		
		Masculino	Feminino	3SG	1PL	3PL
Masc. Sing.	23 (23,71%)	21	2	23	0	0
Masc. Pl.	44 (45,3%)	35	9	26	13	2
Fem. Sing.	25 (25,7%)	8	17	25	0	0
Fem. Pl.	7 (7,2%)	0	7	3	2	2

Costa & Pereira (2013)

Na tabela acima, vemos que os resultados foram parcialmente semelhantes aos encontrados por Pereira (2003) no sentido de que o masculino-plural é a forma mais utilizada também no português dialetal. Neste estudo, no entanto, fica claro que o sexo do informante é um fator determinante na flexão de gênero, já que o feminino-singular foi a forma mais produtiva entre as mulheres. Além disso, assim como nos dados de Pereira (2003), aqui o verbo no plural também bloqueia a ocorrência de adjetivos ou particípios no singular.

Assim, a conclusão a que chegaram Costa e Pereira (2013) é que a escolha por gênero/número nos predicativos não está relacionada a nenhum dialeto. Pelo contrário, há uma tendência a se marcar os adjetivos e os particípios com o plural em todo o PE, tanto no português padrão como nos dialetos, notadamente quando o verbo está no plural. A marcação do gênero também não está associada a nenhum dialeto específico, é determinada principalmente pelo sexo do falante.

2.7.3 Duplo sujeito

Conforme mostramos em subcapítulos anteriores, diversos autores verificaram que *a gente* pode ser usada com o objetivo de se indeterminar o sujeito. O clítico *se*, da mesma forma, também pode ser empregado para a indeterminação do sujeito, conforme:

94) Na Inglaterra, dirige-*se* do lado esquerdo da rua.

95) No Brasil, *a gente* dirige do lado direito da rua.

Martins (2009) verificou, no entanto, que em alguns dialetos do PE há a utilização simultânea de *a gente* + o clítico *se* para a indeterminação. Segundo a autora, esse duplo preenchimento da posição do sujeito pode ocorrer com o clítico *se* somado a um pronome forte ou, mais raramente, a um Sintagma Determinante (SD) completo.

96) *A gente* chama-*se* rãs a isto.

97) Chama-*se*-lhe *a gente* espigas.

3 A HIPÓTESE DE CORRELAÇÃO DIACRÔNICA ENTRE MUDANÇA DO SISTEMA PRONOMINAL, ENFRAQUECIMENTO DA FLEXÃO VERBAL E ALTERAÇÃO DAS PROPRIEDADES DE SUJEITO NULO NO PB

Como vimos no subcapítulo 2.1, a inserção de *a gente* e de *você(s)* no quadro pronominal desencadeou uma série de alterações gramaticais no português contemporâneo. Além das variações nos padrões de concordância (verbal, adjetival e participial), diversos autores (Barbosa, Duarte & Kato, 2001, 2005; Cyrino, Duarte & Kato, 2000; Duarte, 1993, 1995; Lopes, 2004; entre outros) também creditam à inclusão desses novos pronomes o fato de o PB estar passando por uma mudança no Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), isto é, de estar se transformando de uma língua de sujeito nulo²⁶ (ou *pro-drop*) em uma de sujeito pleno (ou não *pro-drop*).

Segundo esses autores, o PB prefere, cada vez mais, o preenchimento pronominal nos contextos em que o PE opta pelo sujeito nulo. A possibilidade de se utilizar um sujeito pronominal realizado em orações simples (exemplo 98), coordenadas (99) ou completivas (100), sem que isso signifique referência disjunta, distingue o PB do PE, uma língua tipicamente de sujeito nulo.

98) a) **Eu** estou doente. (PB)

b) Ø Estou doente. (PE)

99) a) O **Pedro_i** estudou bastante, mas **ele_i** não passou no exame. (PB)

b) O Pedro_i estudou bastante, mas [-]_i não passou no exame. (PE)

100) a) A **Joana_i** acha que **ela_i** está acima do peso. (PB)

b) A Joana_i acha que [-]_i está acima do peso. (PE)

3.1 O Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)

Proposto por Chomsky em 1981, o estabelecimento do Parâmetro do Sujeito Nulo procura explicar as diferenças entre as línguas de sujeito nulo e as de sujeito não-nulo. Nas

²⁶ Em Brito, Duarte e Matos (2003a), p. 443, encontramos a seguinte definição para sujeito nulo: “O sujeito subentendido (ou nulo) é um sujeito pronominal não realizado e que precisa de ser legitimado e identificado: legitimado por Flex e identificado pelos traços de pessoa e de número da concordância. [...] Os traços de pessoa e número da concordância de Flex identificam o SN sujeito. Tal identificação permite ‘subentender’ o sujeito.”

com sujeito nulo, como o português, o italiano, o espanhol, etc., a possibilidade de se recuperar a referência de um sujeito oculto por meio da flexão verbal é o que licencia o seu apagamento, ou seja, autoriza a realização de uma categoria vazia que é passível de recuperação. Já nas línguas em que há ausência de um sistema de flexão verbal “rico”, como no inglês, há a impossibilidade de se resgatar a referência de um sujeito oculto; por isso, há sempre o preenchimento da posição de sujeito, seja com um pronome pessoal ou com um Sintagma Nominal (SN) completo. Dessa forma, Chomsky dividiu as línguas em dois grupos dentro do PSN: as *pro-drop* e as não *pro-drop*.

Um estudo sobre o chinês realizado por Huang em 1984²⁷ (citado por Lucchesi, 2009a), no entanto, mostrou que esta língua licencia o sujeito nulo apesar de dispor de um paradigma verbal ausente de flexão. Com isso, a “riqueza” flexional perdeu o seu caráter exclusivo na caracterização do PSN. A partir daí, diversos autores (Jaeggli & Safir, 1989; Kato, 2002; Roberts, 1993²⁸, citado por Duarte, 1993; entre outros) desenvolveram novas teorias para tentar explicar o parâmetro.

Na teoria de Jaeggli e Safir (1989), o que licenciaria o sujeito nulo seria o que chamaram de “uniformidade morfológica dos paradigmas verbais”. Um paradigma é morfológicamente uniforme se possuir formas derivadas (desinências de número, pessoa, tempo, modo, aspecto, etc.) ou formas não derivadas. No primeiro caso, a recuperação do sujeito nulo se realizaria por meio da concordância (de número, pessoa, tempo, etc.). No segundo, pela correferência com um elemento nominal que ocupe a posição do sujeito. As línguas com paradigma misto, ou seja, que possuem formas morfológicamente complexas e simples, não estariam licenciadas a apagar o sujeito.

Outra contribuição para a formulação do PSN nulo foi oferecida por Roberts (1993, citado por Duarte, 1993). Ao analisar o francês antigo (língua de sujeito nulo), o autor mostrou que o paradigma flexional dessa língua não apresentava desinência na 1ª pessoa do singular, desafiando, assim, a uniformidade morfológica proposta por Jaeggli e Safir. Para esse autor, um paradigma “rico” é o que permitiria o apagamento do sujeito. E essa riqueza seria compatível com uma desinência zero desde que as outras pessoas do quadro pronominal fossem distintas.

Kato (2002), por sua vez, também contribuiu para a atualização do parâmetro. Ao realizar uma releitura da teoria do PSN, a autora concluiu que cada parâmetro se manifesta na

²⁷ Huang, J. (1989) Pro-Drop in Chinese: a generalized control theory (pp.185-214). In O. Jaeggli & K. J. Safir (Eds.). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

²⁸ Roberts, I. (1993). *Verbs and Diachronic Syntax: A Comparative History of English and French*. Dordrecht, Holland: Kluwer Academic Publishers.

língua não por meio de uma “propriedade singular”, mas sim por meio de uma propriedade da qual decorrem outras propriedades. Em outras palavras, cada parâmetro se manifestaria na língua por meio de um conjunto de propriedades relacionadas e não por uma ou outra característica em particular. Dessa forma, o PSN se atualizaria por meio de um conjunto de propriedades, o qual apresentamos a seguir (Rizzi, 1992²⁹, citado por Lucchesi, 2009a):

i) Possibilidade de sujeitos nulos referenciais

101) Ø Fomos à universidade.

102) Ø Conheço a Maria.

ii) Possibilidade de sujeitos nulos expletivos

102) Choveu.

104) Parece que vai chover.

iii) Possibilidade de inversão da ordem sujeito-verbo

105) Nasceram os gêmeos.

106) Floriram as cerejeiras.

iv) Possibilidade de extração do sujeito à distancia

107) Quem você disse que vai viajar?

108) Quem você acha que foi o vencedor?

3.2 A redução do sistema de flexão verbal e das propriedades do sujeito nulo no PB

Segundo Lucchesi (2009a), o PB não perdeu nenhuma das propriedades que licenciam o sujeito nulo (não gramaticalizou nenhum pronome para a função de sujeito não-argumental, não perdeu a propriedade de inversão do sujeito com o verbo, nem a de extração do sujeito à distância). Para esse autor, o PB estaria vivendo “uma fase de transição em que convivem características de duas gramáticas”, admitindo tanto sequências com sujeito realizado como com sujeito nulo.

Diferentemente de Lucchesi, no entanto, Duarte (1993, 1995, 2003) defende a hipótese de que o PB perdeu as características das línguas *pro-drop* ao substituir os pronomes de 2ª

²⁹ Rizzi, L. (1982) *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris.

pessoa do singular e do plural *tu* e *vós* pelos pronomes de tratamento *você* e *vocês*, respectivamente, e ao estabelecer concorrência entre a expressão pronominal *a gente* e o pronome de 1ª pessoa do plural *nós*.

Segundo a autora, a produtividade dos novos pronomes levou a substituições no sistema pronominal, que levaram à redução do quadro de flexão verbal, uma vez que tanto com *você* como com *a gente* o verbo se mantém na forma da 3ª pessoa do singular, ou seja, sem um morfema específico de pessoa e de número. A mudança no sistema de flexão verbal, por sua vez, levou à diminuição da frequência de sujeitos nulos, uma vez que sem um sistema flexional “rico” há incapacidade de se resgatar um sujeito nulo.

o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente ‘rica’ para tal processo. (Duarte, 1993, p. 141)

Ao comparar o quadro pronominal do PB antes e depois da inserção de *a gente* e de *você(s)*, a autora demonstra que a entrada dos novos pronomes levou a um expressivo enfraquecimento da morfologia verbal: se antes havia seis padrões disponíveis, agora, há apenas três.

Tabela 10 - Situação anterior: seis padrões de flexão verbal

<i>Eu falo</i>
<i>Tu falas</i>
<i>Ele/ela fala</i>
<i>Nós falamos</i>
<i>Vós falais</i>
<i>Eles/elas falam</i>

Tabela 11 - Situação atual: três padrões de flexão verbal³⁰

<i>Eu falo</i>
<i>Você, ele/ela, a gente fala</i>
<i>Vocês, Eles/elas falam</i>

A conjugação no imperfeito do indicativo faz com que o quadro se reduza ainda mais, passando para apenas dois padrões de flexão:

Tabela 12 - Situação atual no imperfeito do indicativo: dois padrões de flexão verbal

<i>Eu, Você, Ele/ela, a gente falava</i>
<i>Eles/elas falavam</i>

Segundo Duarte (1993, 1995, 2003), diante de um quadro reduzido como esse, há impossibilidade de se recuperar o sujeito por meio da flexão verbal. E, com a impossibilidade de recuperação, a realização do sujeito pronominal torna-se fundamental para a compreensão do discurso³¹.

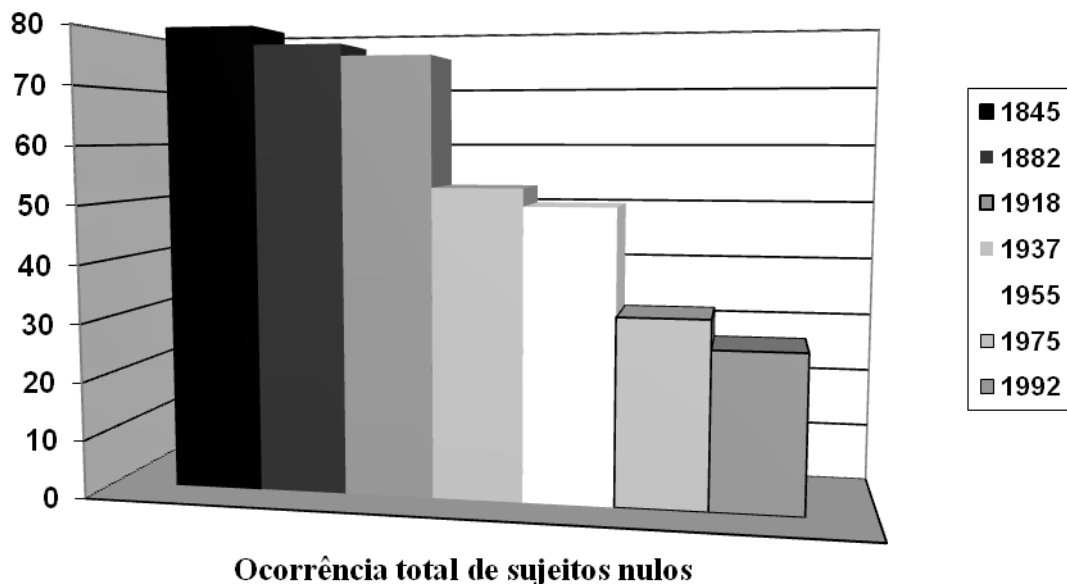
Para provar a sua teoria, Duarte (1993) mostra, em um estudo diacrônico, o processo de redução de sujeitos nulos percorrido pelo PB durante o século passado. Focalizando apenas a variedade culta, por meio da análise de textos de peças teatrais, a autora verificou que o nível de preenchimento do sujeito pronominal saltou de 25%, em 1918, para 46%, em 1937, atingindo 67% e 74% de sujeitos realizados em 1975 e 1992, respectivamente. Segundo a autora, foi no decorrer das primeiras décadas do século XX que o PB sofreu as alterações mais expressivas no seu sistema pronominal (com a inserção de *você(s)* e de *a gente*).

³⁰ Para Duarte (1993) a expressão pronominal *a gente* e o pronome de 1ª pessoa do plural *nós* coexistem atualmente no PB. Dessa forma, a autora defende que há dois paradigmas disponíveis: um com apenas três flexões verbais (descrito acima) e outro com quatro, em decorrência do uso do pronome *nós*, que ainda resiste na língua escrita e na fala de uma geração com faixa etária mais alta.

³¹ Lopes (2004), entre outros autores, também defende a hipótese de que a inserção de *você(s)* e *a gente* no sistema pronominal do PB levou à redução do sistema flexional, que, por sua vez, levou à redução das ocorrências de sujeito nulo. Segundo essa autora, “a perda da desinência verbal dá aos novos pronomes o *status* de únicos indicadores da categoria de pessoa, daí sua presença ter se tornado cada vez mais obrigatória.” (Lopes, 2004, p. 48)

Na figura a seguir, encontram-se reunidas as porcentagens de sujeitos nulos verificadas pela autora:

Figura 6 - Percentagem de sujeitos nulos no PB



Duarte (1993)

Ao analisar o nível de preenchimento pronominal separado por pessoa do discurso, Duarte (1993) verificou que as substituições de *tu* e de *vós* por *você* e *vocês* foram ainda mais determinantes do que a inserção de *a gente* para o processo de aumento das ocorrências de sujeitos realizados. Segundo os dados da autora, somente com a 2ª pessoa do singular e do plural houve uma diminuição de 69% de sujeitos nulos em 1918, para apenas 25% em 1937.

De forma menos brusca, a frequência de sujeitos nulos de 1ª pessoa do singular e do plural *eu* e *nós* também sofreu redução. A queda se intensificou em 1918, mas foi somente na segunda metade do século XX que a frequência de sujeitos realizados com a 1ª pessoa superou a de sujeitos nulos: de um total de 65% de sujeitos nulos em 1845, o PB subiu para mais de 80% em 1918. A partir daí, no entanto, só houve retração: para aproximadamente 60% em 1937 e cerca de apenas 20% em 1992.

Dessa forma, Duarte (1993) verificou que o fato de a 1ª pessoa, tanto no plural como no singular, ser a única que mantém desinências exclusivas (*-mos* e *-o*, respectivamente) não foi suficiente para manter o sujeito nulo, o que, segundo a autora, “corrobora a tese de

Roberts, segundo a qual quatro formas distintivas comprometem definitivamente a riqueza funcional de um paradigma flexional” (Duarte, 1993, p. 114).

É importante destacar, no entanto, que os índices de preenchimento com a 1ª pessoa pronominal aumentaram de forma brusca quando já conviviam no PB dois paradigmas flexionais: um com três padrões de flexão verbal (em decorrência da substituição de *nós* por *a gente*) e outro com quatro (em decorrência da resistência do uso de *nós* em textos mais formais e na gramática de pessoas com mais idade).

De um índice de 100% de sujeitos nulos [...] chegamos a 7% (uma ocorrência em quinze) em 1975 e nenhuma ocorrência em 1992: os dez sujeitos de 1ª pessoa do plural são pronominais; em três deles foi usado o pronome *nós* (pelas personagens mais velhas) e em sete, a expressão *a gente* (pelos jovens). (Duarte, 1993, p. 115)

A 3ª pessoa, no entanto, parece ser a única que não foi significativamente afetada pela alteração do sistema pronominal. Nesses casos, houve uma ligeira queda na segunda metade do século XX, mas o sujeito nulo continuou a ser a opção preferida na variedade brasileira: caindo de cerca de 80% em 1845, para aproximadamente 55% em 1992.

Ao analisar amostras de fala popular, focando comunidades rurais afro-brasileiras, Lucchesi (2009a) chegou a resultados bastante semelhantes aos de Duarte (1993). Segundo os dados do autor, o sujeito pronominal nulo também é mais elevado na 3ª pessoa, seguida de perto pela 1ª pessoa, sendo a 2ª pessoa o contexto menos favorável ao sujeito nulo.

Para ambos os autores (Duarte, 1993; Lucchesi, 2009a), o traço semântico [–animado] favorece, de forma considerável, a não realização do sujeito de 3ª pessoa. Segundo eles, o traço [–animado] tem se constituído em um importante fator na implementação do uso de categorias vazias no PB, não só no caso do sujeito pronominal nulo como no de complementos diretos anafóricos e no de incremento das relativas cortadoras.

Os dois autores concordam, ainda, que o morfema de 1ª pessoa do plural *–mos* é o contexto que mais favorece o sujeito nulo, uma vez que é o morfema número-pessoal mais saliente do paradigma flexional (segundo o *princípio da saliência fônica* proposto por Naro & Lemle, 1976³², citado por Lucchesi, 2009a).

Para Lucchesi (2009a), a força do morfema *–mos* pode ser atestada pela sua manutenção nas ocorrências de sujeito nulo mesmo entre os falantes do PB, que, conforme

³² Naro, A. & Lemle, M. (1976). Syntactic diffusion. *Ciência e Cultura*, 29(3), 259-268.

vimos, preferem o pronome *a gente* para se referirem à 1ª pessoa do plural³³.

Dessa forma, os dois autores concordam com a hipótese de que a existência de um morfema flexional específico favorece o seu respectivo sujeito nulo.

[A Tabela], que apresenta a frequência de cada pessoa do discurso considerando a presença ou a ausência de seu morfema flexional próprio, confirma a existência da relação entre a ausência de uma marca flexional e a realização do sujeito pronominal. Essa relação é mais significativa com a primeira pessoa do plural, em que a presença do morfema faz o nível de sujeito pronominal nulo aumentar em quase duas vezes e meia, o que se explica, como já dito, pela saliência fônica desse morfema. (Lucchesi, 2009a, p. 178)

Nas tabelas a seguir, encontram-se reunidas as ocorrências de sujeito nulo de acordo com a desinência verbal e a pessoa do discurso.

Tabela 13 - O sujeito pronominal nulo segundo a desinência verbal no português afro-brasileiro

Desinência verbal	Nº ocorrências/Total	Frequência
<i>-mos</i>	18/58	31%
<i>-m</i>	20/63	32%
<i>-o / -ei</i>	542/1844	29%
Ø	675/2634	26%
Total	1255/4599	27% ³⁴

Lucchesi (2009a)

³³ Observemos o seguinte exemplo de um diálogo hipotético criado por Lucchesi (2009a, p. 178):

- *O que vocês fizeram ontem?*

- *A gente saiu.*

- *Foram aonde?*

- *Fomos ao cinema.*

Segundo o autor, a resposta “*Foi ao cinema*” não seria nada comum no PB culto. Seria, nas suas palavras, “quase agramatical” no contexto apresentado.

³⁴ A porcentagem total dos sujeitos pronominais nulos no português brasileiro urbano culto encontrada por Duarte (1993) é muito semelhante à encontrada por Lucchesi (2009a). Enquanto Lucchesi identificou 27% de sujeitos nulos (1.255/4.599) nas comunidades rurais afro-brasileiras, Duarte localizou 29% (415/1.756) na variedade urbana culta.

Tabela 14 - Cruzamento da pessoa do discurso com a desinência verbal

Pessoa do discurso/desinência		Nº de ocorrências/Total	Frequência
1ª pessoa do singular	<i>-o / -ei</i>	542/1844	29%
	Ø	117/448	26%
1ª pessoa do plural	<i>-mos</i>	18/58	31%
	Ø	80/613	13%
3ª pessoa do plural	<i>-m</i>	20/56	36%
	Ø	53/219	24%

Lucchesi (2009a)

Como vemos na última tabela, a presença ou a ausência do morfema *-mos* da 1ª pessoa do plural é o que mais faz subir o nível de sujeito pronominal nulo (aumentando em mais de duas vezes).

4 NÓS, A GENTE E O SUJEITO NULO DE 1ª PESSOA DO PLURAL NOS DIALETOS DO PE

4.1 A distribuição geográfica de *nós* e *a gente* no território português

Em um estudo diacrônico, Lopes (2003) verificou que a inserção de *a gente* no quadro pronominal do português se deu de maneira muito mais acelerada no PB e na variedade africana (Moçambique) do que no PE. Com base em textos portugueses dos séculos XIII ao XX, em textos brasileiros a partir do século XVIII (antes disso, durante o período colonial, a maioria dos textos foi escrita *no* Brasil e não *por* brasileiros) e em textos moçambicanos do século XX (quando o país, já independente, passou a usar o português como língua oficial), a autora concluiu que a modalidade brasileira do português foi a que consolidou mais rapidamente o uso de *a gente*. Além disso, o PB também foi a variedade que apresentou índices mais elevados de produção do novo pronome, seguida da variedade moçambicana e da europeia, respectivamente. “Verifica-se que, nos textos escritos por portugueses, o emprego da nova forma pronominal (*a gente*) é menos significativo, ou menos intenso que nos textos de autores de outras localidades.” (Lopes, 2003, p. 127)

Na tabela a seguir, de Lopes (2003), encontram-se reunidas as ocorrências da forma que deu origem ao pronome – ou seja, do nome *gente* – e do pronome *a gente* propriamente dito, nas três variedades do português, em textos do século XX.

Tabela 15 - A produtividade do pronome *a gente* na subamostra do século XX

Variedade	<i>A gente</i> /Nº total (<i>gente</i> e <i>a gente</i>)	Frequência de <i>a gente</i>
Português do Brasil	91/131	69,4%
Português de Moçambique	44/74	59,4%
Português europeu	6/33	18,1%

Lopes (2003), adaptado

Na tabela acima, vemos que, enquanto as variedades do PB e do português de Moçambique (PM) apresentam altas frequências de produtividade do pronome *a gente*, o PE ainda prefere a forma originária, realizando apenas 6 produções de *a gente* com valor

pronominal de um total de 33 ocorrências.

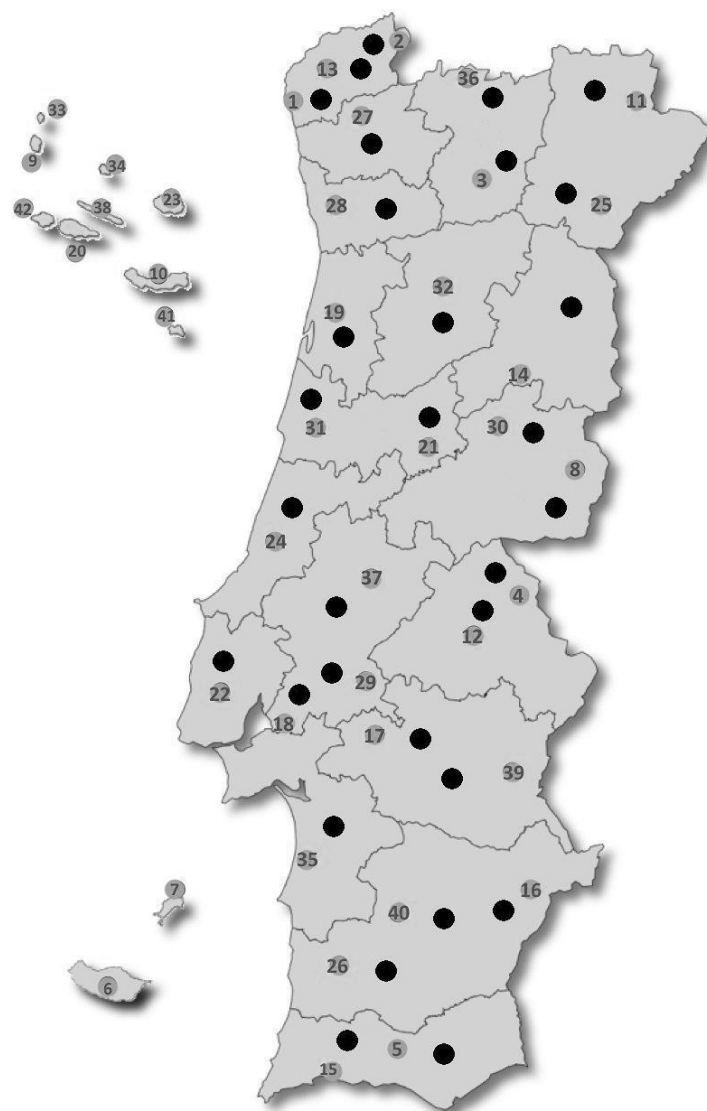
Ao contrário do que se verificou na análise dos dados do português europeu, os índices de frequência, no português do Brasil, são significativamente altos para a forma pronominal *a gente*, indicando que a vertente brasileira apresenta comportamento mais inovador que a vertente europeia, pelo menos no que se refere ao emprego da nova forma gramaticalizada. (Lopes, 2003, p. 128)

4.1.1 A distribuição geográfica de *a gente* no PE

Os dados analisados para este estudo mostram, no entanto, resultados diferentes dos atestados por Lopes para o século XX. Em uma análise quantitativa, abrangendo todos os dialetos de Portugal continental (isto é, sem se considerar as ilhas), verificamos que a forma *a gente* já está consolidada em todas as localidades estudadas do PE.

No mapa a seguir, sinalizamos, com pontos pretos, todas as localidades de Portugal em que a forma *a gente* é realizada com valor pronominal (seja como substituto de *nós*, como sujeito indeterminado, complemento direto, complemento indireto, pronome possessivo, oblíquo, etc.).

Figura 7 - A presença de *a gente* no território português continental (de acordo com os dados do *corpus* CORDIAL-SIN)³⁵



³⁵ Este estudo concentrou-se na análise dos dados levantados no território português continental. As localidades relativas às ilhas portuguesas não foram estudadas, quais sejam: as identificadas com os números 6, 7, 9, 10, 20, 23, 33, 34, 38, 41 e 42, relativas a Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal), Camacha, Tanque (Funchal), Fajãzinha (Horta), Ponta Garça (Ponta Delgada), Bandeiras, Cais do Pico (Horta), Fontinhas (Angra-do-Heroísmo), Corvo (Horta), Graciosa (Angra do Heroísmo), Calheta (Angra do Heroísmo), Santo Espírito (Ponta Delgada) e Cedros (Horta), respectivamente.

Identificação das localidades analisadas

- | | |
|---|--|
| 1. VPA Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo) | 21. PVC Porto de Vacas (Coimbra) |
| 2. CTL Castro Laboreiro (Viana do Castelo) | 22. EXB Enxara do Bispo (Lisboa) |
| 3. PFT Perafita (Vila Real) | 24. MTM Moita do Martinho (Leiria) |
| 4. AAL Cast. Vide, Porto da Esp., S. Salv. Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre) | 25. LAR Larinho (Bragança) |
| 5. PAL Porches, Alte (Faro) | 26. LUZ Luzianes (Beja) |
| 8. MST Monsanto (Castelo Branco) | 27. FIS Fiscal (Braga) |
| 11. OUT Outeiro (Bragança) | 28. GIA Gião (Porto) |
| 12. CBV Cabeço de Vide (Portalegre) | 29. STJ Santa Justa (Santarém) |
| 13. MIN Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo) | 30. UNS Unhais da Serra (Castelo Branco) |
| 14. FIG Figueiró da Serra (Guarda) | 31. VPC Vila Pouca do Campo (Coimbra) |
| 15. ALV Alvor (Faro), | 32. GRJ Granjal (Viseu) |
| 16. SRP Serpa (Beja) | 35. MLD Melides (Setúbal) |
| 17. LVR Lavre (Évora) | 36. STA Santo André (Vila Real) |
| 18. ALC Alcochete (Setúbal) | 37. MTV Montalvo (Santarém) |
| 19. COV Covo (Aveiro) | 39. CPT Carrapatelo (Évora) |
| | 40. AJT Aljustrel (Beja) |

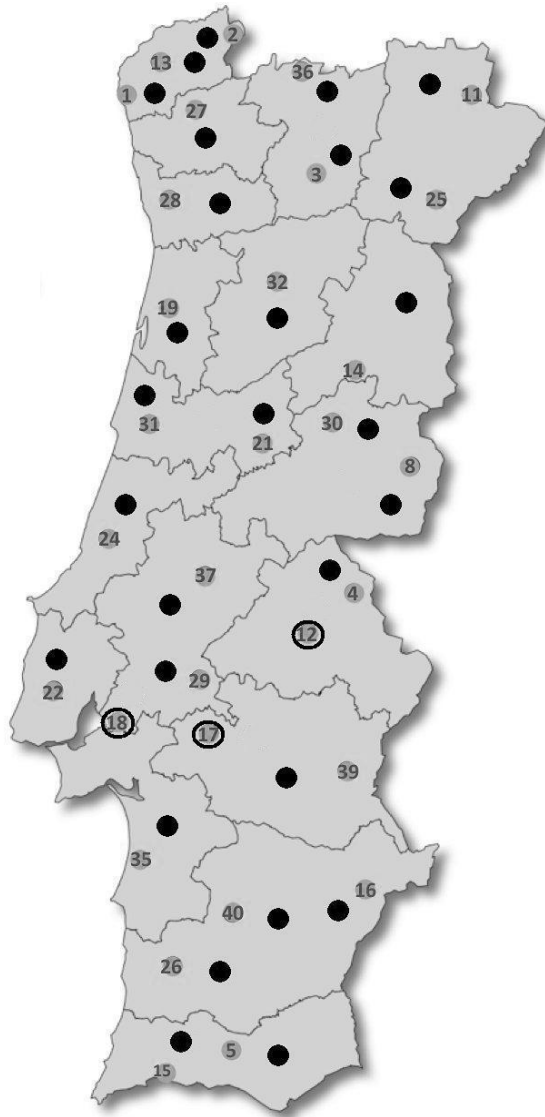
Conforme vemos na figura 7, a realização de *a gente* é produtiva de norte a sul, de leste a oeste, em todas as localidades do território português continental, sem exceção.

4.1.2 A distribuição geográfica de *nós* no PE

Diferentemente do que acabamos de verificar para a expressão pronominal *a gente*, a produtividade do pronome de 1ª pessoa do plural *nós* não é atestada em todas as localidades de Portugal continental no *corpus* CORDIAL-SIN.

No mapa a seguir, sinalizamos, com pontos pretos, a presença de *nós* no PE dialetal.

Figura 8 - A presença de *nós* no território português continental (de acordo com os dados do *corpus* CORDIAL-SIN)



Como vemos na figura 8, a produtividade do pronome *nós* abrange a maior parte do território português, mas, diferentemente de *a gente*, não está presente em todas as localidades. As identificadas com os números 12 e 18 (relativas a Cabeço de Vide, em Portalegre, e Alcochete, em Setúbal, respectivamente) não apresentaram nenhuma produção com o pronome *nós* (nem na função de sujeito, nem em nenhuma outra função sintática)³⁶.

Ao estreitarmos a nossa análise e centrarmo-nos nas realizações de *nós* com função de

³⁶ Curiosamente, nas duas localidades em que não atestamos nenhuma produção de *nós* (isto é, nas numeradas com 12 e 18), também não atestamos nenhuma produção com o pronome de 2ª pessoa do plural *vós*; e nas três localidades em que verificamos maior produtividade de *nós* relativamente a *a gente* (nomeadamente nas numeradas com 1, 2 e 36), verificamos a preservação do pronome *vós*.

sujeito³⁷, verificamos que a localidade 17 (correspondente a Lavre, em Évora) também não apresenta nenhuma produção com o pronome: a única produção de *nós* nesse local foi encontrada em uma estrutura não-canônica, exercendo a função de um pronome possessivo, conforme:

109) INQ1 Olhe, e o pequenino? INF Ou os chaparraís – já não há quem diga... Isto é a linguagem *de nós*. (17.LVR)

Em conclusão: verificamos, assim, que a forma inovadora *a gente* se estabeleceu, de fato, em todos os dialetos portugueses analisados enquanto que a forma tradicional *nós* não é produtiva em ao menos duas localidades do território português.

4.2 Argumentos a favor da classificação de *a gente* como um pronome pessoal

No subcapítulo 2.3., vimos que diversos autores (Lopes, 1993, 2003, 2004, 2007; Menuzzi, 1999, 2000; Nascimento, 1989; Pereira, 2003) defendem a classificação de *a gente* como um pronome pessoal gramaticalizado. Retomamos, então, os argumentos clássicos apresentados por Nascimento (1989) a favor dessa classificação, a fim de testá-los nos dados levantados no nosso *corpus*³⁸:

1º argumento: Possibilidade de *a gente* ocupar diferentes posições na frase, ou seja, ser sujeito, complemento direto, complemento indireto, etc.

i) Como sujeito:

110) E falou bem. Falou bem e ele disse, também, que usavam... Não disse sacos – mas usam, *a gente sabe* que usam – mas falou nas forras. (1.VPA)

111) *A gente* às vezes **pedia** até às criadas: “Ó fulana, faz uma broinha para mim”! (28.GIA)

112) Sim, minha senhora. Sim, minha senhora. E isso, se for ar, *a gente mete*-o no vinagre, em vinagre quente. (32.GRJ)

³⁷ Em uma mesma análise com o pronome *a gente*, isto é, com *a gente* exercendo a função sintática de sujeito, os resultados não se alteram, ou seja, esse pronome continua presente em todas as localidades do PE dialetal.

³⁸ Quase a totalidade dos exemplos deste capítulo foi extraída do CORDIAL-SIN. A legenda com a identificação de cada localidade encontra-se após a figura 7. Os exemplos sem referência específica foram desenvolvidos para este estudo.

ii) **Complemento direto:**

113) Bem, o padre chamou *a gente* para vir, para reunirmos aí (...) a respeito da festa, pronto, mais nada. (5.PAL)

114) Olha, estão agora aí a chatear tanto *a gente*! (14.FIG)

115) Mas é porque eu disse que o homem tinha medo e tem medo de ir (com o)³⁹ salva-vidas. O homem tem um salva-vidas para salvar *a gente* e *a gente* foge (para a frente porque também temos medo desta barra). (15.ALV)

iii) **Complemento indireto:**

116) E *nós* íamos lá pedir o resto do peixe: fanecas, cações, raias, sorelo. Isso davam *à gente*, davam-nos *à gente*. (1.VPA)

117) Olha, (...) por minha pouca sorte ou não sei quê, andei lá cinco dias na escola mais o meu irmão, vieram falar *à gente* além para as Cortinas, para *a gente* os ir servir e (...) cuidar em gado – eu cuidava nas ovelhas e o meu irmão cuidava nos porcos. (35.MLD)

118) Depois começavam os outros companheiros: “Eh, fulano”!... A zangarem, a dar ferro *à gente*, para coisa... “Eh, fizeste isso mal feito. Não devias ter feito. (Eh, coisa) e tal”... (16.SRP)

iv) **Complemento oblíquo:**

119) Eu com os lagartos pegava até muito com eles. E ele o lagarto, em bem se vendo apertado, volta-se **contra a gente**. (12.CBV)

120) Dali por um mês, um mês, uns quinze dias, um mês, o pai dela aí a tratar o casamento **com a gente**, à noite. A minha mulher não queria que ele casasse com ela. (19.COV)

121) INF1 As nossas mães zangavam-se **com a gente**. (40.AJT)

v) **Complemento genitivo:**

122) INF Não. Era o costume *da gente*, vá. Que, se tivesse de dar, Deus é que marca (...) e dava na mesma. Mas *a gente* escolhia sempre aquela coisa daquelas árvores que dessem semente. (13.MIN)

123) Então, *a gente* estive... Foi a vida *da gente*! (14.FIG)

³⁹ Todos os segmentos imperceptíveis ou inacabados são anotados, numa versão normalizada, entre parênteses (...), conforme normas de transcrição do CORDIAL-SIN.

124) INF1 Era. Ficava o pêlo... O pêlo é como os pêlos **da gente**: aquilo ficava assim fora. (25.LAR)

2º argumento: Possibilidade de *a gente* concordar com verbo na 3ª pessoa do singular ou na 1ª do plural, fato que pode ser interpretado como um processo de gramaticalização inclinado a fixar *a gente* como 4ª pessoa, coexistente com *nós*.

i) ***A gente* + 3ª pessoa do singular:**

125) ***A gente ia***, fazia (...) uma cova no chão; depois, chegava-lhe o fogo, ia botando para lá. Depois, conforme aquilo ia queimando, ***a gente ia*** puxando os toros para cima e os carvões ficavam para baixo. (3.PFT)

126) INF2 **Chama-lhe *a gente*** uma aurora do sol. É a estrela da manhã. INF1 Despontou o sol, depois já há... Pois é. ***A gente diz*** assim: “Olha, aí vem o vir do dia”. E outros dizem: “Vem a aurora rompendo”! INQ1 Pois. INF1 E depois começa a vir os raios do sol... ***A gente chama*** os raios do sol. Antes de o sol vir, vem aquele... A luz, tem ocasiões que o sol ilumina com aquele fio, (com) uma espécie de raios. (15.ALV)

127) INF1 E antigamente para ***a gente arranjar*** cem escudos era um problema, não é? (25.LAR)

ii) ***A gente* + 1ª pessoa do plural:**

128) Não quero explicar aquilo que se (...) explicou ontem, porque ***a gente temos*** que ir fazer outra coisa. (5.PAL)

129) Isso era uma das coisas que ***a gente gostávamos***, (...) para aprender. (16.SRP)

130) E então estava ali (...) um senhor que era de Brotas, que era ali o feitor deles, mas era uma pessoa aqui amiga, e então ***a gente falávamos*** com eles (...) para lhe comprar o barro. (29.STJ)

3º argumento: Possibilidade de *a gente* ocorrer em construções em que é o antecedente do pronome reflexivo *se*.

131) As traineiras, às vezes, não apanha peixe, as coisas (dão) mal. (Mas também) há pouca pesca e ***a gente***, às vezes, **astreve-se** a mal. (15.ALV)

132) Agora ***a gente***, com a habituação de lidar com eles, **ajeita-se**, mais ou menos, àquilo que

eles dizem; *a gente* começa a aprender... (16.SRP)

133) Porque (...) se *a gente se desmazelasse* e deixasse ficar a terra ali umas horas durante a manhã do dia, a terra secava e depois a semente não nascia. (28.GIA)

4º argumento: Possibilidade de *a gente* exercer vários valores, isto é, de designar uma “pluralidade mais ou menos definida”, a 1ª pessoa do singular *eu* e a 1ª pessoa do plural *nós* (respectivamente exemplificados a seguir).

i) **Pluralidade mais ou menos definida:**

134) INF1 Até para a praça levam. Isso havia os alforges... Havia um alforge que era (...) tecido no tear, como *a gente aqui* fabrica. (24.MTM)

ii) **1ª pessoa do singular *eu*:**

135) INF Sim, para o dia todo. E **passo** bem. *A gente* (já) chegamos a uma certa idade que já *a gente* come menos. Sustenta-se com pouco. **Eu** de manhã **bebo** um gole de cevada e **estou** intê ao meio-dia. Não **como** também. (13.MIN)

iii) **1ª pessoa do plural *nós*:**

136) *A gente*, por *nós* próprios, é que temos mais o cuidado. (22.EXB)

Menuzzi (2000) também defende o estatuto pronominal de *a gente*. Entre os principais argumentos apresentados pelo autor estão:

5º argumento: Possibilidade de interpretação pronominal (de 1ª pessoa do plural ou arbitrária).

i) **Interpretação arbitrária⁴⁰:**

⁴⁰ Conforme vimos no subcapítulo 2.7.3, Martins (2009) verificou que em alguns dialetos do PE há a utilização da expressão pronominal *a gente* somada ao clítico *se* para a indeterminação do sujeito. Segundo a autora, esse duplo preenchimento da posição do sujeito pode ocorrer tanto com o clítico *se* somado a um pronome forte como, mais raramente, a um Sintagma Determinante (SD) completo. No nosso *corpus*, identificamos diversas ocorrências de *a gente* + o clítico *se*, combinadas, inclusive, aos três padrões de flexão verbal desencadeados por esse pronome (isto é, com o verbo na 3ª pessoa do singular, na 1ª do plural e na 3ª do plural). Identificamos, também, o duplo preenchimento do sujeito com o pronome *nós* somado ao clítico *se*, restrito, neste caso, a um padrão de flexão verbal não-canônico. Exemplos do CORDIAL-SIN:

A gente + **3PSG** + *se*:

139) *A gente* ainda agora **gosta-se** muito de fazer isso assim. (28.GIA)

137) quando **a gente** tem qualquer inflamação (nela) /no olho⁴¹, (se) deitar uma gota a duas gotas de azeite virgem (...) na vista faz muito bem a qualquer inflamação que tenha. De maneiras que até guardei esse. Ficou aqui este. (8.MST)

138) INQ2 E quando anda a passar o trigo na eira, na eira, diz que anda a, a quê? INF2 Isso **chamava-se a gente** trilhar. (22.EXB)

144) INF Castrá-lo. É castrá-lo, mas INQ1 Mas aqui dizia-se?... INF **a gente dizia-se** capar. (24.MTM)

ii) Como sinônimo de *nós*:

145) E **nós**, a sacrificar, **vamos** à isca. **A minha mulher** é como vê a trabalhar. E trabalha de noite e de dia! E de noite também. Levanta-se às cinco horas da manhã para ajudar a vida, para **a gente** resgatar a vida. (15.ALV)

146) Sai **a gente** à rua de noite, parece que **estamos** no pino do dia! (16.SRP)

147) INF Oh, **nós** agora, **a gente** agora já coze pouco, que somos quatro pessoas só. Com quatro quilitos, cinco, mas **a gente**... (19.COV)

6º argumento: Possibilidade de ter o gênero definido pela interpretação⁴².

148) Depois punha-lhe assim uns dedinhos, umas coisas, (...) fazia assim com os dedos, fazia uns buraquinhos e **a gente** já ficava **toda** contente. (**Feminino-singular**: informante Cunegundes, do sexo feminino) (28.GIA)

149) INF Antigamente havia muito moinho, havia muita coisa, **a gente** andava **encantado** da vida. (**Masculino-singular**: informante Dídimo) (30.UNS)

150) Com a névoa, **a gente** fica **desorientados** de (...) tal maneira que (...) não se podemos orientar. (**Masculino-plural**: informante Gerardo) (35.MLD)

A gente + 1PPL + se:

140) E então **a gente pulávamos-se** naquilo, e cortávamos-lhe a rama, e arrancávamos a cepa. (35.MLD)

A gente + 3PPL + se:

141) INQ1 Ah! Essas não sei como são. Ah, são umas que são vermelhas? INF ‘Rabas’ são aquelas que **se comem a gente** quando é no tempo do Natal. (11.OUT)

Nós + 3PSG + se:

142) INF1 Para ir para a feira do Pico, assim como vocês foram hoje, **nós** aqui **passava-se** de barco. (27.FIS)

Nós + 3PSG + se:

143) INF1 **Chama-se-lhe nós** as galgas. (30.UNS)

⁴¹ Nas normas de transcrição do CORDIAL-SIN estipulou-se que, no caso de audições divergentes, a versão mais provável seria anotada entre parênteses e as outras entre barras oblíquas.

⁴² Também identificamos, no nosso *corpus*, os quatro padrões de flexão de gênero e de número atestados por Pereira (2003) em estruturas predicativas, quais sejam: masculino-singular, masculino-plural, feminino-singular e feminino-plural.

151) Às vezes *a gente* está mal **dispostas** e é bom. (**Feminino-plural:** informante Iolanda)
(40.AJT)

Em conclusão: como vemos nos exemplos acima, todos os argumentos a favor da classificação de *a gente* como um pronome pessoal foram testados e produtivos nos dialetos do PE analisados. Concluímos, assim, que a forma *a gente* se comporta como um pronome pessoal e concordamos, portanto, com a sua classificação como tal.

4.3 A frequência de *nós* e *a gente* no território português

Uma vez confirmados o seu papel de pronome pessoal e a sua presença em todo o território português continental, interessa-nos saber se a frequência do pronome *a gente* (relativamente à de *nós*) indicará que essa forma pronominal é a mais produtiva em todo o país. Em uma análise quantitativa do nosso *corpus*, verificamos, então, que o pronome *a gente* é extremamente produtivo em todas as localidades estudadas (CORDIAL-SIN). E mais: os seus índices de frequência são mais elevados do que os de *nós* na maioria das localidades.

Na tabela a seguir, consolidamos a frequência total de sujeitos realizados com *nós* e com *a gente* no PE dialetal estudado.

Tabela 16 - A frequência de sujeitos realizados com *nós* vs. *a gente* nos dialetos do PE continental

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)
1	12,4 % (11/89)	87,6% (78/89)	22	98,3% (57/58)	1,7% (1/58)
2	20,6% (7/34)	79,4% (27/34)	24	80,8% (80/99)	19,2% (19/99)
3	82% (68/83)	18% (15/83)	25	75,7% (103/136)	24,3% (33/136)
4	81,7% (89/109)	18,3% (20/109)	26	98,1% (105/107)	1,9% (2/107)
5	95,8% (46/48)	4,2% (2/48)	27	60,2% (53/88)	39,8% (35/88)
8	89,1% (139/156)	10,9% (17/156)	28	75% (84/112)	25% (28/112)
11	76,2% (80/105)	23,8% (25/105)	29	82,1% (160/195)	17,9% (35/195)
12	100% (23/23)	0%	30	87,1% (115/132)	12,9% (17/132)
13	68,9% (51/74)	31,1% (23/74)	31	96,7% (117/121)	3,3% (4/121)

continua

continuação

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)
14	76,1% (35/46)	23,9% (11/46)	32	64,4% (150/233)	35,6% (83/233)
15	92,8% (128/138)	7,2% (10/138)	35	85,6% (119/139)	14,4% (20/139)
16	95,1% (136/143)	4,9% (7/143)	36	49,2% (30/61)	50,8% (31/61)
17	100% (81/81)	0%	37	98% (198/202)	2% (4/202)
18	100% (72/72)	0%	39	72% (18/25)	28% (7/25)
19	72,4% (89/123)	27,6% (34/123)	40	98,4% (61/62)	1,6% (1/62)
21	77,1% (108/140)	22,9% (32/140)	---	---	---

Como vemos na tabela acima, *a gente* é a opção dominante em quase todas as localidades do PE. Em apenas três localidades do extremo norte do país, identificadas no mapa com os números 1, 2 e 36 (relativas à Vila Praia de Âncora e Castro Laboreiro, ambas em Viana do Castelo, e Santo André, em Vila Real, respectivamente) verificamos maior incidência de *nós* do que de *a gente* desempenhando a função de sujeito pronominal. Mesmo assim, o predomínio de *nós* sobre *a gente* só é verificado em duas localidades (nomeadamente na numeradas com 1 e 2), uma vez que na 36 a frequência dos dois pronomes é praticamente a mesma (30 realizações de *a gente* contra 31 *nós*).

Se centrarmos, ainda, a nossa análise apenas nas sequências em que os pronomes *nós* e *a gente* são combinados com um verbo flexionado, a localidade 36 passa a ter maior produção de sujeitos com *a gente* do que com *nós*.

Na tabela a seguir, apresentamos a frequência de *nós* e de *a gente* em sentenças com verbo flexionado.

Tabela 17 - A frequência de sujeitos realizados com *nós* vs. *a gente* + verbo flexionado nos dialetos do PE continental⁴³

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)
1	14% (11)	86% (68)	22	98% (54)	2% (1)
2	22,5% (7)	77,5% (24)	24	80% (78)	20% (19)

continua

⁴³ São excluídas dessa contagem sentenças com verbo no gerúndio, no particípio ou no infinitivo não flexionado, além das sequências abandonadas antes da realização do verbo ou com elipse de VP.

continuação

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)
3	84,5% (66)	15,5% (12)	25	87,5% (98)	12,5% (14)
4	85% (83)	15% (15)	26	99% (96)	1% (1)
5	95% (42)	5% (2)	27	63% (53)	37% (31)
8	91,5% (133)	8,5% (12)	28	76% (84)	24% (26)
11	78,5% (73)	21,5% (20)	29	79,5% (132)	20,5% (34)
12	100% (20)	0%	30	89% (112)	11% (14)
13	74% (48)	26% (17)	31	96,5% (106)	3,5% (4)
14	78% (35)	22% (10)	32	65,5% (136)	34,5% (71)
15	92,5% (124)	7,5% (10)	35	86% (113)	14% (19)
16	95% (129)	5% (7)	36	56% (29)	44% (23)
17	100% (75)	0%	37	99% (180)	1% (2)
18	100% (68)	0%	39	71% (17)	29% (7)
19	73% (76)	27% (28)	40	98,5% (58)	1,5% (1)
21	77,5% (101)	22,5% (29)	---	---	---

Vemos, então, na tabela acima, que, em uma análise focada nos pronomes combinados com verbo flexionado, o número de localidades em que há maior frequência de *nós* do que de *a gente* é de apenas duas, uma vez que a localidade 36 passa a apresentar maior produtividade de *a gente* do que de *nós*.

Em conclusão: diante desse quadro, podemos concluir que a expressão pronominal *a gente* não só está consolidada em todo o PE analisado como é a forma dominante em quase todo o território. Em contrapartida, o sujeito pronominal realizado com *nós*, além de não ter sido atestado na posição de sujeito em três localidades portuguesas, é uma opção bem menos utilizada do que o seu concorrente *a gente* na maioria das localidades do PE. Em 11 das 31 localidades do CORDIAL-SIN estudadas, o pronome *nós* na posição de sujeito tem, quando comparado com *a gente*, uma frequência inferior a 10%, e em 23 das 31 localidades apresenta uma frequência inferior a 30%.

4.4 A frequência do sujeito pronominal *nós* realizado e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural

No subcapítulo anterior, vimos que, entre a forma inovadora *a gente* e a tradicional *nós*, o novo pronome é a opção mais produtiva na maior parte do território português. Além disso, atestamos que o pronome de 1ª pessoa do plural *nós* não é produtivo em ao menos duas localidades portuguesas, quando consideramos os dados do CORDIAL-SIN. Diante disso, interessou-nos verificar se o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural também sofreu alguma alteração nos seus índices de produção.

Para tanto, levantamos a frequência de produção do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural (isto é, do verbo na 1ª pessoa do plural sem sujeito expreso), a fim de compará-la com a frequência do correspondente sujeito pronominal realizado com *nós*. Interessou-nos, especialmente, verificar se nas localidades onde não há nenhuma atestação do pronome realizado *nós* há o seu correspondente nulo e se a presença deste é constante em todo o PE dialectal.

Isolando, então, as ocorrências de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural pudemos verificar que o sujeito oculto de *nós* ocorre em todas as localidades do PE dialectal estudadas. Verificamos, ainda, que o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural é atestado produtivamente também nos locais em que não houve nenhuma atestação do pronome *nós*.

Na tabela a seguir, apresentamos todas as produções com o pronome *nós overt* e com o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dados do CORDIAL-SIN.

Tabela 18 - A frequência do sujeito pronominal *nós overt* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental

Local	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito nulo P4	Local	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito nulo P4
1	49,7% (78/157)	50,3% (79/157)	22	4% (1/25)	96% (24/25)
2	35% (27/77)	65% (50/77)	24	20,9% (19/91)	79,1% (72/91)
3	34,9% (15/43)	65,1% (28/43)	25	39,3% (33/84)	60,7% (51/84)
4	44,4% (20/45)	55,6% (25/45)	26	1% (2/191)	99% (189/191)
5	8% (2/25)	92% (23/25)	27	51,5% (35/68)	48,5% (33/68)
8	34,7% (17/49)	65,3% (32/49)	28	33% (28/85)	67% (57/85)
11	31,2% (25/80)	68,8% (55/80)	29	18,6% (35/188)	81,4% (153/188)
12	0%	100% (13/13)	30	16,2% (17/105)	83,8% (88/105)

continua

continuação

Local	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito nulo P4	Local	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito nulo P4
13	39% (23/59)	61% (36/59)	31	3,6% (4/110)	96,4% (106/110)
14	13,6% (11/81)	86,4% (70/81)	32	26,6% (83/312)	73,4% (229/312)
15	17,9% (10/56)	82,1% (46/56)	35	14,8% (20/135)	85,2% (115/135)
16	13,7% (7/51)	86,3% (44/51)	36	23,5% (31/132)	76,5% (101/132)
17	0%	100% (58/58)	37	3,8% (4/106)	96,2% (102/106)
18	0%	100% (14/14)	39	14,6% (7/48)	85,4% (41/48)
19	21,7% (34/157)	78,3% (123/157)	40	3% (1/33)	97% (32/33)
21	26,4% (32/121)	73,6% (89/121)	---	---	---

Nota-se, na tabela acima, que o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural não só é produtivo em todo o PE analisado como é a opção mais frequente em quase todas as localidades. A única exceção é a localidade 27 (correspondente a Fiscal, em Braga), onde a produção com o sujeito *overt* é levemente superior à com o sujeito nulo (localizamos 35 realizações com o pronome *nós* contra 33 com o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural)⁴⁴.

Verificamos, ainda, que mesmo nas três localidades onde não houve nenhuma produção com o pronome *nós* na função sintática de sujeito há ampla produtividade com a sua correspondente forma nula. Foram atestadas 13 ocorrências de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural na localidade 12 (correspondente a Portalegre), 58 na 17 (Évora) e 14 na 18 (Setúbal).

Em conclusão: atestamos, assim, que apesar de o pronome *nós* ser menos utilizado do que a expressão pronominal *a gente* e de ter sido aparentemente erradicado de algumas localidades do PE, a sua forma nula correspondente está presente em todo o território português estudado.

E mais: entre o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural e o pronome realizado de 1ª pessoa do plural, a forma nula é a preferida em praticamente todo o PE dialetal. Não parece existir, assim, para o PE, uma relação entre a substituição do pronome nominativo *nós* por *a gente* e uma baixa produtividade do sujeito nulo, diferentemente do que tem sido proposto para o PB por alguns autores (subcapítulo 3.2.). Veja-se, por exemplo, a localidade 26. Se considerarmos em conjunto as ocorrências de *a gente*, *nós* e sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, *nós* tem uma frequência de apenas 0,34%, mas tanto a frequência de *a gente* como a de

⁴⁴ Se considerarmos apenas os pronomes *nós* com verbo flexionado (isto é, se desconsiderarmos as produções de *nós* identificadas no nosso *corpus* que foram abandonadas antes da flexão verbal), o número de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural passa a ser superior ao número de sujeitos pronominais realizados com *nós* (33 realizações com sujeito nulo contra 31 com sujeito *overt*).

sujeito nulo são altas, respectivamente 33,3% e 66,3%. Fazendo o mesmo exercício para a localidade 17, onde não temos nenhuma atestação de *nós* como sujeito, encontramos 56,4% de ocorrências de *a gente* face a 43,6% de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural.

4.4.1 A elipse de *a gente*

Tradicionalmente, a utilização da forma *a gente* é descrita como impeditiva do sujeito nulo. No capítulo 3, vimos que diversos autores defendem a hipótese de que a inserção dos novos pronomes *você(s)* e *a gente* no quadro pronominal do PB empobreceu o sistema de flexão verbal dessa variedade e tornou a realização dos novos pronomes fundamental para a compreensão do discurso. “A perda da desinência verbal dá aos novos pronomes o *status* de únicos indicadores da categoria de pessoa, daí sua presença ter se tornado cada vez mais obrigatória.” (Lopes, 2004, p. 48)

Pereira (2003), por sua vez, defende a teoria de que no PE a variação no padrão de concordância verbal ligado à forma *a gente* (que pode variar entre a 3ª pessoa do singular, a 1ª do plural e, mais raramente, a 3ª do plural) impede a realização do seu correspondente sujeito nulo, uma vez que não permite a sua retomada:

152) a. *A gente* vai ao cinema.

b. * \emptyset Vai ao cinema.

153) a. *A gente* vão ao cinema.

b. * \emptyset Vão ao cinema.

154) a. *A gente* vamos ao cinema.

b. ? \emptyset Vamos ao cinema. [neste caso, a interpretação imediata é de correferência com o pronome *nós*, não com *a gente*]

Apesar do que nos diz a bibliografia, identificamos, no nosso *corpus*, diversas ocorrências de “apagamento” do sujeito pronominal correspondente à forma *a gente*. A seguir, apresentamos alguns exemplos identificados no CORDIAL-SIN:

- 155) Eles, coitadinhos, *a gente*_i cria-os e depois ([–]_ivê-os) /vê-los\ assim morrer à violência; é triste. (3.PFT)
- 156) *A gente*_i leva mil litros, [–]_i leva oitocentos litros ou [–]_i leva mil e quinhentos litros. É assim. (8.MST)
- 157) Quer dizer que *a gente*_i passa por uma horta, [–]_i vê um couval, [–]_i diz: “Olha que rico couval”! (16.SRP)
- 158) INF Se *a gente*_i queria abaixar... Por exemplo, [–]_i queria o arado a lavrar mais fundo, [–]_i dava nesta cunha para cima e [–]_i alevantava o temão para cima. (24.MTM)
- 159) *A gente*_i faz o fermentinho, [–]_i põe ali no meio da farinha, [–]_i tapa com o panal e com uma mantinha por cima. De manhã, está todo arrochinadinho, crescido, azedo. *A gente*_i vai, [–]_i aquece a água, amassamos, vamos amassando, amassando, amassando (...) (26.LUZ)
- 160) *A gente*_i lá ia para a serra, quando [–]_i chegava lá em cima [–]_i dava volta onde havia lenha para queimar. (30.UNS)
- 161) De manhã depois, quando *a gente*_i quer encher as moiras é que [–]_i põe a cebola dentro (...) daquele sangue. (32.GRJ)
- 162) *a gente*_i começa a fazer os pães. [–]_i Põe ali o pão. [–]_i Põe ali, [–]_i aquece o forno, para o pão tornar a estar lêvedo. Varre-se o forno e mete-se o pão dentro. (36.STA)
- 163) INQ Diga-me, explique-me lá isso. INF Pois é. *A gente*_i chega (...) a uma taberna, [–]_i manda vir um copo de vinho, [–]_i põe em cima do balcão. [–]_i Tomba-o e [–]_ivira. (37.MTV)
- 164) Arrepia-me. INQ Olhe, quando faz... INF Arrepia *a gente*_i quando [–]_i vê chover, às vezes. Como já uma vez choveu aqui em Novembro que levou aí casas (...) abaixo. (40.AJT)

Ao todo, identificamos no nosso *corpus* cerca de 600 ocorrências de elipses correferentes a *a gente*. Apesar de esse número parecer alto, verificamos, no entanto, que a ocorrência dessa elipse é extremamente restrita.

Em uma análise qualitativa, vimos que, diferentemente do que ocorre com os verdadeiros sujeitos nulos, o não preenchimento com a expressão pronominal *a gente* é limitado a contextos sintáticos muito específicos: salvo raras exceções identificadas em estruturas não-canônicas, a elipse de *a gente* só é atestada nos contextos sintáticos em que o pronome antecedente realizado está acessível⁴⁵. Isto é, o não preenchimento pronominal com

⁴⁵ Barbosa, Duarte e Kato (2001) definem quatro padrões de acessibilidade para o antecedente de um sujeito nulo: nos padrões I e II os antecedentes são acessíveis e, nos padrões III e IV, não. No padrão I, o sujeito se encontra na oração principal e o pronome na subordinada. Segundo as autoras, o PE apresenta os mais elevados índices de apagamento nesses casos (atingindo quase 100%). No padrão II, o antecedente se encontra na mesma frase ou em um contexto adjacente. Este padrão também é bastante favorecedor ao ocultamento do sujeito no PE

a gente só é licenciado quando há a realização de um pronome *a gente* nas suas proximidades que possa ser facilmente correferenciado à lacuna deixada pela elipse.

Barbosa, Duarte e Kato (2001) já haviam atestado que a acessibilidade do antecedente é um fator que promove a manifestação do sujeito pronominal nulo. Segundo as autoras, a proximidade favorece o sujeito oculto até mesmo no PB, uma variedade da língua portuguesa que, como vimos no subcapítulo 3.2, vem reduzindo drasticamente a frequência de sujeitos nulos. De acordo com os dados levantados pelas autoras, a facilidade de acesso a um pronome antecedente realizado é responsável por 44% dos sujeitos nulos no PB, ao passo que, nos contextos em que não há acessibilidade, a percentagem cai para menos de 30%⁴⁶.

Weir (2012), entre outros autores, também identificou elipses de sujeito pronominal no Inglês, uma língua que, por definição, deve sempre realizar o sujeito. Segundo o autor, esse “apagamento” é verificado tanto no inglês informal oral quanto no escrito, desde que siga determinadas restrições fonológicas que garantem o acesso à identificação do sujeito. Para o caso do inglês oral, Weir formaliza a hipótese de Napoli (1982⁴⁷, citado por Weir, 2012), segundo a qual a elipse é licenciada apenas na posição inicial das orações (“*left-edge deletion*”).

Em conclusão: atestamos, então, que a elipse de *a gente* não pode ser considerada um verdadeiro sujeito nulo, uma vez que o verdadeiro sujeito nulo não precisa de seguir nenhuma restrição sintática específica enquanto que a elipse de *a gente*, ao contrário, é condicionada por contextos bastante específicos. Isto é, enquanto no caso dos verdadeiros sujeitos nulos o que está em causa é a legitimação de uma categoria vazia *pro*, no caso das elipses de *a gente* parece haver um processo fonético de “apagamento” (PF *deletion*) que é licenciado desde que haja um antecedente acessível (nos termos de Barbosa, Duarte e Kato, 2001).

(89%). No padrão III, o antecedente se encontra em uma frase não adjacente e, portanto, não é acessível. E, no IV, o antecedente aparece em uma função sintática diferente do seu correferente. No PE, mesmo nos padrões III e IV, a preferência continua sendo pelo sujeito nulo (cerca de 70% e 65%, respectivamente). Exemplos de Barbosa, Duarte e Kato (2001):

Padrão I: Ela_i costumava sentar-se em cima da cama com seu tricot, enquanto [-]_i dava lições a um de nós.

Padrão II: porque a minha mãe_i estava evidentemente virada do avesso. Perante o irmão [-]_i queria transmitir uma imagem de força e perante o esbirro [-]_i queria transmitir essa imagem.

Padrão III: O filme_i mostrava toda a sua decadência física e intelectual ao longo do período.(...) [-]_i Foi a coisa mais chocante que vi. [-]_i Revela um estado de lucidez absolutamente genial, não é?

Padrão IV: Fui vê-lo_i ao Aljube quando [-]_i esteve na tortura do sono.

⁴⁶ Ao estudar o processo de redução de sujeitos nulos no PB, Duarte (1993) desprezou as ocorrências de sujeitos ocultos correferentes em orações coordenadas, por serem, nas palavras da autora “contextos em que até línguas não *pro-drop*, como o inglês, admitem o não-preenchimento do sujeito”.

⁴⁷ Napoli, D. J. (1982). Initial material deletion in English. *Glossa*, 16(1), 85-111.

4.4.2 A frequência da elipse de *a gente*

Além de restrita a contextos acessíveis, a elipse de *a gente* também é restrita na sua frequência total: ao compararmos o número de ocorrências do pronome *a gente* realizado ao número de elipses de *a gente*, verificamos que não há nenhuma localidade do PE dialetal estudado que apresente mais elipses do que realizações de *a gente*. Tendo em conta as restrições a que está sujeita, este é um resultado que já era esperado.

No quadro a seguir, apresentamos a frequência total dos pronomes realizados com *a gente* e das elipses correferentes a *a gente* identificadas no CORDIAL-SIN:

Tabela 19 - A produtividade de *a gente overt* vs. elipse de *a gente* nos dialetos do PE continental

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3	Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3
1	11	05	22	57	14
2	07	00	24	80	09
3	68	28	25	103	29
4	89	20	26	105	11
5	46	02	27	53	32
8	139	37	28	84	26
11	80	25	29	160	11
12	23	08	30	115	58
13	51	16	31	117	04
14	35	05	32	150	47
15	128	09	35	119	17
16	136	21	36	30	16
17	81	14	37	198	49
18	72	12	39	18	01
19	89	32	40	61	03
21	108	35	---	---	---

Na tabela acima, vemos que, ao contrário do que acontece com o pronome *nós*, em que o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural é muito mais produtivo do que o seu correspondente *overt*, a elipse de *a gente* é muito menos frequente do que o seu pronome pleno em todos os

dialetos do PE, sem uma única exceção.

Em conclusão: adicionamos, dessa forma, mais um argumento a favor da análise de que a elipse de *a gente* não é um verdadeiro sujeito nulo: o fato de ser obrigatório haver um pronome realizado com *a gente* nas proximidades da sua elipse faz com que o número de pronomes realizados seja sempre mais alto, em comparação ao número de elipses. Já no caso dos verdadeiros sujeitos nulos, como não há a necessidade de um sujeito *overt* para que haja um correferente nulo, a frequência de sujeitos nulos pode ser superior à de sujeitos plenos – fato que verificamos com o pronome *nós*, em que a frequência total de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural é globalmente superior à frequência dos seus correspondentes sujeitos plenos.

4.5 Os padrões de concordância verbal desencadeados por *a gente*

Costa e Pereira (2005, 2013), entre outros autores, verificaram que os padrões de concordância verbal desencadeados pela forma *a gente* no PE não são constantes através dos seus dialetos. Como vimos no subcapítulo 2.7.1, os autores atestaram que *a gente* pode se ligar a um verbo na 3ª pessoa do singular, na 1ª do plural, ou, mais raramente, na 3ª do plural (este restrito ao dialeto micaelense). Exemplos de Pereira (2003):

165) *A gente vai* ao cinema.

166) *A gente vamos* ao cinema.

167) *A gente vão* ao cinema.

No nosso *corpus*, também identificamos esses três padrões de concordância verbal, embora o padrão *a gente* + 3ª pessoa do singular tenha sido a forma mais produtiva e a única atestada em todas as localidades do PE, sem exceção. A seguir, alguns exemplos do CORDIAL-SIN:

A gente + P3:

168) INF (...) Era dinheiro. (...) *A gente* nem **tinha** esta coisa de pôr nos bancos nem nada, se o tivesse em casa, era sempre (...) o mesmo dinheiro. (3.PFT)

169) INQ2 Era muito pior que agora. NF Oh, oh. *A gente* agora é uma fidalga. É uma fidalga. Quando me eu criava, *a gente comia* só pão, daquele pão preto de centeio, (e às vezes)

queria-o *a gente* mesmo seco e (...) nem seco *a gente* o apanhava. E agora *a gente* não pode comer o trigo, (come é o) conduto. Naquele tempo, (...) o pão (...) ficava com a côdea de baixo e de cima fora, e o miolo ficava despegado, minha senhora. O miolo ficava despegado (...) da côdea. (8.MST)

170) INF1 É, sim senhora. Há muita coisa, e *a gente* muitas vezes até não o sabe. (13.MIN)

171) Que muita das vezes, *a gente* traz um repolho grande, pensa que ele que é bom, mas por dentro está oco. É por essa a razão que agora já não há enganar por isso: porque se compra a peso. Já se sabe que se for grande, mas vai ao peso, se não tiver peso, *a gente* diz logo: “Olhe, é muito grande, mas eu não a quero que pesa pouco”. (16.SRP)

172) INF (...) *A gente* nunca pode estar a semear uma seara sempre no mesmo sítio, que a terra enjoe. É como *a gente* também enjoa o comer. Há comer que *a gente* também enjoa. (18.ALC)

A segunda forma mais produtiva nos nossos dados foi a combinação de *a gente* + 1ª pessoa do plural. Embora essa flexão tenha sido atestada em diversas localidades (veja-se a figura 9, mais adiante), a sua frequência nunca ultrapassa, ou sequer se aproxima, da frequência de *a gente* + 3ª pessoa do singular. Exemplos do CORDIAL-SIN:

A gente + P4:

173) Eu já expliquei isso ontem, homem. Eu já expliquei isso ontem. Não quero explicar aquilo que se (...) explicou ontem, porque *a gente* temos que ir fazer outra coisa. (5.PAL)

174) Não é preciso levar muitos. Comigo, três. Vão mais dois aí desses. *A gente* vamos lá fazer aquilo (12.CBV)

175) *A gente* colhíamos pouco milho porque havia pouco quem o vendesse. Eu ia buscar trinta quilos de milho à cabeça INQ2 Lá para cima? (13.MIN)

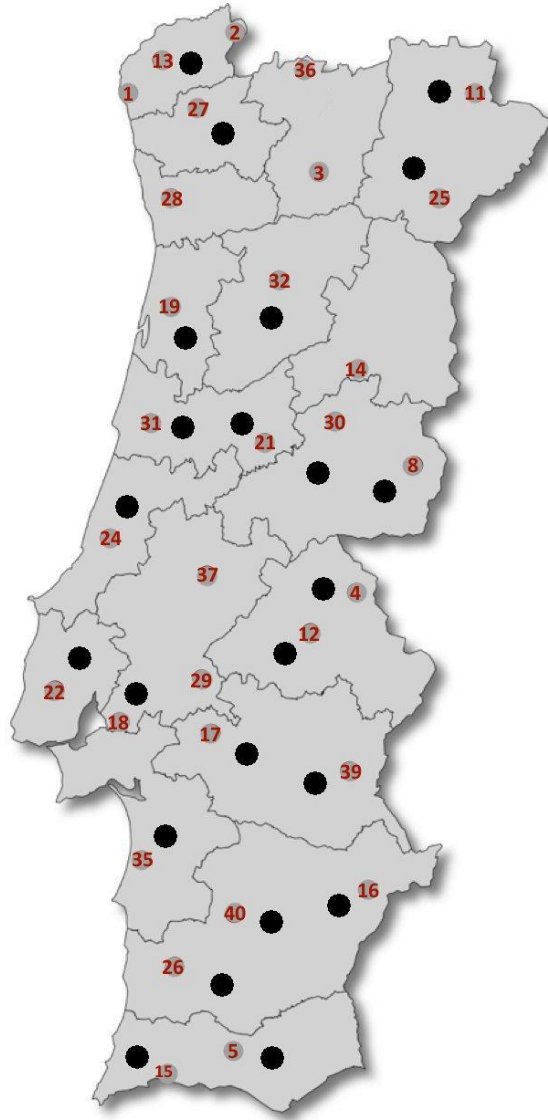
176) *A gente* estamos em Portugal. (15.ALV)

177) Depois daquilo, (...) dava-se volta. Chegava, *a gente* pegávamos na forquilha, começava-se numa ponta, começavam a voltar. Iam voltando. (16.SRP)

178) Mas tinha (...) uma roda, *a gente* íamos lá tocar à roda e ia mas era um cano lá buscar a água – um chupadouro; um chupadouro! Vinha por aquele cano e depois vazava para a torneira. (18.ALC)

A seguir, apresentamos, com círculos pretos, as localidades em que houve produção de *a gente* com a 1ª pessoa do plural⁴⁸:

Figura 9 - A presença de *a gente* + P4



Como vemos na figura 9, a concordância de *a gente* + verbo na 1ª pessoa do plural é produtiva em quase todas as localidades do território português, à exceção de algumas do norte (nomeadamente nas numerados com 1, 2, 3, 14, 28 e 36) e de duas da região centro e centro-sul (29 e 37).

Já o padrão de concordância *a gente* + 3ª pessoa do plural, embora bem mais raro, foi

⁴⁸ Não ilustramos o padrão de flexão verbal *a gente* + 3ª pessoa do singular em um mapa em particular porque esse padrão é produtivo em todo o território português continental.

localizado em diversas localidades para além dos dialetos micalenses. Sem considerarmos as ilhas portuguesas, não analisadas neste estudo, identificamos esse padrão de flexão em sete localidades do PE, quatro do norte e três do centro e do sul (veja-se a figura 10, mais adiante)⁴⁹. Exemplos do CORDIAL-SIN:

A gente + P6:

179) INQ1 Ah! Essas não sei como são. Ah, são umas que são vermelhas? INF ‘Rabas’ são aquelas que *se comem a gente* quando é no tempo do Natal. (11.OUT)

180) Dá ao Algarve! E fora do Algarve! Além de *a gente pagarem* e coisa e que vamos arriscados. Ainda se tivesse uma barra boa, nova ou assim uma barra escapatória, ou um rio escapatório, melhor, (...) ainda se trabalhava mais à foita. (15.ALV)

181) INQ1 Sim. INF um (...)?... *Chamam a gente* aquilo uns carrasqueiros. (19.COV)

182) INF São novas! São novilhas novas! – a parir (e coiso). Depois largam; à segunda barriga só têm quatro cabeiros; depois à terceira barriga já têm dois cabeiros; depois à quarta barriga, já não têm cabeiro nenhum, já não têm idade conhecida. Tanto *podem a gente* dizer que ela tem ou seis anos, como tem sete, como tem oito. (22.EXB)

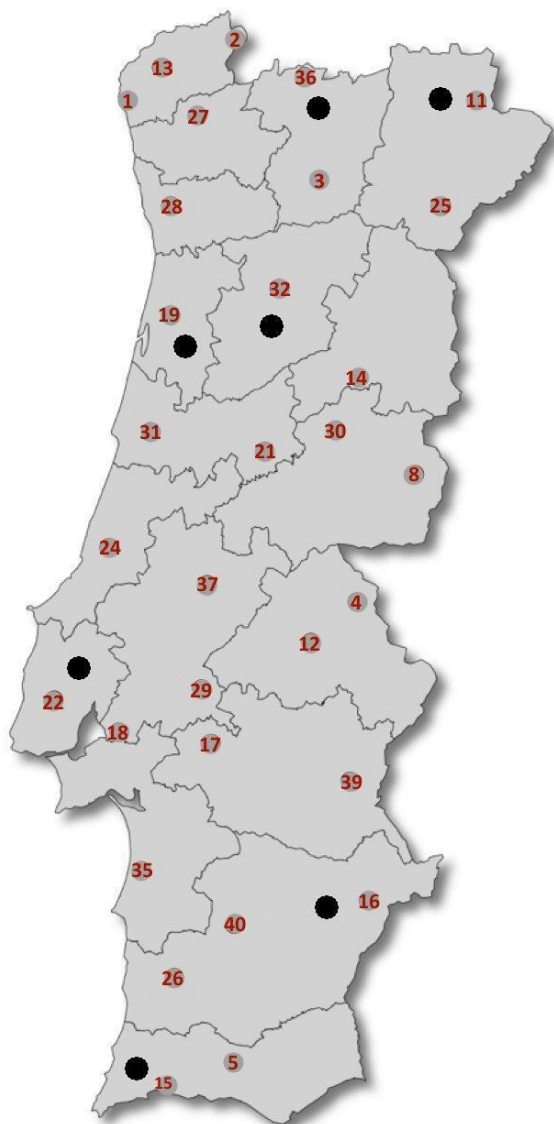
183) E então *a gente*, com aquela grande fé, *levantavam-lhe* as febres, minha senhora! (32.GRJ)

184) Havia sim. Havia socas. Pretas, bem brochadas (...). *Andavam* bem *a gente* nelas, as mulheres e os homens. (32.GRJ)

No mapa a seguir, identificamos as localidades em que foram atestadas produções (ainda que poucas) de *a gente* com a 3ª pessoa do plural:

⁴⁹ É interessante notar que, de um total de nove ocorrências de flexão verbal de *a gente* + 3ª pessoa do plural, seis são com sujeito pós-verbal. Ou seja, em mais de dois terços dos casos que levantamos, a flexão na 3ª pessoa do plural aparece antes da realização do sujeito pronominal *a gente*. Esta relação não foi observada nos padrões de flexão de *a gente* + 3ª pessoa do singular nem de *a gente* + 1ª pessoa do plural, casos em que a ordem canônica S-V é a mais produtiva.

Figura 10 - A presença de *a gente* + P6



Como vemos na figura 10, a concordância de *a gente* + verbo na 3ª pessoa do plural é bastante limitada, mas não está restrita a dialetos setentrionais, centro-meridionais ou galegos (cf. definição de Cintra, 1971).

A seguir, apresentamos a frequência total de realizações de *a gente* com os três padrões de flexão verbal atestados no PE dialetal estudado:

Tabela 20 - Os três padrões de flexão verbal desencadeados por *a gente* nos dialetos do PE continental

Local	<i>A gente</i> + flexão verbal Nº total/frequência			Local	<i>A gente</i> + flexão verbal Nº total/frequência		
	3SG	1PL	3PL		3SG	1PL	3PL
1	100% (11/11)	00	00	22	88,9% (48/54)	9,2% (5/54)	1,9% (1/54)
2	100% (7/7)	00	00	24	78,2% (61/78)	21,8% (17/78)	00
3	100% (66/66)	00	00	25	99% (97/98)	1% (1/98)	00
4	98,8% (82/83)	1,2% (1/83)	00	26	81,2% (78/96)	18,8% (18/96)	00
5	90,5% (38/42)	9,5% (4/42)	00	27	98,1% (52/53)	1,9% (1/53)	00
8	99,2% (132/133)	1,8% (1/133)	00	28	100% (84/84)	00	00
11	98,6% (72/73)	00	1,4% (1/73)	29	87,7% (114/130)	12,3% (16/130)	00
12	80% (16/20)	20% (4/20)	00	30	99,1% (111/112)	0,9% (1/112)	00
13	93,7% (45/48)	6,3% (3/48)	00	31	77,4% (82/106)	22,6% (24/106)	00
14	100% (35/35)	00	00	32	92,6% (126/136)	5,9% (8/136)	1,5% (2/136)
15	91,1% (113/124)	8,1% (10/124)	0,8% (1/124)	35	84% (95/113)	16% (18/113)	00
16	94,6% (122/129)	3,9% (5/129)	1,5% (2/129)	36	96,6% (28/29)	00	3,4% (1/29)
17	94,7% (71/75)	5,3% (4/75)	00	37	86,7% (156/180)	13,3% (24/180)	00
18	98,5% (67/68)	1,5% (1/68)	00	39	88,2% (15/17)	11,8% (2/17)	00
19	97,4% (74/76)	1,3% (1/76)	1,3% (1/76)	40	94,8% (55/58)	5,2% (3/58)	00
21	97% (98/101)	3% (3/101)	00	---	---	---	---

Na tabela acima, vemos que, apesar de o pronome *a gente* poder estabelecer concordância com três padrões de flexão verbal diferentes, a flexão na 3ª pessoa do singular é a única verificada em todas as localidades do PE dialetal estudado, sem uma única exceção. Além disso, é a combinação mais produtiva em todas as localidades, nunca apresentando índices de frequência menores do que 77%.

O segundo padrão de concordância verbal mais produtivo no *corpus*, isto é, *a gente* +

1ª pessoa do plural, também foi atestado em quase todas as localidades do PE (com mais exceções ao norte do que ao sul). Apesar disso, seus índices de produtividade nunca se aproximam dos índices verificados para o padrão *a gente* + 3ª pessoa do singular e não chegam a ultrapassar os 22,6% do total das concordâncias.

Por fim, o padrão de flexão verbal na 3ª pessoa do plural é o mais restrito (identificado em apenas sete localidades) e, também, o menos produtivo, nunca ultrapassando a casa dos 3,4% do total de ocorrências.

Em conclusão: os três padrões de flexão verbal desencadeados por *a gente* descritos por Costa e Pereira (2005, 2013) foram atestados nos nossos dados, sendo a concordância *a gente* + 3ª pessoa do singular a mais produtiva e a única presente em todas as localidades estudadas; em seguida, atestou-se *a gente* + 1ª do plural, presente em diversas localidades mas com uma frequência bem mais baixa (de até cerca de 23%); por fim, a flexão de *a gente* + 3ª do plural, menos produtiva (até 3,4%), foi a mais restrita de todas.

4.6 Os padrões de concordância verbal desencadeados por *nós*

Além da variação no padrão de concordância verbal desencadeado por *a gente*, também identificamos no nosso *corpus* uma pequena variação no padrão de concordância verbal estabelecida pelo pronome *nós*. Para além da já esperada flexão verbal de *nós* + 1ª pessoa do plural, também localizamos, em quatro localidades⁵⁰, uma pequena produção de *nós* + 3ª pessoa do singular⁵¹. Exemplos do CORDIAL-SIN:

185) Mas quem saiba, com as águas vem à terra, em lugar de apanhar um barco pode-se apanhar três barcos. Lucra mais tarde. E **lucra nós** e lucra todos. (15.ALV)

186) Está aqui uns viveiros, e estão fazendo muitas coisas que não haviam de fazer: pôr pedras no rio. Se a natureza dá o marisco para **nós pescar**, foi a providência que deu. (15.ALV)

187) INF1 Depois inventários, dois inventários, porque **nós era** tudo menor, (...) só ele é que era o mais velho, (...) é que era de maior idade, pronto. (19.COV)

⁵⁰ Nomeadamente, nas localidades numeradas com 15, 19, 30 e 36, relativas a Alvor (Faro), Covo (Aveiro), Unhais da Serra (Castelo Branco) e Santo André (Vila Real), respectivamente.

⁵¹ Aparentemente, o padrão de concordância *nós* + 3ª pessoa do singular também parece ser favorecido pelo pós-posicionamento do sujeito: verificamos que cerca da metade dos casos identificados nos nossos dados possui sujeito pós-verbal (uma percentagem relativamente elevada se considerarmos que a ordem S-V é, globalmente, mais produtiva do que a V-S na língua portuguesa, como regra geral, e no restante dos nossos dados).

188) INQ2 Então, mas quando era a água. Portanto, havia o pio, e dentro do pio não havia umas pedras que eram?... INF1 É. INF2 Pois. Chama-lhe *a gente* as galgas. INF1 **Chama-se-lhe *nós*** as galgas. (30.UNS)

189) INF Oh homem! Então *nós* (...) estávamos a caminhar bem, mas agora... Onde é que *nós tem*?... A Junta, onde tem rendimento para fazer uma ponte? (36.STA)

Embora a combinação de *nós* + 3ª pessoa do singular tenha sido atestada, ela é restrita a poucas localidades e apresenta baixíssimos índices de produtividade, conforme vemos na tabela a seguir:

Tabela 21 - Os padrões de flexão verbal desencadeados por *nós* nos dialetos do PE continental

Local	Nós + flexão verbal Nº total/frequência		Local	Nós + flexão verbal Nº total/frequência	
	1PL	3SG		1PL	3SG
1	100% (68/68)	00	22	100% (1/1)	00
2	100% (24/24)	00	24	100% (19/19)	00
3	100% (12/12)	00	25	100% (14/14)	00
4	100% (15/15)	00	26	100% (1/1)	00
5	100% (2/2)	00	27	100% (31/31)	00
8	100% (12/12)	00	28	100% (26/26)	00
11	100% (20/20)	00	29	100% (34/34)	00
12	00	00	30	92,9% (13/14)	7,1% (1/14)
13	100% (17/17)	00	31	100% (4/4)	00
14	90% ⁵² (9/10)	00	32	100% (71/71)	00
15	80% (8/10)	20% (2/10)	35	100% (19/19)	00
16	100% (7/7)	00	36	95,7% (22/23)	4,3% (1/23)
17	00	00	37	100% (2/2)	00
18	00	00	39	100% (7/7)	00
19	85,7% (24/28)	14,3% (4/28)	40	100% (1/1)	00
21	100% (29/29)	00			

⁵² Na localidade 14 (relativa a Figueiró da Serra, Guarda), identificamos uma combinação *nós* + 3PL:

190) INQ O que era o cabouco? Diga, diga-me só o que é o cabouco. INF1 O cabouco é onde sai a água. *Chamam nós* aquilo o cabouco. INF1 Sabe o que é? É o que é, o cabouco.

Em conclusão: ao observarmos as tabelas 20 e 21, referentes aos padrões de flexão verbal estabelecidos por *nós* e *a gente* no território continental do PE, vemos que os padrões de concordância verbal desencadeados pelos dois pronomes coincidem, na maior parte dos casos, com os que se encontram na norma culta, isto é, *nós* combina-se mais frequentemente com o verbo na 1ª pessoa do plural e *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do singular.

4.7 A hipótese de correlação diacrônica entre mudança do sistema pronominal, enfraquecimento da flexão verbal e alteração das propriedades de sujeito nulo

No início deste capítulo, verificamos que a inserção do novo pronome *a gente* no sistema pronominal do PE continental já é fato consolidado em todos os seus dialetos. Sendo assim, poderíamos supor que, da mesma forma como é descrita na literatura para o PB, a inserção de *a gente* no PE também servisse de gatilho para a redução do sistema de flexão verbal e, conseqüentemente, para a diminuição da frequência de sujeitos nulos. Se assim fosse, seria de se esperar que nas localidades do PE em que atestamos altos índices de produtividade de *a gente* (relativamente à de *nós*) atestássemos também, como consequência final, baixos índices de sujeito nulo. As localidades com baixas frequências de *a gente* (comparativamente a *nós*), pelo contrário, deveriam apresentar, proporcionalmente às primeiras, frequências mais elevadas de sujeitos nulos.

Comparamos, então, as produtividades de *a gente*, de *nós* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural ao longo dos dialetos do PE continental, a fim de verificar, em especial, se nas localidades onde só atestamos produtividade de *a gente* (e nenhuma de *nós*) há baixos índices de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural e se naquelas em que a produtividade de *nós* é extremamente alta em comparação com a de *a gente* há altos índices de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural. Isto é, em outras palavras, quisemos verificar se, em última instância, a inserção de *a gente* nos dialetos do PE resultou, ou não, na redução da frequência de sujeito nulo (ao menos no que diz respeito ao sujeito nulo de 1ª pessoa do plural).

Observemos, então, os dados apresentados a seguir.

Tabela 22 - *Nós, a gente* e o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito nulo P4	Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito nulo P4
1	6,6% (11/168)	46,4% (78/168)	47% (79/168)	22	69,5% (57/82)	1,2% (1/82)	29,3% (24/82)
2	8,3% (7/84)	32,2% (27/84)	59,5% (50/84)	24	46,8% (80/171)	11,1% (19/171)	42,1% (72/171)
3	61,3% (68/111)	13,5% (15/111)	25,2% (28/111)	25	55,1% (103/187)	17,6% (33/187)	27,3% (51/187)
4	66,4% (89/134)	14,9% (20/134)	18,7% (25/134)	26	35,5% (105/296)	0,7% (2/296)	63,8% (189/296)
5	64,8% (46/71)	2,8% (2/71)	32,4% (23/71)	27	43,8% (53/121)	28,9% (35/121)	27,3% (33/121)
8	73,9% (139/188)	9,1% (17 /188)	17% (32/188)	28	49,7% (84/169)	16,6% (28/169)	33,7% (57/169)
11	50% (80/160)	15,6% (25/160)	34,4% (55/160)	29	46% (160/348)	10% (35/348)	44% (153/348)
12	63,9% (23/36)	00	36,1 (13/36)	30	52,3% (115/220)	7,7% (17/220)	40% (88/220)
13	46,4% (51/110)	20,9% (23/110)	32,7% (36/110)	31	51,5% (117/227)	1,8% (4/227)	46,7% (106/227)
14	30,2% (35/116)	9,5% (11/116)	60,3% (70/116)	32	32,5% (150/462)	18% (83/462)	49,5% (229/462)
15	69,6% (128/184)	5,4% (10/184)	25% (46/184)	35	46,8% (119/254)	7,9% (20/254)	45,3% (115/254)
16	72,7% (136/187)	3,8% (7/187)	23,5% (44/187)	36	18,5% (30/162)	19,1% (31/162)	62,4% (101/162)
17	58,3% (81/139)	00	41,7% (58/139)	37	65,1% (198/304)	1,3% (4/304)	33,6% (102/304)
18	83,7% (72/86)	00	16,3% (14/86)	39	27,3% (18/66)	10,6% (7/66)	62,1% (41/66)
19	36,2% (89/246)	13,8% (34/246)	50% (123/246)	40	64,9% (61/94)	1% (1/94)	34,1% (32/94)
21	47,1% (108/229)	14% (32/229)	38,9% (89/229)	---	---	---	---

Como vemos no quadro acima, não há qualquer correlação constante entre as frequências de produtividade de *a gente* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural. Isto é, as localidades com altos índices de ocorrências de *a gente* proporcionalmente a *nós* não apresentaram, obrigatoriamente, baixos índices de ocorrências de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural.

Há localidades (como as numeradas com 1, 2, 14, 19, 26, entre outras) em que a frequência de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural é superior à do pronome *a gente* realizado;

há outras, no entanto, em que a produtividade de *a gente* é superior à do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural (como as numeradas com 3, 4, 5, 8, 11, etc.). Há, ainda, aquelas em que os índices de frequência de *a gente* e de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural são praticamente equivalentes (tais como 24, 29, 31 e 35).

Em conclusão: verificamos, assim, que a hipótese de correlação descrita para o PB no subcapítulo 3.2 – na qual a inserção de *a gente* no quadro pronominal leva, em última instância, à diminuição dos índices de sujeito nulo – não parece fazer sentido perante os dados analisados para o PE. Atestamos, ao contrário, que a inserção de *a gente* no sistema pronominal dos dialetos do PE continental não resultou na redução das propriedades do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural. Ou seja, não há, nos nossos dados, qualquer correlação constante entre a frequência de produtividade de *a gente* e a frequência do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural (altos índices de ocorrências de *a gente* não estão atrelados a baixos índices de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural). Até mesmo nos locais em que *nós* não é atestado há produtividade do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural.

4.7.1 A entrada de *a gente* no quadro pronominal e as formas verbais de 1ª pessoa do plural

Acabamos de ver, no subcapítulo anterior, que a inserção de *a gente* no sistema pronominal do PE não resultou na redução dos sujeitos nulos nos dialetos estudados, ao menos no que diz respeito ao sujeito nulo de 1ª pessoa do plural. Quisemos, então, checar se a entrada dessa expressão pronominal também não exerceu influência na produtividade das formas verbais de 1ª pessoa do plural.

Observemos, para tanto, o quadro a seguir, onde se encontram reunidos os três padrões de produtividade da 1ª pessoa do plural atestados no nosso *corpus*, quais sejam: 1ª pessoa do plural associada a um sujeito nulo, 1ª pessoa do plural associada ao sujeito pronominal *nós* ou, como vimos no subcapítulo 4.5, 1ª pessoa do plural associada à expressão pronominal *a gente*:

Tabela 23 - A frequência de 1ª pessoa do plural associada aos sujeitos pronominais *nós* e *a gente* e a um sujeito nulo nos dialetos do PE continental

Local	Sujeito nulo P4	1PL + <i>nós</i>	1PL + <i>a gente</i>	Local	Sujeito nulo P4	1PL + <i>nós</i>	1PL + <i>a gente</i>
1	53,7% (79/147)	46,3% (68/147)	00	22	80% (24/30)	3,3% (1/30)	16,7% (5/30)
2	67,6% (50/74)	32,4% (24/74)	00	24	66,7% (72/108)	17,6% (19/108)	15,7% (17/108)
3	70% (28/40)	30% (12/40)	00	25	77,3% (51/66)	21,2% (14/66)	1,5% (1/66)
4	61% (25/41)	36,6% (15/41)	2,4% (1/41)	26	90,9% (189/208)	0,5% (1/208)	8,6% (18/208)
5	79,3% (23/29)	6,9% (2/29)	13,8% (4/29)	27	50,8% (33/65)	47,7% (31/65)	1,5% (1/65)
8	71,1% (32/45)	26,7% (12/45)	2,2% (1/45)	28	68,7% (57/83)	31,3% (26/83)	00
11	73,3% (55/75)	26,7% (20/75)	00	29	75,4% (153/203)	16,7% (34/203)	7,9% (16/203)
12	76,5% (13/17)	00	23,5% (4/17)	30	86,3% (88/102)	12,7% (13/102)	1% (1/102)
13	64,3% (36/56)	30,4% (17/56)	5,3% (3/56)	31	79,1% (106/134)	3% (4/134)	17,9% (24/134)
14	88,6% (70/79)	11,4% (9/79)	00	32	74,3% (229/308)	23,1% (71/308)	2,6% (8/308)
15	71,9% (46/64)	12,5% (8/64)	15,6% (10/64)	35	75,7% (115/152)	12,5% (19/152)	11,8% (18/152)
16	78,6% (44/56)	12,5% (7/56)	8,9% (5/56)	36	82,1% (101/123)	17,9% (22/123)	00
17	93,5% (58/62)	00	6,5% (4/62)	37	79,7% (102/128)	1,6% (2/128)	18,7% (24/128)
18	93,3% (14/15)	00	6,7% (1/15)	39	82% (41/50)	14% (7/50)	4% (2/50)
19	83,1% (123/148)	16,2% (24/148)	0,7% (1/148)	40	88,9% (32/36)	2,8% (1/36)	8,3% (3/36)
21	73,5% (89/121)	24% (29/121)	2,5% (3/121)	---	---	---	---

Como vemos na tabela acima, as ocorrências de 1ª pessoa do plural associada a um sujeito nulo são, de longe, as mais produtivas em todas as localidades estudadas, sem nenhuma exceção. A segunda maior produtividade, por sua vez, a associação da 1ª pessoa do plural ao pronome *nós*, não é categórica em todas as localidades, mas apresenta uma produtividade relevante na maioria delas. Por fim, a associação da 1ª pessoa do plural ao pronome *a gente*, além de ser menos produtiva, está restrita ao menor número de localidades.

Com isso, atestamos, mais uma vez, que apesar da entrada de *a gente* no quadro

pronominal do PE, continuam preservadas as formas verbais de 1ª pessoa do plural – tanto associadas aos pronomes realizados *nós* e *a gente* como associadas a uma categoria vazia *pro*. A 1ª pessoa do plural associada a um pronome nulo é produtiva, inclusive nas localidades em que *nós* não foi atestado (nomeadamente nas localidades 12, 17 e 18).

Em conclusão: fica atestado, assim, que a entrada de *a gente* no sistema pronominal não leva necessariamente à redução do sistema de flexão verbal – uma vez que as formas verbais de 1ª pessoa do plural estão preservadas com índices relevantes de produtividade –, nem dos índices de sujeito nulo, pelo menos no que diz respeito ao sujeito nulo de 1ª pessoa do plural.

E mais: dado que o padrão de concordância *a gente* + 1ª pessoa do plural está presente em diversas localidades ao longo do território português estudado, mas nunca é o padrão dominante, concluímos que a manutenção das formas verbais de 1ª pessoa do plural não depende deste novo padrão de concordância, isto é, de *a gente* + 1ª pessoa do plural. Comparando a frequência de 1ª pessoa do plural + sujeito nulo com a frequência de 1ª pessoa do plural + *a gente*, vê-se que essa forma verbal se associa mais frequentemente a um pronome nulo do que ao pronome *a gente* (a frequência de produtividade de 1ª pessoa do plural + *nós* está no meio das anteriores, isto é, é a segunda mais produtiva nos nossos dados).

4.8 Síntese dos resultados

De forma resumida, vimos neste capítulo que:

- i) A forma *a gente* é utilizada com valor pronominal em todos os dialetos do PE continental, ao passo que o pronome de 1ª pessoa do plural *nós*, embora presente em quase todo o território português, não é produtivo em ao menos duas localidades do centro-sul.
- ii) A frequência de produtividade do pronome *a gente* é superior à frequência de produtividade do pronome *nós* na maioria das localidades estudadas.
- iii) O sujeito nulo de 1ª pessoa do plural é mais produtivo do que o pronome realizado *nós* em praticamente todas as localidades estudadas (à exceção de uma única ao norte do país). Até mesmo nas localidades em que o pronome *nós* foi aparentemente banido há produtividade do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural.

iv) O desaparecimento/marginalidade de um pronome pessoal nominativo não leva obrigatoriamente ao desaparecimento da sua correspondente forma verbal (há produtividade do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos locais em que não há produtividade do pronome *nós*).

v) A elipse de *a gente* é produtiva em todo o PE dialetal analisado, mas não pode ser considerada um verdadeiro sujeito nulo, uma vez que está restrita a contextos sintáticos de acessibilidade.

vi) A expressão pronominal *a gente* desencadeia três padrões de concordância verbal (na 3ª pessoa do singular, na 1ª do plural e na 3ª do plural), embora a flexão na 3ª pessoa do singular seja a mais produtiva e a única constante em todas as localidades estudadas.

vii) Comparando as frequências de *nós* e de *a gente* nos dialetos portugueses setentrionais, centro-meridionais e galegos, nota-se que os dialetos do norte apresentam comportamento mais tradicional (o subdialeto galego-ocidental é o único que possui localidades com mais produtividade de *nós* do que de *a gente*), ao passo que os dialetos centro-meridionais são os mais inovadores (ao menos duas das suas localidades não apresentaram nenhuma produtividade de *nós*).

viii) O padrão de concordância verbal de *a gente* + 1ª pessoa do plural também demonstra que os dialetos do norte são mais conservadores (este padrão de flexão verbal é bem menos produtivo no subdialeto galego-ocidental, em especial; já os dialetos centro-meridionais são os únicos a apresentarem tal flexão verbal com índices superiores a 15%).

ix) Não há correlação significativa entre a frequência de produtividade de *a gente* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural (ou seja, uma frequência alta de *a gente* não corresponde necessariamente a uma frequência baixa de sujeito nulo).

x) A entrada de *a gente* no quadro pronominal do PE não levou à eliminação das formas verbais de 1ª pessoa do plural. Associadas a um pronome nulo, estas formas são produtivas até nas localidades em que *nós* não é atestado. Ou seja, a entrada de *a gente* no

sistema pronominal não tem qualquer efeito nas propriedades do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural no PE dialetal estudado.

xi) O padrão de concordância de *a gente* + 1ª pessoa do plural está presente em todo o território português, mas nunca é a forma dominante. Portanto, a manutenção das formas verbais de 1ª pessoa do plural em todos os dialetos não depende deste novo padrão de concordância (isto é, de *a gente* + 1PL). Comparando a frequência de 1ª pessoa do plural associada a um sujeito nulo com a frequência de 1ª pessoa do plural associada ao pronome *a gente*, vê-se que 1ª pessoa do plural se associa mais frequentemente a um pronome nulo do que ao pronome *a gente*.

xii) As propriedades do sujeito nulo nos dialetos com maior frequência de *a gente* são as mesmas do PE padrão e das localidades com maior frequência de *nós*. Ou seja, as propriedades do PE enquanto língua de sujeito nulo são constantes através dos seus dialetos.

Na tabela a seguir, encontram-se reunidos todos os dados levantados no CORDIAL-SIN:

Tabela 24 - *Nós, a gente* e o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental⁵³

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3	Sujeito nulo P4	<i>A gente</i> (Nº total)	<i>Nós</i> (Nº total)	<i>A gente</i> (Não-sujeito)	<i>Nós</i> (Não-sujeito)
1	11 (todos com verbo na 3SG)	78 (68 com verbo na 1PL)	5 (todos com antecedente acessível)	79 (36 com antecedente acessível; 43, não)	15	90	4	12
2	7 (todos com verbo na 3SG)	27 (24 com verbo na 1PL)	---	50 (13 com antecedente acessível; 38, não)	8	29	1	2

continua

⁵³ A diferença entre o número total de sujeitos realizados com *nós* e com *a gente* e o número de flexões verbais (apontadas entre parênteses) se dá por conta dos casos não computados, quais sejam: com elipse de VP, com verbo no gerúndio, no particípio ou no infinitivo não flexionado, nas sentenças abandonadas antes da realização do verbo, etc. (cf. esclarecido no capítulo introdutório).

continuação

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3	Sujeito nulo P4	<i>A gente</i> (Nº total)	<i>Nós</i> (Nº total)	<i>A gente</i> (Não-sujeito)	<i>Nós</i> (Não-sujeito)
3	68 (66 com verbo na 3SG)	15 (12 com verbo na 1PL)	28 (todos com antecedente acessível)	28 (4 com antecedente acessível; 24, não)	69	16	1	1
4	89 (82 com verbo na 3SG e 1 na 1PL)	20 (15 com verbo na 1PL)	20 (todos com antecedente acessível)	25 (3 com antecedente acessível; 22, não)	92	21	3	1
5	46 (38 com verbo na 3SG e 4 na 1PL)	2 (ambos com o verbo na 1PL)	2 (todos com antecedente acessível)	23 (1 com antecedente acessível; 22, não)	48	2	2	--
6 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
7 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
8	139 (132 com verbo na 3SG e 1 na 1PL)	17 (12 com verbo na 1PL)	37 (todos com antecedente acessível)	32 (6 com antecedente acessível; 26, não)	140	18	1	1
9 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
10 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
11	80 (72 com verbo na 3SG, 0 na 1PL e 1 na 3PL)	25 (20 com verbo na 1PL)	25 (todos com antecedente acessível)	55 (4 com antecedente acessível; 51, não)	81	27	1	2
12	23 (16 com verbo na 3SG e 4 na 1PL)	---	8 (todos com antecedente acessível)	13 (nenhum com antecedente acessível)	24	--	1	--
13	51 (45 com verbo na 3SG e 3 na 1PL)	23 (17 com verbo na 1PL)	16 (15 com antecedente acessível; 1, não, em estrutura não-canônica)	36 (7 com antecedente acessível e 29, não)	54	24	3	1

continua

continuação

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3	Sujeito nulo P4	<i>A gente</i> (Nº total)	<i>Nós</i> (Nº total)	<i>A gente</i> (Não-sujeito)	<i>Nós</i> (Não-sujeito)
14	35 (todos com verbo na 3SG)	11 (9 com verbo na 1PL e 1 na 3PL)	5 (todos com antecedente acessível)	70 (2 com antecedente acessível; 68, não)	38	11	3	---
15	128 (113 com verbo na 3SG, 10 na 1PL e 1 na 3PL)	10 (8 com verbo na 1PL e 2 na 3SG)	9 (todos com antecedente acessível)	46 (5 com antecedente acessível; 41, não)	137	12	9	2
16	136 (122 com verbo na 3SG, 5 na 1PL e 2 na 3PL)	7 (todos com verbo na 1PL)	21 (todos com antecedente acessível)	44 (2 com antecedente acessível; 42, não)	139	8	3	1
17	81 (71 com verbo na 3SG e 4 na 1PL)	---	14 (todos com antecedente acessível)	58 (nenhum com antecedente acessível)	91	1	10	1
18	72 (67 com verbo na 3SG e 1 na 1PL)	---	12 (todos com antecedente acessível)	14 (nenhum com antecedente acessível)	76	---	4	---
19	89 (74 com verbo na 3SG, 1 na 1PL e 1 na 3PL)	34 (24 com verbo na 1PL e 4 na 3SG)	32 (todos com antecedente acessível)	123 (15 com antecedente acessível; 108, não)	94	50	5	16
20 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
21	108 (98 com verbo na 3SG e 3 na 1PL)	32 (29 com verbo na 1PL)	35 (todos com antecedente acessível)	89 (2 com antecedente acessível; 87, não)	111	32	3	---

continua

continuação

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3	Sujeito nulo P4	<i>A gente</i> (Nº total)	<i>Nós</i> (Nº total)	<i>A gente</i> (Não-sujeito)	<i>Nós</i> (Não-sujeito)
22	57 (48 com verbo na 3SG, 5 na 1PL e 1 na 3PL)	1 (com verbo na 1PL)	14 (todos com antecedente acessível)	24 (nenhum com antecedente acessível)	59	2	2	1
23 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
24	80 (61 com verbo na 3SG e 17 na 1PL)	19 (todos com verbo na 1PL)	9 (todos com antecedente acessível)	72 (7 com antecedente acessível; 65, não)	85	22	5	3
25	103 (97 com verbo na 3SG e 1 na 1PL)	33 (14 com verbo na 1PL)	29 (todos com antecedente acessível)	51 (4 com antecedente acessível; 47, não)	110	37	7	4
26	105 (78 com verbo na 3SG e 18 na 1PL)	2 (1 com verbo na 1PL)	11 (todos com antecedente acessível)	189 (3 com antecedente acessível; 186, não)	106	2	1	---
27	53 (52 com verbo na 3SG e 1 na 1PL)	35 (31 com verbo na 1PL)	32 (todos com antecedente acessível)	33 (2 com antecedente acessível; 31, não)	55	35	2	---
28	84 (todos com verbo na 3SG)	28 (26 com verbo na 1PL)	26 (todos com antecedente acessível)	57 (10 com antecedente acessível; 47, não)	85	29	1	1
29	160 (114 com verbo na 3SG e 16 na 1PL)	35 (34 com verbo na 1PL)	11 (todos com antecedente acessível)	153 (20 com antecedente acessível; 133, não)	177	36	17	1
30	115 (111 com verbo na 3SG e 1 na 1PL)	17 (13 com verbo na 1PL e 1 na 3SG)	58 (todos com antecedente acessível)	88 (6 com antecedente acessível; 82, não)	118	20	3	3

continua

continuação

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3	Sujeito nulo P4	<i>A gente</i> (Nº total)	<i>Nós</i> (Nº total)	<i>A gente</i> (Não-sujeito)	<i>Nós</i> (Não-sujeito)
31	117 (82 com verbo na 3SG e 24 na 1PL)	4 (todos com verbo na 1PL)	4 (todos com antecedente acessível)	106 (nenhum com antecedente acessível)	130	4	13	---
32	150 (126 com verbo na 3SG, 8 na 1PL e 2 na 3PL)	83 (71 com verbo na 1PL)	47 (todos com antecedente acessível)	229 (60 com antecedente acessível; 169, não)	162	94	12	11
33 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
34 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
35	119 (95 com verbo na 3SG e 18 na 1PL)	20 (19 com verbo na 1PL)	17 (todos com antecedente acessível)	115 (1 com antecedente acessível; 114, não)	122	20	3	---
36	30 (28 com verbo na 3SG, 0 na 1PL e 1 na 3PL)	31 (22 com verbo na 1PL e 1 na 3SG)	16 (todos com antecedente acessível)	101 (10 com antecedente acessível; 90, não)	30	35	---	4
37	198 (156 com verbo na 3SG e 24 na 1PL)	4 (2 com verbo na 1PL)	49 (todos com antecedente acessível)	102 (1 com antecedente acessível; 101, não)	203	8	5	4
38 Ilha	---	---	---	---	---	---	---	---
39	18 (15 com verbo na 3SG e 2 na 1PL)	7 (todos com verbo na 1PL)	1 (com antecedente acessível)	41 (1 com antecedente acessível; 40, não)	25	7	7	---
40	61 (55 com verbo na 3SG e 3 na 1PL)	1 (com verbo na 1PL)	3 (todos com antecedente acessível)	32 (1 com antecedente acessível; 31, não)	64	1	6	---

5 NÓS, A GENTE E O SUJEITO NULO DE 1ª PESSOA DO PLURAL EM UMA AMOSTRA DIALETAL DO PB

5.1 Identificação da área geográfica

Diferentemente da análise que fizemos para o PE dialetal – abrangendo todo o território português continental –, a análise para o PB está concentrada em duas localidades, uma vez que o nosso objetivo é realizar uma comparação qualitativa entre: os dados levantados no *corpus* CORDIAL-SIN para o PE dialetal (capítulo 4), os dados de uma amostra do PB dialetal e o que está descrito na literatura sobre o assunto (capítulos 2 e 3).

Sendo assim, o *corpus* do PB dialetal provém de duas localidades da coleção *Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano* (ALFSB), organizada pelas Professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana. As áreas selecionadas para constituir a nossa amostra foram: Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina) e Rio de Contas (Chapada Diamantina), ambas localizadas na região interiorana do estado da Bahia, no nordeste brasileiro.

No mapa a seguir, identificamos a localização das duas localidades selecionadas para a nossa amostra.

Figura 11 - Localidades analisadas no PB dialetal (da coleção *Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*)



Identificação das áreas: 1.AF - Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina), 2.RC -Rio de Contas Chapada Diamantina.

5.2 A frequência de *nós* e *a gente* nas duas localidades do PB

Assim como no PE, verificamos que na amostra dialetal do PB estudada há uma forte presença do novo pronome pessoal *a gente*. Verificamos, ainda, que a inserção de *a gente* no quadro pronominal do PB não levou, ao menos nas localidades aqui analisadas, à eliminação da forma tradicional *nós*. Apesar de apresentar uma produtividade inferior à da forma *a gente* nas duas áreas estudadas, a frequência do pronome *nós* se mostra bastante relevante em ambas as localidades.

Na tabela abaixo, apresentamos a totalidade dos pronomes *nós* e *a gente* identificada nos falares rurais do PB estudados:

Tabela 25 - A frequência total de *nós* e de *a gente* na amostra dialetal do PB do semiárido baiano⁵⁴

Local	<i>A gente</i> Porcentagem (Nº total)	<i>Nós</i> Porcentagem (Nº total)
1	66,8% (229/343)	33,2% (114/343)
2	79% (279/353)	21 % (74/353)

Como vemos na tabela acima, os índices de produção de *a gente* são dominantes na totalidade dos dados, mas os índices de produção de *nós* nos mostram que este pronome está preservado em ambas as localidades do PB.

Ao restringirmos a nossa análise aos casos em que *nós* e *a gente* exercem a função sintática de sujeito, verificamos que a produtividade de *nós* em relação à de *a gente* apresenta uma discreta elevação:

Tabela 26 - A frequência de sujeitos realizados com *nós* vs. *a gente* na amostra dialetal do PB do semiárido baiano

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)
1	65,8% (198/301)	34,2% (103/301)
2	78,3% (238/304)	21,7% (66/304)

Vemos, mais uma vez, na tabela acima, que, apesar de a forma inovadora *a gente* ser uma concorrente bastante produtiva da forma tradicional *nós*, o pronome de 1ª pessoa do plural apresenta altos índices de produtividade.

Em conclusão: o pronome *nós* coocorre com o pronome *a gente*, mantendo uma frequência alta de produção. Nesse aspecto, os dados analisados para o PB, pertencentes a dois locais do semiárido baiano, não diferem substancialmente de grande parte dos dados verificados para o PE dialetal analisado (onde também constatamos altas frequências de *nós* associadas a índices ainda mais altos de *a gente*).

⁵⁴ Incluem-se nesta contagem todas as formas realizadas com os pronomes *nós* e *a gente*, isto é, com os pronomes exercendo a função sintática de sujeito, de complemento direto, de complemento indireto, oblíquo, etc.

5.3 A frequência do sujeito pronominal *nós* realizado e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural

Visto que o pronome pessoal *nós* está preservado na amostra do PB dialetal, interessa-nos verificar se a sua correspondente forma nula se mantém igualmente produtiva, isto é, se o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural também se mantém preservado nas duas localidades dessa amostra.

Isolamos, então, a totalidade das ocorrências do pronome *nós overt* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nas duas áreas do PB e chegamos ao seguinte quadro geral:

Tabela 27 - A frequência do sujeito pronominal *nós overt* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural na amostra dialetal do PB do semiárido baiano

Local	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito nulo P4 Porcentagem (Nº total)
1	65,6% (103/157)	34,4% (54/157)
2	82,5% (66/80)	17,5% (14/80)

Na tabela acima, vemos que a frequência do pronome pessoal *nós* realizado é bastante superior à da sua correspondente forma nula em ambas as localidades da amostra do PB. Na área de Piemonte da Diamantina, o número de realizações com o pronome *overt* é quase o dobro do número de realizações com o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural (103 contra 54). Na área de Chapada Diamantina a diferença é ainda maior: o total de produções com o pronome pleno chega a ser quase cinco vezes superior ao total de sujeitos nulos (14 pronomes nulos contra 66 realizados).

Em conclusão: uma maior produtividade de sujeitos realizados com *nós* do que do seu correspondente pronome nulo faz com que o PB se distancie, ao menos sob esse aspecto, do PE dialetal. Em praticamente todas as localidades do PE, verificamos maior incidência do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural do que do pronome *nós overt*, à exceção de uma única localidade: Fiscal (Braga), que apresenta 33 sujeitos nulos contra 35 realizados.

5.3.1 A elipse de *a gente*

No subcapítulo 4.4.1, mostramos que há no PE dialetal diversos casos de elipse da expressão pronominal *a gente*. Mostramos, ainda, que essa elipse não deve ser considerada

um verdadeiro sujeito nulo, uma vez que está restrita a contextos sintáticos bastante específicos.

Na amostra do PB dialetal, identificamos casos equivalentes de “apagamento” de *a gente*, sempre limitados a contextos sintáticos em que o antecedente pronominal realizado fosse facilmente correferenciado à forma elidida.

A seguir, mostramos alguns exemplos da amostra do PB dialetal:

191) Vivia da roça, os tempo era bom, e aí *a gente*_i prantava e [-]_i num perdia assim não. (1.AF)

192) *A gente*_i vinha na quinta, [-]_i voltava no domingo, então *a gente* ia pra roça naquela época chovia. (1.AF)

193) DOC 1: Me conta aí, e o Natal aqui? INF: O Natal aqui é bom. DOC 1: É bom? INF: É. *A gente*_i se diverte muito, [-]_i vai dançar. (2.RC)

194) Quando acorda no outro dia, *a gente*_i não sabe o que [-]_i fez no outro dia não, [-]_i só lembra de quando começou a beber. (2.RC)

195) INF: *A gente*_i torra ele, [-]_i torra na torradeira e [-]_i pisa no pilão, aí [-]_i peneira e já sai o pó. (2.RC)

A seguir, apresentamos as frequências dos sujeitos realizados com *a gente* e das elipses correferentes a *a gente*, a fim de compará-las aos dados encontrados no PE dialetal.

Tabela 28 - A produtividade de *a gente overt* vs. elipse de *a gente* na amostra dialetal do PB do semiárido baiano

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3 (Nº total)
1	198	43 (todos com antecedente acessível)
2	238	77 (todos com antecedente acessível)

Vemos, na tabela acima, que, assim como nos dialetos estudados do PE, há uma relevante produtividade de elipses de *a gente* na amostra dialetal do PB. Vemos, também, que embora a frequência dessas elipses seja significativa (da mesma forma que no PE dialetal), os contextos em que podem ser licenciadas são bastante limitados. Trata-se do mesmo tipo de contextos já identificados para o PE.

Em conclusão: tanto o PB como o PE dialetais estudados realizam elipses da expressão pronominal *a gente*, mas em ambas as variedades o “apagamento” é restrito a contextos sintáticos em que o antecedente esteja próximo (nos padrões de acessibilidade definidos por Barbosa, Duarte e Kato, 2001, apresentados no subcapítulo 4.4.1). Dessa forma, verificamos que o PB e o PE dialetais apresentam comportamentos bastante semelhantes e que as elipses de *a gente* que realizam não devem ser confundidas com os verdadeiros sujeitos nulos.

5.4 Os padrões de concordância desencadeados por *a gente*

5.4.1 Flexão verbal

Vianna e Lopes (2003) verificaram que os padrões de concordância verbal desencadeados por *a gente* no PB são, assim como no PE, majoritariamente na 3ª pessoa do singular. Apesar disso, as autoras também verificaram, numa amostra de falantes não-cultos⁵⁵, que *a gente* pode desencadear flexão verbal na 1ª pessoa do plural (em cerca de 10% dos casos) e até na 3ª do plural (em 3%)⁵⁶. Exemplos de Vianna e Lopes (2003):

196) ...*a gente* é obrigada a fazer recuperação.

197) *A gente* nunca *fomos* assaltada, não.

198) ...*a gente* *tão* se sentindo sufocados, né?

Na amostra dialetal do PB aqui estudada, no entanto, atestamos apenas dois dos padrões descritos pelas autoras, quais sejam: na 3ª pessoa do singular e, mais raramente, na 1ª do plural. Exemplos da amostra do PB dialetal:

A gente + P3:

199) Não. Só que *gente* já **namorou** várias vezes. Namoramos muitas vezes e terminamos, agora voltamos de novo. [rindo] Aí já tem um mês e pouco que *a gente* **tá** junto. (2.RC)

200) Agora, as roupas *a gente* **compra** aqui mesmo. (2.RC)

⁵⁵ Projeto Censo.

⁵⁶ Ao analisar amostras de falantes cultos (Projeto NURC), Lopes (1993) verificou que a flexão verbal de *a gente* se dá sempre na 3ª pessoa do singular, ou seja: “*a gente vai*”. A autora não encontrou ocorrências de *a gente* com o verbo na 1ª pessoa do plural: “**a gente vamos*”, nem na 3ª do plural: “**a gente vão*” nesse público. Menuzzi (2000) também verificou que *a gente* sempre desencadeia flexão na 3ª pessoa do singular entre informantes do Rio Grande do Sul.

201) DOC 1: Pega, né? INF: Pega. Não assim direto pra São Paulo. *A gente pega* em Rio de Contas. Às vezes pega o ônibus direto pra lá em Livramento, às vezes em Livramento ou Conquista. (2.RC)

***A gente* + P4:**

202) É, tem procissão. É, tem procissão. Teve a Santa Missão aqui o ano passado, né? e *a gente temos* um cruzeiro bem lá diante, aí *a gente faz* a procissão de lá pra cá, né? (1.AF)

203) É, a... a se... a seca tá pior... tá pior mehmo num tem nada, *a gente... a gente samo* pobre, só tá passano... tá passano que Deus, Deus é quem amostra o jeito. (1.AF)

204) É, festa, assim, que tem uma festa *a gente vamos*. (2.RC)

205) *A gente* mah numca *prantemo* um pé de mandioca, só rancamo os pezinho que tem. (1.AF)

206) Eu tenho um bando de fio, nesse tempo que tá essa caristia, né? Só agora deu essa chuva. Num tem nada, *a gente comprano* de tudo, né? (1.AF)

Na tabela a seguir, apresentamos a frequência dos dois padrões de concordância verbal desencadeados por *a gente* na amostra do PB dialetal.

Tabela 29 - Os padrões de flexão verbal desencadeados por *a gente* na amostra dialetal do PB do semiárido baiano

Local	<i>A gente</i> + flexão verbal	
	3SG/Nº total	1PL/Nº total
1	185/191 96,9%	6/191 3,1%
2	237/238 99,6%	1/238 0,4%

No quadro acima, vemos que o padrão de concordância verbal desencadeado por *a gente* nas duas localidades do PB se dá na maior parte das vezes na 3ª pessoa do singular, coincidindo com a norma culta. Já a flexão na 1ª pessoa do plural é pouco produtiva, embora se ateste nas duas áreas (podendo considerar-se marginal na Chapada Diamantina – 2.RC). Já a concordância na 3ª do plural não foi atestada na amostra do PB dialetal.

Em conclusão: relativamente aos padrões de flexão verbal desencadeados por *a gente*,

PE e PB apresentam comportamentos semelhantes: ambas as variedades preferem a flexão na 3ª pessoa do singular; ambas também apresentam como segunda maior produtividade a flexão na 1ª pessoa do plural – um padrão que não chega a ser dominante em nenhuma localidade do PB ou do PE (embora no PE ultrapasse os 10% de frequência em várias das localidades estudadas e em três localidades apresente uma frequência igual ou superior a 20%). Já a concordância verbal na 3ª pessoa do plural é um ponto de diferenciação entre as duas variedades do português aqui estudadas, uma vez que só foi atestada em algumas localidades do PE, mesmo que com baixos índices de produção. Como mostra o estudo de Vianna e Lopes (2003), no entanto, esse padrão não é totalmente desconhecido no PB. Assim, se a amostra do PB dialetal analisada se estendesse a outros dialetos, além do semiárido baiano, é possível que o padrão de concordância na 3ª pessoa do plural tivesse sido atestado.

5.4.2 Flexão de gênero e número

Mostramos, no subcapítulo 4.5, que os quatro padrões de flexão de gênero e número descritos por Pereira (2003) para as estruturas predicativas com o pronome *a gente* são produtivos nos dialetos do PE estudados, isto é, há naqueles dialetos quatro combinações possíveis de *a gente* com adjetivos/particípios: no masculino-singular, no masculino-plural, no feminino-singular ou no feminino-plural. Repetimos, a seguir, os exemplos de Pereira (2003):

207) *A gente* está **cansado**. (masculino-singular)

208) *A gente* está **cansados**. (masculino-plural)

209) *A gente* está **cansada**. (feminino-singular)

210) *A gente* está **cansadas**. (feminino-plural)

Ao analisarmos os dados da amostra dialetal do PB, no entanto, identificamos a produtividade de apenas dois desses padrões de concordância: no masculino-singular e no feminino-singular⁵⁷. Exemplos da amostra do PB dialetal:

⁵⁷ Apesar de a amostra do PB dialetal estudada ser mais restrita do que a do PE, pudemos atestar todos os argumentos favoráveis à classificação de *a gente* como um pronome pessoal apresentados no subcapítulo 2.3 também nos dados do PB. Além da possibilidade de *a gente* desencadear concordância verbal na 3ª pessoa do singular e na 1ª do plural (como veremos mais adiante, no subcapítulo 5.4.1) e da possibilidade de variação na flexão do gênero (como vemos neste subcapítulo 5.4.2), também verificamos:

i) Possibilidade de *a gente* ocupar diversas posições na frase:

a) “Poque político tem uma mania... mania desgraçada de só enxergar *a gente* quando chega esse tempo.” (1.AF)

Masculino-singular:

211) Mas **a gente** quando é **novo** é meio **disbaseado** da cabeça. (1.AF)

212) ...fica difícil **pa gente** lutar **sozinho**, né? (1.AF)

213) DOC 2: O senhor é calmo? INF: Aí **a gente** tem que ser **disposto**. Não tem que... DOC1: Se agoniar é pior, né? (1.AF)

214) Tem hora que **a gente** tá nos canto da **gente** **sossegado** é melhor do que tá ne rua, ficar andano pra lá e pra cá. (2.RC)

215) DOC 1: Só naquele tempo era muita coisa, né? INF: Naquele tempo era. Só que depois que **a gente** fica mais **velho** parece que **a gente** vai esqueceno, né? (2.RC)

Feminino-singular:

216) Eu gostei, mas, assim, pra morar lá não queria não. Lugar muito violento, **a gente** fica muito **presa** ali. (2.RC)

217) As pessoa tem que trabalha pra viver, mas pelo meno **a gente** dorme o sono da **gente** tranqüilo, não precisa tá com medo, né? E ne outa cidade **a gente** só dorme com medo, só sai com medo e aqui não, **a gente** anda **sossegada**. (2.RC)

218) Gosto, o probema é... é porque aqui é um lugar sem conforto, né? Mas aqui é bom, sossego, criança pode sair qualquer hora, **a gente** não fica **preocupada**, né? (2.RC)

219) DOC 1: Aí! que marido bom. INF: **A gente** pranta... É, ele num deixa fazer nada não. **A gente** ficou mais **velha** e pega sentino também alguma coisa, né? que não pode tá mexeno em terra fria. Não posso mexer com terra fria. (2.RC)

220) Não tem a dizer que era toda festa **a gente** tinha aquela coisa de tá **pronta**, aquela roupa, aquela não serve aquele ano. (2.RC)

b) “Aí agora ela dava **a gente** as coisinha.” (2.RC)

c) “Deixou com a sogra dela, **com a gente**, com todo mundo, né.” (1.AF)

d) “INF: Em grupos. DOC 1: É? INF: Com os colegas **da gente**.” (2.RC)

ii) Possibilidade de **a gente** ocorrer em construções em que é o antecedente do pronome reflexivo *se*:

a) “Também aqui **a gente se casa** e ganha muita coisa também.” (2.RC)

iii) Possibilidade de **a gente** designar uma “pluralidade mais ou menos definida”, a 1ª pessoa do singular *eu* e a 1ª pessoa do plural *nós*:

a) “É um tempo que é muito difícil **pra gente** aqui, viu.” (1.AF).

b) “É, vai... vai dá certo, **eu acho** que em novembro, quando você vier aqui, já **tenho** diploma de verador. Posse **a gente** só vai tomar no dia primeiro...” (1.AF)

c) “**A gente** morava ali em baixo mais meu pai, mas depois venderu a casa e **nós** comprou essa aqui.” (2.RC)

iv) Possibilidade de interpretação pronominal arbitrária:

a) “Se **a gente** colocar bastante adubo químico mesmo pega, fica bem grande.” (2.RC)

Diferentemente do PE, no entanto, não atestamos na amostra dialetal do PB o duplo preenchimento do sujeito com **a gente** + o clítico *se* para a indeterminação.

Nos exemplos acima, vemos que a flexão no feminino-singular só foi atestada na localidade 2.RC, correspondente à Chapada Diamantina. Já o padrão no masculino-singular foi atestado em ambas as localidades⁵⁸.

Em conclusão: enquanto no PE dialetal estudado há quatro padrões de flexão de gênero e de número desencadeados por *a gente* em estruturas predicativas, na amostra do PB esses padrões são mais restritos: podem variar no gênero, feminino ou masculino, mas não no número, uma vez que são sempre flexionados no singular.

5.5 Os padrões de concordância verbal desencadeados por *nós*

Na análise do PE dialetal, vimos que o padrão de flexão verbal desencadeado pelo pronome de 1ª pessoa do plural *nós* é, em geral, na 1ª pessoa do plural. Naqueles dialetos, identificamos algumas poucas exceções de *nós* combinado a um verbo na 3ª pessoa do singular, um padrão que, além de pouco produtivo, é restrito a quatro localidades portuguesas. Exemplos do CORDIAL-SIN (PE):

221) Está aqui uns viveiros, e estão fazendo muitas coisas que não haviam de fazer: pôr pedras no rio. Se a natureza dá o marisco para *nós pescar*, foi a providência que deu. (15.ALV)

222) INF Ah, não, não! Nunca! Olhe que eu chego a minha casa, lá, (às vezes), vem uma pessoa de fora, eles logo vêm, logo perguntar: “É preciso alguma coisa”? *Nós* quando *vamos* a casa deles e eles à casa. ... Ou que *nós veja* que é gente assim duma certa coisa: “É preciso alguma coisa”? (19.COV)

223) INF Oh homem! Então *nós* (...) *estávamos* a caminhar bem, mas agora... Onde é que *nós tem*? ... A Junta, onde tem rendimento para fazer uma ponte? (36.STA)

Nos dados levantados para o PB dialetal, verificamos, no entanto, uma inversão nesses valores: ou seja, em vez de o padrão dominante ser *nós* + 1ª pessoa do plural, como na norma culta, a maior produtividade de *nós* se dá com o verbo na 3ª pessoa do singular⁵⁹, nas duas localidades estudadas do PB. Exemplos da amostra do PB dialetal:

⁵⁸ Conforme apontado por Lopes (2004), a flexão no masculino aparece tanto nas combinações com *a gente* como nas com *nós* – fato que interpretou como indício de que o masculino (forma neutra e não marcada no português) pode estar se generalizando.

⁵⁹ Diferentemente do que verificamos no PE dialetal, na amostra do PB a flexão verbal de *nós* + 3ª pessoa do singular não é favorecida pelo pós-posicionamento do sujeito. Pelo contrário, todas as ocorrências de *nós* + 3ª

- 224) Graças a nosso bom Deus, **nós tem** dado sorte com a saúde de nosso povo, de nossa região, né? Porque tem uns lugar que morre muita gente. (1.AF)
- 225) Eu lembro. Minha vó ali matava um bode, só cozinhava só o espinhaço e a cabeça pra **nós comer**, fazia só era o caldo, num botava farinha... (1.AF)
- 226) É Deus leva os trem, diz que **nós tem** cinco dedo na mão, fico os dedo e **nós** com a vida, quando Deus detreminar *a gente* arruma outro, põe no lugar. (1.AF)
- 227) Agora parado tomém **nós** não **pode** ficar. Quando o filho num tem do que sobreviver vai pra casa [inint] viveno com quarenta real? É difícil. (1.AF)
- 228) Eu fiquei foi nove mês pra namorar com a moça, depois quando foi de nove mês, foi que **nós casou**. (2.RC)
- 229) **Nós** não **tem** lavoura de nada, né? Só de arroz você comprou, foi mais de um saco, um saco, boi, trinta galinha. Foi trinta ou mais? (2.RC)
- 230) DOC: Levava as roupas pra trocar e tudo ainda? INF: Levava. Nas estradas, onde **nós parava**, **nós tomava** banho, tirava roupa. No outro dia ali quatro hora, já tinha que sair de novo... (2.RC)
- 231) Porque quando eu fui criada no... no criamento, quer dizer que era tudo diferente, poque, óh: se pai me falasse uma coisa, **nós obedecia**, num era? (1.AF)
- 232) Se **nós tivesse** um terreno de prantar café, eu hoje tava... hoje eu não trabaiava um dia pra ninguém. (2.RC)
- 233) DOC 2: A turma pesca é de rede é? INF: É de rede, é de anzol. **Nós pesca** mais é com rede. (2.RC)

Para efeitos de comparação dos índices de produtividades de *nós* + 3ª pessoa do singular e de *nós* + 1ª pessoa do plural, reunimos, no quadro a seguir, o total das ocorrências de cada uma das flexões verbais associadas ao pronome de 1ª pessoa do plural:

Tabela 30 - Os padrões de flexão verbal desencadeados por *nós* na amostra dialetal do PB do semiárido baiano

Local	Nós + flexão verbal	
	3SG/Nº total	1PL/Nº total
1	62/100 62%	38/100 38%
2	61/64 95,3%	3/64 4,7%

Na tabela acima, fica bastante evidente que a flexão *nós* + 3ª pessoa do singular é o padrão predominante nas duas localidades do PB. Em Chapada Diamantina, a flexão na 3ª pessoa do singular chega a ser quase categórica, visto que só atestamos três produções de *nós* + 1ª pessoa do plural de um total de 64 realizações com o pronome de 1ª pessoa do plural.

Em conclusão: os padrões de flexão verbal desencadeados por *nós* no PB e no PE dialetais analisados são bastante diferentes: enquanto a combinação *nós* + 3ª pessoa do singular é bastante rara e localizada nos dialetos do PE, este é o padrão dominante nas duas localidades estudadas do PB.

E mais: visto que as duas localidades do PB preservaram o pronome de 1ª pessoa do plural *nós* – apesar da inserção do concorrente inovador *a gente* –, mas que o padrão de flexão verbal desse pronome é predominantemente na 3ª pessoa do singular, concluímos que o enfraquecimento do sistema de flexão verbal pode ocorrer independentemente da alteração do sistema pronominal⁶⁰.

⁶⁰ Diversos estudos (Amaral, 2003; Mota, 2008 e Salles, 2001, entre outros) atestaram que, apesar da inserção do pronome *você* no quadro pronominal do PB, o pronome de 2ª pessoa do singular *tu* também se mantém preservado em algumas regiões do Brasil (em bastantes dialetos do sul do país, em alguns de São Paulo, como em Santos, e até na região interiorana de Minas Gerais, como em São João da Ponte, etc.). Apesar das realizações com o pronome em si, no entanto, as correspondentes formas verbais de 2ª pessoa do singular não foram preservadas em todas as localidades em que o pronome *tu* o foi. Em muitos dialetos, o padrão de flexão verbal desencadeado pelo pronome *tu* se dá predominantemente na 3ª pessoa do singular e não na 2ª do singular, ou seja, em vez de “*tu vais*”, a produção mais frequente é “*tu vai*”. Sendo assim, acrescentamos mais um argumento a favor da análise de que a simplificação do sistema de flexão verbal não está associada à simplificação do quadro pronominal (da mesma forma com que observamos com o pronome de 1ª pessoa do plural *nós*).

5.6 A hipótese de correlação diacrônica entre mudança do sistema pronominal, enfraquecimento da flexão verbal e alteração das propriedades de sujeito nulo no PB

Conforme vimos no subcapítulo 3.2, há, na literatura, a hipótese de correlação diacrônica entre: (i) a simplificação da pauta de pronomes com a inserção dos novos pronomes pessoais *a gente* e *você(s)* no quadro pronominal do PB, (ii) a simplificação do sistema de flexão verbal e (iii) a diminuição das ocorrências de sujeito nulo.

Acabamos de ver, no entanto, no subcapítulo 5.2, que a inserção de *a gente* no quadro de pronomes pessoais não resultou na simplificação do sistema pronominal do semiárido baiano⁶¹, visto que o pronome de 1ª pessoa do plural *nós* continua produtivo na amostra do PB (da mesma forma que continua na maior parte das localidades do PE). Vimos, por outro lado, que o PB, diferentemente do PE, sofreu uma redução no seu sistema de flexão verbal (uma vez que o pronome *nós* desencadeia predominantemente a concordância verbal na 3ª pessoa do singular e não na 1ª pessoa do plural). Sendo assim, interessou-nos verificar se a hipótese de correlação diacrônica descrita acima pode ser aplicada na amostra dialetal do PB a partir do seu segundo item (ii), ou seja, se a simplificação do sistema de concordância verbal pode ter desencadeado a redução nas ocorrências de sujeito nulo do PB.

Reunimos, então, no quadro a seguir, a totalidade dos dados referentes ao sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, à flexão de *nós* + 3ª pessoa do singular e à flexão de *nós* + 1ª pessoa do plural, nas duas localidades do PB:

⁶¹ Segundo Duarte (1993), há, no Brasil, uma crescente simplificação nos paradigmas flexionais, como podemos observar no quadro a seguir:

Evolução nos paradigmas flexionais do português				
Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª	singular	cant- <i>o</i>	cant- <i>o</i>	cant- <i>o</i>
2ª direta	singular	canta- <i>s</i>	---	---
2ª indireta	singular	canta- \emptyset	canta- \emptyset	canta- \emptyset
3ª	singular	canta- \emptyset	canta- \emptyset	canta- \emptyset
1ª	plural	canta- <i>mos</i>	canta- <i>mos</i>	canta- \emptyset
2ª direta	plural	canta- <i>is</i>	---	---
2ª indireta	plural	canta- <i>m</i>	canta- <i>m</i>	canta- <i>m</i>
3ª	plural	canta- <i>m</i>	canta- <i>m</i>	canta- <i>m</i>

Duarte (1993)

Segundo a autora, convivem atualmente no PB os paradigmas 2 e 3, muito embora o paradigma 2 esteja, segundo Duarte, “restrito hoje à língua escrita e à fala de uma geração situada numa faixa etária mais alta”; e o paradigma 3 seja cada vez mais dominante “em consequência da perda do pronome de primeira pessoa do plural *nós*, substituído na fala dos jovens e cada vez mais popular entre os falantes de faixas etárias mais altas, pela expressão *a gente*”.

Tabela 31 - A produtividade de *nós* + 1PL, de *nós* + 3SG e do sujeito nulo de 1PPL na amostra dialetal do PB do semiárido baiano

Local	<i>Nós</i> + 3SG Nº total	<i>Nós</i> + 1PL Nº total	Sujeito nulo P4 Nº total
1	62	38	54
2	61	3	14

Na tabela 31, vemos, mais uma vez que: (ii) houve enfraquecimento do sistema de flexão verbal (prova disso está na frequência superior de *nós* + 3ª pessoa do singular do que de *nós* + 1ª pessoa do plural) e (iii) há baixa produtividade de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural (comparando a frequência de sujeitos *nós* realizados com a frequência de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural, vemos que a preferência é pela realização do pronome *nós* do que pelo seu respectivo sujeito nulo). Além disso, já havíamos adiantado que (i) o pronome *a gente* está, de fato, inserido no quadro pronominal do PB, apresentando altos índices de produtividade, mas que a sua inserção não resultou na simplificação do sistema pronominal em nenhum dos locais do PB estudados (visto que houve manutenção da produtividade do pronome *nós*). Acrescentamos a essas constatações, ainda, o fato de que no PE dialetal estudado também houve a manutenção do pronome *nós* em concorrência com *a gente* e que, diferentemente do PB, essa variedade não sofreu simplificação no seu sistema de flexão verbal (uma vez que há alta produtividade das formas verbais de 1ª pessoa do plural) nem perdeu as propriedades de sujeito nulo (os índices de produção de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural são superiores aos de sujeito realizado com o pronome de 1ª pessoa do plural). Concluimos, assim, que o enfraquecimento do sistema de flexão verbal foi um fator fundamental no processo de redução das ocorrências do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, conforme previsto na hipótese de correlação diacrônica descrita anteriormente⁶².

É importante ressaltar, novamente, que a inserção de *a gente* no quadro pronominal do português não parece ter exercido qualquer influência no processo de redução das propriedades do sujeito nulo. Prova disso está nos altos índices de produtividade de *a gente* associados a altos índices de produtividade do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural atestados nos dialetos estudados do PE. Sendo assim, acreditamos que deve ser revista a hipótese de que o enfraquecimento da morfologia verbal é decorrente da alteração do quadro pronominal, com

⁶² A diferença na frequência de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural verificada entre os dois dialetos estudados do PB reforça a hipótese de relação entre enfraquecimento da flexão e decréscimo da produtividade do sujeito nulo, uma vez que o dialeto com maior frequência de *nós* + 3ª pessoa do singular é também o que tem menor frequência de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural.

a entrada dos novos pronomes *a gente* e *você(s)*.

Em conclusão: as propriedades do sujeito nulo na amostra dialetal do PB são as descritas na literatura e não as do PE (padrão ou dialetal), ou seja, o PB apresenta, de fato, uma produtividade restrita de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural nas duas localidades analisadas.

E mais: dado que a simplificação no sistema de flexão verbal é o ponto de maior diferenciação entre os dados analisados para o PE e o PB, concluímos que este pode ter sido um fator chave no processo de redução das ocorrências de sujeito nulo no PB.

5.7 Síntese dos resultados

De maneira resumida, vimos neste capítulo que:

i) Assim como na maioria das localidades do PE estudadas, a frequência de produtividade do pronome *a gente* é superior à frequência de produtividade do pronome *nós*.

ii) Apesar disso, o pronome pessoal *nós* coocorre com *a gente* mantendo uma alta frequência de produtividade. Nesse aspecto, o dialeto do PB estudado não difere substancialmente de grande parte dos dialetos analisados do PE.

iii) Assim como no PE, o padrão de flexão verbal desencadeado mais frequentemente por *a gente* na amostra do PB é na 3ª pessoa do singular. O segundo padrão de flexão mais frequente em ambas as variedades também é o mesmo, na 1ª pessoa do plural, embora a frequência de realização do padrão de concordância na 1ª pessoa do plural seja, globalmente, mais baixa no PB do que no PE (de acordo com as variedades dialetais estudadas).

iv) A concordância verbal de *nós* na 3ª pessoa do singular é claramente o padrão dominante na totalidade dos dados levantados no PB (em contraste com os dados do PE), o que mostra que o enfraquecimento da flexão verbal pode ocorrer independentemente da alteração do sistema pronominal.

v) Diferentemente dos dialetos do PE, a frequência de sujeitos realizados com *nós* na amostra do PB dialetal é superior à de sujeitos nulos de 1ª pessoa do plural

vi) A elipse de *a gente* também é produtiva nos dados analisados do PB, mas, da mesma forma que nos dialetos do PE, é limitada a contextos sintáticos específicos e não deve ser confundida com os verdadeiros sujeitos nulos.

vii) As propriedades do sujeito nulo na amostra dialetal do PB são as que estão descritas na literatura sobre o assunto e não as do PE. Nesse sentido, a correlação entre enfraquecimento da flexão verbal e alteração das propriedades de sujeito nulo parece receber apoio.

viii) Dado que inserção de *a gente* nos dialetos do PB e do PE estudados não resultou na redução do sistema pronominal dessas duas variedades do português (a produtividade de *nós* se mantém relevante em ambas) e que a redução do sistema de flexão verbal só é observada na amostra do PB, concluímos que a hipótese de correlação diacrônica entre a introdução dos pronomes *a gente* e *você(s)*, a simplificação do quadro pronominal e a redução do paradigma verbal deve ser revista.

Na tabela a seguir, encontram-se reunidos todos os dados levantados nas duas localidades estudadas da coleção *Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*:

Tabela 32 - *Nós, a gente* e o sujeito nulo de 1ª pessoa do plural na amostra dialetal do PB do semiárido baiano

Local	<i>A gente</i> (Sujeito realizado)	<i>Nós</i> (Sujeito realizado)	Sujeito elidido P3	Sujeito nulo P4
1	198 (185 com verbo na 3SG; 6 na 1PL)	103 (62 com verbo na 3SG; 38 na 1PL)	43 (todos com antecedente acessível)	54 (10 com antecedente acessível; 44, não)
2	238 (237 com verbo na 3SG; 1 na 1PL)	66 (61 com verbo na 3SG; 3 na 1PL)	77 (todos com antecedente acessível)	14 (1 com antecedente acessível; 13, não)

Local	<i>A gente</i> (Nº total)	<i>Nós</i> (Nº total)	<i>A gente</i> (Não-sujeito)	<i>Nós</i> (Não-sujeito)
1	229	114	31	11
2	279	74	41	8

6 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentaremos, neste capítulo de encerramento, uma breve revisão dos resultados obtidos nos capítulos anteriores, relativamente ao comportamento de *nós*, de *a gente* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental (*Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*, CORDIAL-SIN) e numa amostra de dialetos do PB (*Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*, ALFSB).

Assim, o nosso primeiro passo neste estudo foi verificar se a forma *a gente* é, de fato, utilizada com valor pronominal ao longo dos dialetos do PE e do PB estudados e qual é a abrangência dessa utilização. Verificamos, relativamente a essa questão, que a expressão *a gente* é empregada com valor pronominal em todos os dialetos do território continental português, sem exceção, da mesma forma como é usada na amostra dialetal do PB. Além de exercer a função sintática de sujeito (pronome pessoal nominativo), a expressão *a gente* também desempenha outras diversas funções, tais como de complemento direto, indireto, oblíquo, genitivo, etc.

A partir daí, quisemos então comparar a frequência da produtividade desse novo pronome com a frequência de produtividade do pronome tradicional de 1ª pessoa do plural *nós*. Verificamos, assim, que a expressão pronominal *a gente* é mais produtiva do que o pronome *nós* na amostra do PB, assim como em praticamente todo o território português (à exceção de três localidades do extremo norte do país, nomeadamente em Vila Praia de Âncora e Castro Laboreiro, ambas em Viana do Castelo, e em Santo André, em Vila Real, as quais apresentam índices superiores de *nós* relativamente aos de *a gente*). A produtividade de *nós* não só é inferior à de *a gente* na maioria dos nossos dados como não foi atestada em ao menos duas localidades do centro-sul de Portugal (nomeadamente em Cabeço de Vide, Portalegre, e em Alcochete, Setúbal).

Apesar de o número de ocorrências de *a gente* ser mais elevado do que o de *nós* quase que na totalidade dos dialetos estudados de ambas as variedades do português, verificamos que, ao contrário do que nos diz a bibliografia para o PB, o pronome *nós* nesta variedade coocorre com *a gente* mantendo uma alta frequência de produtividade. Nesse aspecto, então, a amostra dialetal do PB estudada não difere substancialmente de grande parte dos dialetos do PE continental.

Visto que a produtividade de *nós* é globalmente inferior à de *a gente*, interessou-nos verificar qual é a produtividade do seu correspondente sujeito nulo, isto é, do sujeito nulo de

1ª pessoa do plural. Comparando, para tanto, as frequências do sujeito pronominal *nós* às frequências do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, identificamos um ponto de grande distanciamento no comportamento das duas variedades do português: enquanto nas localidades da amostra dialetal do PB os índices de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural são inferiores aos do sujeito pronominal *nós* realizado, nos dialetos do PE continental os índices de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural são sempre superiores aos do pronome *nós overt* (à exceção de uma única localidade ao norte do país, nomeadamente em Fiscal, Braga, a qual apresenta 35 ocorrências de sujeito realizado com *nós* contra 33 de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural). No PE, a produtividade do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural não só é mais alta como foi atestada, inclusive, nas duas localidades em que o pronome *nós* não foi verificado nenhuma única vez.

Além do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural, também identificamos nos nossos dados a elipse da expressão pronominal *a gente*, tanto nos dialetos do PE como nas localidades do PB estudados. Apesar, no entanto, de essas elipses serem bastante produtivas relativamente ao número de ocorrências, verificamos que elas são bastante restritas em relação aos contextos sintáticos em que ocorrem: diferentemente dos verdadeiros sujeitos nulos, as elipses correferentes a *a gente* só são licenciadas nos contextos em que haja um antecedente realizado acessível (nos padrões de Barbosa, Duarte e Kato, 2001). Por isso, essas elipses não devem ser confundidas com os verdadeiros sujeitos nulos (os quais podem ocorrer em variados contextos sintáticos).

Outro ponto analisado neste estudo refere-se às concordâncias verbais desencadeadas pelo pronome *a gente*. Na análise dos dados do PE, encontramos os três padrões de flexão verbal que estão descritos na literatura, quais sejam: na 3ª pessoa do singular (*a gente vai*), na 1ª pessoa do plural (*a gente vamos*) e na 3ª pessoa do plural (*a gente vão*). No PB, no entanto, identificamos apenas dois desses padrões, quais sejam: na 3ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do plural. Como está descrito na literatura, no entanto, o padrão de concordância verbal de *a gente* com a 3ª pessoa do plural não é totalmente desconhecido no PB. Assim, se a amostra do PB dialetal analisada neste estudo se estendesse a outros dialetos, além dos do semiárido baiano, é possível que esse padrão de concordância também tivesse sido atestado.

Relativamente aos índices de produtividade de cada um dos padrões de flexão verbal desencadeados por *a gente*, verificamos que a flexão na 3ª pessoa do singular é, de longe, a mais produtiva nos dialetos do PE e do PB estudados (além de ter sido o único padrão

atestado na globalidade dos dados do PE⁶³). A segunda maior produtividade também é a mesma nos dialetos do PB e do PE, ou seja, *a gente* com a 1ª pessoa do plural (embora a realização desse padrão seja, globalmente, mais baixa nos dados do PB do que nos do PE). Já a produtividade de *a gente* com a 3ª pessoa do plural é, além de a menos produtiva, a mais restrita territorialmente (identificamos um total de nove ocorrências distribuídas em sete localidades portuguesas⁶⁴).

Os padrões de concordância verbal desencadeados por *nós*, por sua vez, são um ponto de grande distanciamento entre o comportamento dos dialetos do PE e do PB analisados. Enquanto atestamos no PE um padrão quase categórico de *nós* com a 1ª pessoa do plural (à exceção de pouquíssimas produções de *nós* com a 3ª pessoa do singular), nas localidades do PB, ao contrário, verificamos que o padrão de flexão verbal desencadeado por *nós* é predominantemente na 3ª pessoa do singular. Ou seja, em vez de flexionar o verbo na 1ª pessoa do plural, como determina a norma culta (*nós vamos*), os dialetos do PB sofreram uma expressiva redução no seu sistema de concordância verbal ao preferirem, majoritariamente, a flexão na 3ª pessoa do singular (*nós vai*)⁶⁵.

Tratamos, ainda, neste estudo, da hipótese que há na literatura sobre a correlação diacrônica entre a mudança do quadro pronominal (com a inserção dos novos pronomes *a gente* e *você(s)*), a redução do sistema de flexão verbal e a diminuição/eliminação do sujeito nulo do PB. Interessou-nos, então, testar se essa hipótese também pode ser aplicada, ainda que parcialmente, nos dados levantados no PE dialetal. Ao compararmos, no entanto, as localidades do PE em que há altas produtividades de *nós* associadas a baixas de *a gente* com aquelas em que há altas produtividades de *a gente* associadas a nenhuma ou a baixas produtividades de *nós*, não notamos qualquer correlação constante entre a frequência de produtividade de *a gente* e a frequência de produtividade do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural. Ou seja, altos índices de produtividade de *a gente* não correspondem necessariamente a baixos índices de produtividade de sujeito nulo (ao menos do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural) e vice-versa. Verificamos, assim, que a hipótese de correlação descrita para o PB – na qual a inserção de *a gente* no quadro pronominal leva, em última instância, à eliminação/diminuição dos índices de sujeito nulo – não parece fazer sentido perante os dados

⁶³ Na amostra do PB, atestamos tanto o padrão de concordância de *a gente* com a 3ª pessoa do singular como de *a gente* com a 1ª do plural na globalidade dos dados.

⁶⁴ Conforme está descrito na literatura, o padrão de concordância verbal de *a gente* com a 3ª pessoa do plural é produtivo na ilha de São Miguel. Atestaríamos, então, muito provavelmente, um maior número de ocorrências desse padrão se a nossa análise se estendesse aos dialetos portugueses insulares.

⁶⁵ Ou seja, sem morfema específico de pessoa e de número.

analisados para o PE. Concluímos, dessa forma, que as propriedades do sujeito nulo nos dialetos do PE com alta frequência de *a gente* são as descritas para o PE padrão e as mesmas dos dialetos com alta frequência de *nós*, ou seja, as propriedades do PE enquanto língua de sujeito nulo são constantes através dos seus dialetos.

Ainda relativamente à hipótese de correlação diacrônica descrita acima, interessou-nos testar se a inserção de *a gente* no PE dialetal exerceu alguma influência na produtividade das formas verbais de 1ª pessoa do plural. Comparamos, então, para tanto, os três padrões de realização da 1ª pessoa do plural atestados nos nossos dados (isto é, 1ª pessoa do plural associada a um sujeito nulo, 1ª pessoa do plural associada ao pronome *nós* e 1ª pessoa do plural associada ao pronome *a gente*) e verificamos, mais uma vez, que, diferentemente do que é descrito para o PB, a entrada de *a gente* no sistema pronominal do PE dialetal não resultou na redução do sistema de flexão verbal: combinadas a uma categoria vazia *pro* ou aos pronomes *nós* e *a gente*, as formas verbais de 1ª pessoa do plural continuam preservadas e apresentam altos índices de produtividades ao longo de todo o território português. Além disso, dado que o padrão de concordância verbal de 1ª pessoa do plural combinado à expressão pronominal *a gente* está presente em diversas localidades do PE, mas nunca é o padrão dominante, verificamos que a manutenção das formas verbais de 1ª pessoa do plural não depende deste novo padrão de concordância, isto é, de *a gente* + 1ª pessoa do plural. Comparando a frequência de 1ª pessoa do plural + sujeito nulo com a frequência de 1ª pessoa do plural + *a gente*, vê-se que essa forma verbal se associa mais frequentemente a um pronome nulo do que ao pronome *a gente* (a frequência de produtividade de 1ª pessoa do plural + *nós* encontra-se no meio das anteriores, isto é, é a segunda mais produtiva nos nossos dados).

Testamos, ainda, a hipótese de correlação diacrônica nos dados da amostra do PB dialetal. Como já havíamos visto anteriormente, a produtividade da nova expressão pronominal *a gente* não resultou na eliminação do antigo pronome de 1ª pessoa do plural *nós*⁶⁶ (nem nos dialetos do PE, nem nos do PB aqui estudados), o que significa, portanto, que a inserção de *a gente* não foi o gatilho da reação em cadeia que culminou na perda/redução das propriedades do sujeito nulo do PB. A partir desse ponto, interessou-nos então analisar se

⁶⁶ Conforme mostramos nos capítulos anteriores, diversos autores descrevem que a preservação do pronome *nós* no PB está atualmente restrita à fala de uma geração com idade mais avançada e a textos formais. Segundo eles, quanto mais novos e menos escolarizados forem os informantes, menor a produtividade de *nós* e maior a de *a gente*. Apesar, no entanto, de o nosso *corpus* ser constituído inteiramente de língua falada, informal, de informantes pouco escolarizados e com idades variadas, verificamos que a produtividade do pronome de 1ª pessoa do plural *nós* se mantém relevante na amostra dialetal do PB aqui estudada.

o enfraquecimento do sistema de flexão verbal pode ter sido o verdadeiro desencadeador da redução do sujeito nulo no PB. Comparamos, para tanto, os dados levantados no PE com os do PB e vimos que: no PE, além de não simplificar o sistema pronominal, a inserção de *a gente* também não levou à simplificação do sistema de flexão verbal (o padrão predominante de concordância verbal de *nós* continua a ser na 1ª pessoa do plural, nunca apresentando índices inferiores a 80%) nem resultou na redução das ocorrências do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural (a produtividade do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural é, em geral, bem mais alta do que a do sujeito pronominal realizado com *nós*). Nas localidades do PB, muito diferentemente, vimos que houve redução tanto no sistema de flexão verbal (a frequência da concordância verbal de *nós* na 1ª pessoa do plural é de no máximo 38%, enquanto que a frequência da concordância verbal na 3ª pessoa do singular chega a atingir os elevados 95,3%) como nos índices de produtividade do sujeito nulo (a produtividade do sujeito *nós* realizado é sempre bem mais elevada do que a do seu correspondente sujeito nulo). Concluímos, assim, que as propriedades do sujeito nulo na amostra dialetal do PB são as que estão descritas na literatura e que há, de fato, correlação entre o enfraquecimento da flexão verbal e a alteração das propriedades de sujeito nulo⁶⁷.

A partir das informações expostas acima, podemos, ainda, fazer as seguintes generalizações:

i) A inserção de um pronome pessoal nominativo no quadro pronominal não resulta necessariamente no desaparecimento/marginalidade de outro pronome pessoal correspondente (paralelamente à produtividade de *a gente* atestamos índices relevantes de produtividade de *nós* na maioria dos dialetos do PE e do PB estudados).

ii) O desaparecimento/marginalidade de um pronome pessoal nominativo não leva obrigatoriamente ao desaparecimento da sua correspondente forma verbal (há produtividade das formas verbais de 1ª pessoa do plural associadas a um sujeito nulo e ao pronome *a gente* em todas as localidades do PE onde não há produtividade de *nós*).

iii) A simplificação/alteração do quadro pronominal não provoca obrigatoriamente a eliminação/redução das propriedades de sujeito nulo (as ocorrências do sujeito nulo de 1ª

⁶⁷ A localidade da amostra dialetal do PB que apresenta a maior taxa de concordância de *nós* com a 3ª pessoa do singular (95,3%) é também a que apresenta os menores índices de sujeito nulo de 1ª pessoa do plural (18,6%), o que contribui para a análise de que o enfraquecimento do sistema de concordância verbal levou à redução das ocorrências do sujeito nulo (ao menos do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural).

pessoa do plural são atestadas até mesmo nas localidades do PE onde não há mais produtividade do pronome *nós*).

iv) O enfraquecimento do sistema de flexão verbal pode ocorrer independentemente da alteração do sistema pronominal (a produtividade do pronome *nós* está preservada na amostra dialetal do PB, mas o padrão de flexão verbal desencadeado por esse pronome, não. O padrão de flexão verbal desencadeado por *nós* na amostra do PB é predominantemente na 3ª pessoa do singular e não na 1ª do plural).

v) O enfraquecimento do sistema de flexão verbal resulta na redução/marginalidade das ocorrências do sujeito nulo (as localidades do PB que reduziram o padrão de flexão verbal desencadeado por *nós* também reduziram os índices do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural).

Resumidamente, vimos, então, que a inserção de *a gente* no sistema pronominal do português não resulta na eliminação/marginalidade de *nós*; a eliminação de *nós*, da mesma forma, não resulta na eliminação/marginalidade das formas verbais de 1ª pessoa do plural; já a eliminação/marginalidade das formas verbais de 1ª pessoa do plural resulta, por sua vez, na eliminação/marginalidade das propriedades do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural na amostra dialetal do PB analisada neste estudo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, N. M. (1985). *Gramática metódica da língua portuguesa* (33a ed.). São Paulo: Saraiva.
- Amaral, L. I. C. (2003). *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Araújo, E. (2009). As construções de tópico (capítulo 9). In D. Lucchesi, A. Baxter, I. Ribeiro (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- Barbosa, P., Duarte, M. E. L. & Kato, M. A. (2001). A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro. *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 539-550). Lisboa: AP.
- Barbosa, P., Duarte, M. E. L. & Kato, M. A. (2005). Null Subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2), 11-52.
- Bechara, E. (1967). *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional.
- Borges, P. R. S. (2004). *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Brito, A. M., Duarte, I. & Matos, G. (2003a). Estrutura da frase simples e tipos de frases (capítulo 12). In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Brito, A. M., Duarte, I. & Matos, G. (2003b). Tipologia e distribuição das expressões nominais (capítulo 20). In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Carrilho, E. (2000). Expletivos do português europeu em foco: a evidência dos dados dialectais. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, Lisboa. Associação Portuguesa de Linguística.
- Cegalla, D. P. (2010). *Novíssima gramática da língua portuguesa*. (48a ed.) São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- Cintra, L. F. L. (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22, 81-116.
- Costa, J. & Pereira, S. (2005). *Phases and Autonomous Features: A Case of Mixed Agreement in European Portuguese*. Disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/pdfs_publicacoes/costa_pereira_2005.pdf
- Costa, J. & Pereira, S. (2013). A gente: Pronominal Status and Agreement Revisited. *The Linguistic Review*, 30(2), 161-184.
- Costa, J., Moura, D., Pereira, S. & Araújo, C. (2001). Concordância com a gente: um problema para a teoria de verificação de traços. *Actas do XVI Encontro Nacional da APL* (pp. 637-657).
- Cunha, C. F. & Cintra, L. F. L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cyrino, S. M. L., Duarte, M. E. L. & Kato, M. A. (2000). Visible Subjects and Invisible Clitics in Brazilian Portuguese (pp. 55-73). In M. A. Kato & E. V. Negrão (Eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Vervuert.
- Duarte, M. E. L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil (capítulo 3). In I. Roberts & M. A. Kato (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp.
- Duarte, M. E. L. (1995). *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Duarte, M. E. L. (2003). A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos (pp. 115-128). In M. C. Paiva & M. E. L. Duarte. (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Jaeggli, O. & Safir, K. J. (1989). The Null Subject Parameter and Parametric Theory (pp. 1-44). In O. Jaeggli & K. J. Safir (Eds.). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Kato, M. A. & Tarallo, F. (1988). Restrictive VS Syntax in Brazilian Portuguese: Its Correlation with Invisible Clitics and Visible Subjects. *Georgetown Round Table in Languages and Linguistics*. Washington, DC.

- Kato, M. A. (2000). A restrição de mono-argumentalidade da ordem V-S no português do Brasil. *Fórum Linguístico*, 2, 97-127.
- Kato, M. A. (2002). A evolução da noção de parâmetros. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 18(2), 309-337. doi:10.1590/S0102-44502002000200006
- Lopes, C. R. S. (1993). *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Lopes, C. R. S. (2003). *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana.
- Lopes, C. R. S. (2004). A gramaticalização de a gente em português em tempo real e de longa duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, 4(1), 47-80.
- Lopes, C. R. S. (2007). Pronomes pessoais (vol. 1, pp. 103-114). In S. F. Brandão & S. R. Vieira (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto.
- Lucchesi, D. (2009a). A realização do sujeito pronominal (capítulo 6, pp. 167-183). In D. Lucchesi, A. Baxter & I. Ribeiro (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba.
- Lucchesi, D. (2009b). A representação da primeira pessoa do plural (capítulo 19, pp. 457-469). In D. Lucchesi, A. Baxter & I. Ribeiro (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba.
- Marquesi, S. & Andrade, C. (Orgs.). (2008). *Abordagens da linguística: caminhos para a pesquisa*. São Paulo: Terracota.
- Martins, A. M. & Nunes, J. (2006). Syntactic Change as Chain Reaction: The Emergence of Hyper-raising in Brazilian Portuguese. *Diachronic Generative Syntax Conference – DIGS*, 9. Università di Trieste. Disponível em http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/cordialsin/pdfs_publicacoes/martins_nunes_syntactic_prelo.pdf
- Martins, A. M. (2009). Subject Doubling in European Portuguese Dialects (pp. 179-200). In E. O. Aboh, E. Linden, J. Quer & P. Sleeman (Eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory: Selected Papers from “Going Romance”*, Amsterdam 2007. Amsterdam: John Benjamins. (Trabalho original publicado em 2007).

- Mateus, M. H. M. & Cardeira, E. (2007). *Norma e variação*. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M. H. M. & Nascimento, F. B. (Orgs.). (2005). *A língua portuguesa em mudança*. Lisboa: Caminho.
- Melo, G. C. (1980). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Menuzzi, S. M. & Othero, G. A. (2008). Sintaxe X-Barra: uma aplicação computacional. *Working Papers em Linguística. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Linguística* [Número especial], 15-29.
- Menuzzi, S. M. (1999). *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. Dissertação de Doutorado, HIL/Leiden University, Leiden, NL.
- Menuzzi, S. M. (2000). First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: Chains and Constraint Interaction in Binding. In J. M. M. Costa (Ed.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. New York: Oxford University Press.
- Modesto, M. (2008). Topic and Null Subjects (pp. 375-409). In T. Biberauer. *The Limits of Syntactic Variation*.
- Monteiro, J. L. (1991). *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Mota, M. A. (2008). *A variação dos pronomes “tu” e “você” no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Nascimento, M. F. B. (1989). A gente, um pronome da 4ª pessoa. *Actas do Congresso sobre a Investigação e Ensino do Português* (pp. 480-490). (Trabalho original apresentado em 1987).
- Negrão, E. & Müller, A. L. (1996). As mudanças no sistema pronominal do português do Brasil: substituição ou especialização de formas? *Delta*, 12(1), 125-152.
- Oliveira, M. S. D. & Santos, E. F. (2007). Pronomes nulos na posição de sujeito no português de Angola: um estudo preliminar. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, 9, 85-101.

- Pereira, S. M. B. (2003). *Gramática comparada de a gente: variação no português europeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Salles, M. (2001). *Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro: um estudo de pragmática histórica*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Santos, A. M. B. (2010). O português moçambicano entre o português brasileiro e o português europeu. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, 12(1), 27-39.
- Vianna, J. B. S. & Lopes, C. R. S. (2003). Nós e a gente na sincronia: correlação entre os traços formais e os semântico-discursivos. *Anais do Encontro do Celsul*, 5 (pp. 671-676). Curitiba, PR.
- Vianna, J. B. S. (2003). Nós e a gente sob um novo olhar: estratégias de concordância de gênero e número. *Ao Pé da Letra*, 4(2), 123-132.
- Weir, A. (2012). Left-edge Deletion in English and Subject Omission in Diaries. *English Language and Linguistics*, 16(1), 105-129. Disponível em http://umass.academia.edu/AndrewWeir/Papers/780804/Leftedge_deletion_in_English_and_subject_omission_in_diaries